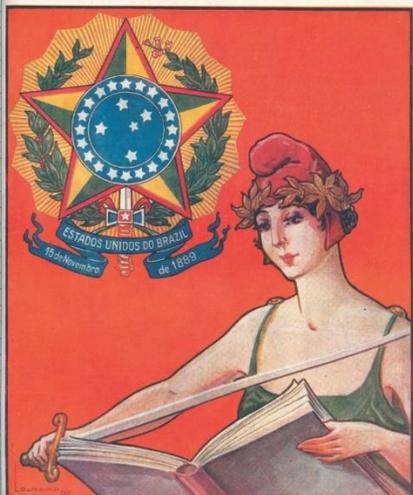


**REVISTA DA SEMANA**  
ANNO XXVI — N. 47  
14 de Novembro de 1925

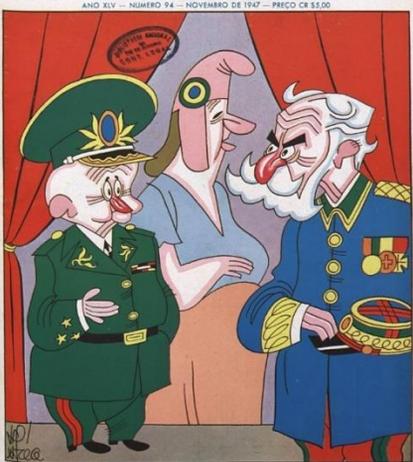


NOVEMBRO 1925  
**Carreta**  
NÚMERO 2.344  
ANO XLIV  
DOIS CENTÉSIMOS EM TODO O BRASIL



**Fora de seu lugar**  
Diretora — Para distribuir o Império doembalado à esquerda!  
A República — E até agora ainda não a colocaram na direita...

**O MALHO**  
ANO XLV — NÚMERO 94 — NOVEMBRO DE 1947 — PREÇO CR \$1,00



Diretora — Esse, meu Direta, não é República de meus sonhos!  
Direta — É a República de meus sonhos...



**Ilustração Brasileira**  
ANO XXXI — NÚMERO 113 — NOVEMBRO, 1944 — PREÇO C\$ 5,00



Coleção  
Documentos  
**76**

# O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa

**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia



**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**



# O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA





## Conselho Editorial

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Virgínia Camilotti (UNIMEP)

Francisco das Neves Alves

# O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



- 76 -



UIDB/00077/2020



Lisboa / Rio Grande  
2023

## Ficha Técnica

Título: O Dia da República e a imprensa periódica

Autor: Francisco das Neves Alves

Coleção Documentos, 76

Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira

Capa: REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 14 nov. 1925; O MALHO. Rio de Janeiro, nov. 1947; CARETA. Rio de Janeiro, 17 nov. 1951; ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1944.

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande, Abril de 2023

ISBN – 978-65-89557-65-4

## O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

## ÍNDICE

Os primeiros aniversários da república na imprensa ilustrada e caricata carioca: *O Mequetrefe* / 9

O Dia da República ao longo de seis decênios nas páginas do *Correio Paulistano* / 25

Incursões ao 15 de Novembro em longevas revistas ilustradas cariocas / 157



OS PRIMEIROS ANIVERSÁRIOS DA  
REPÚBLICA NA IMPRENSA  
ILUSTRADA E CARICATA CARIOCA: *O*  
*MEQUETREFE*

Desde cedo, o 15 de Novembro foi escolhido como uma das datas cívicas nacionais, como estratégia para reforçar a relevância da nova forma de governo. A imprensa teve um papel relevante em tal processo de afirmação, como foi o caso dos periódicos ilustrados, humorísticos e caricatos publicados no Rio de Janeiro. Dentre eles, esteve *O Mequetrefe* editado na capital imperial/federal entre 1875 e 1892, atingindo uma significativa longevidade para as publicações de seu gênero. Em suas páginas, desenharam alguns dos principais caricaturistas da época, mantendo a verve e o sarcasmo contra os políticos e o clero<sup>1</sup>, além do que, diversos escritores de destaque do final do século XIX atuaram na redação das matérias textuais<sup>2</sup>. Suas construções discursivas e imagéticas foram marcadas pela picardia e pela síntese, com legendas e textos curtos, diretos e incisivos, com uma ironia predominante e a consciência do valor da leitura ligeira, deixando de lado os meandros para dizer algo que poderia ser enunciado de modo simples. No segmento iconográfico intentou dar maior variedade aos temas comentados<sup>3</sup>.

O pensamento republicano acompanhou as pautas editoriais de *O Mequetrefe* desde suas origens, de modo que as repercussões acerca do 15 de Novembro reverberaram em suas páginas, fosse no próprio ano da proclamação,

---

<sup>1</sup> LIMA, Herman, *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1. p. 116.

<sup>2</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 217.

<sup>3</sup> COSTA, Carlos Roberto. *A revista no Brasil, o século XIX*. São Paulo: USP, 2007 (Tese de Doutorado). p. 205.

ou ainda nos primeiros aniversários da implantação da república<sup>4</sup>. O conturbado aniversário republicano de 1891 foi agitado pelo golpe de Estado perpetrado pelo Presidente Deodoro da Fonseca, no sentido de fechar o Congresso Nacional, para retomar o poder concentrado em suas mãos, com o regime ditatorial. Contando com forte oposição junto à imprensa e ao próprio parlamento, além de não contar com adesão mais firme das forças armadas, o ato presidencial acabou fadado ao fracasso, vindo Deodoro a se ver na contingência de deixar o cargo. Nessa época, *O Mequetrefe*<sup>5</sup> retomava suas edições, após alguns meses de interrupção motivada pelo falecimento de seu proprietário. Nesse número de retorno, em novembro de 1891, o periódico realizava uma homenagem à república, estampando a figura da dama republicana homenageando a Benjamin Constant e a Tiradentes<sup>6</sup>.

Já na outra edição de novembro de 1891<sup>7</sup>, a folha ilustrada e humorística carioca apresentava as consequências do golpe presidencial, com a sua queda e a ascensão de um novo governo, liderado pelo Vice-Presidente Floriano Peixoto, o qual tinha estampado o seu retrato, assim como os de alguns dos membros do novo ministério. Além disso, trouxe aos leitores um “Artigo de fundo” centrando críticas a Deodoro da Fonseca e ao seu principal ministro, o Barão de Lucena, ataques que se mantiveram em conjunto caricatural no qual o semanário não só

---

<sup>4</sup> As referências neste trabalho ao 15 de Novembro em *O Mequetrefe* referem-se às edições de novembro de 1891 e 1892, pois o ano de 1890 não faz parte do acervo disponível.

<sup>5</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro nov. 1891 (n. 531).

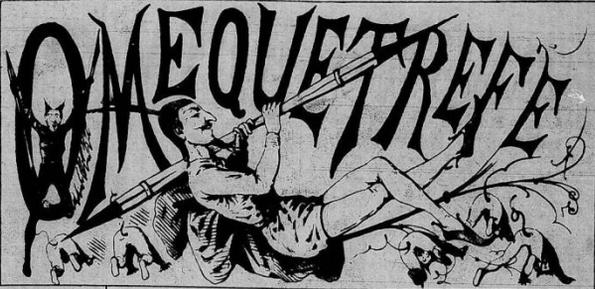
<sup>6</sup> Ver o número 70 desta Coleção.

<sup>7</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro nov. 1891 (n. 532).

comentava a situação política nacional, como demarcava a recepção pelo seu retorno, a qual era concluída pela presença de Floriano Peixoto expulsando os adeptos do Presidente decaído e o próprio representante do hebdomadário, adepto da nova situação, dando “vivas” à república. O olhar crítico aos antigos detentores do poderes se estendeu também nos versinhos denominados “Abaixo a rolha” e “Versos a diversos” e no breve noticiário intitulado “Notas esparsas”.

O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

ANNO 17. Nº 532



ASSIGNATURAS  
CAPITAL FEDERAL  
Anno 16\$000  
Semestre 8\$000  
Trimestre 5\$000

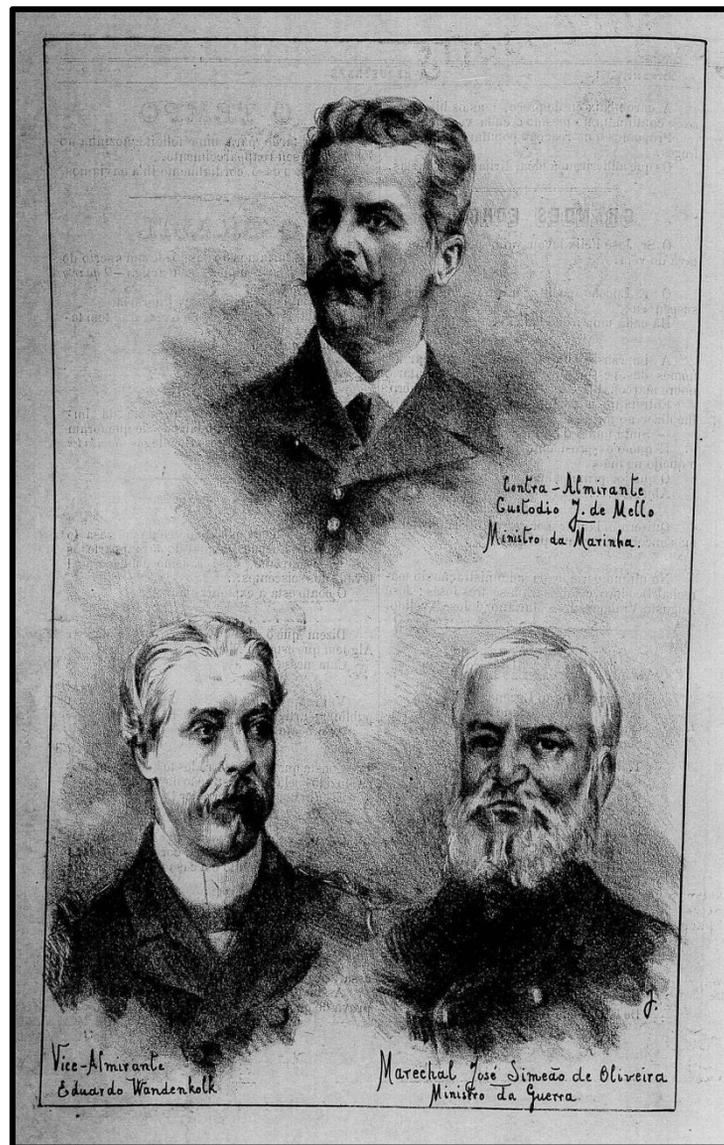
PROPRIEDADE DA VIUVA DE EDUARDO JOAQUIM CORREA  
Redacção, Rua da Quitanda n. 7. Sobrado.

ASSIGNATURAS  
ESTADOS  
Anno 20\$000  
Semestre 12\$000  
Anual 5\$000



Marechal Floriano Peixoto

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



ARTIGO DE FUNDO

“Falemos com a seriedade imposta pelas circunstâncias, embora o nosso programa se resuma na canção de Désaugiers: *Il faut rire*.

O raio que fulminou no dia 23 o infeliz marechal Deodoro era esperado: 1º, porque não há bem que sempre dure, nem *mal* que se não acabe; 2º, porque este mundo é uma gangorra: agora estou eu por cima, logo estou por baixo.

O ex-Presidente da República, que de glórias se cobrira em 15 de Novembro, deu o primeiro passo no caminho da impopularidade ao despedir do palacete Itamarati os membros do Governo Provisório que mais simpáticos eram à causa popular, uns pelo seu carácter austero, outros porque aliavam a este a qualidade preciosa de serem republicanos históricos.

Alijando Wandenkolk, Demétrio Ribeiro, Campos Sales, Glicério e Quintino Bocaiuva, o marechal Deodoro teve a infelicidade de se rodear de ambiciosos vulgares, restos de uma monarquia carunchosa, verdadeiros detritos em decomposição e o pior deles: o Barão de Lucena, estrábico divergente, convergente e alternante, cuja política ou foi a de um consumado inepto ou a do mais torpe dos especuladores.

O marechal Deodoro confiou demasiadamente no seu primeiro ministro; entregou-se-lhe de corpo e alma, sendo por ele iludido até a última hora, como aquele pobre velho o foi também pelo Sr. de Ouro Preto.

O marechal Deodoro sabia da conspiração que em torno dele se tramava, mas para abafá-la contava com elementos de que na realidade não dispunha.

Uma vez no plano inclinado a que o arrastou o Barão de Lucena, seu compadre e amigo, o marechal Deodoro não podia recuar, não podia transigir, ante a primeira dificuldade que deparasse ou com a primeira imposição que lhe fizessem.

O primeiro dever de um homem que chegou à posição do marechal Deodoro é o de saber manter-se nela.

Daí as medidas de reação; o *veto*; a dissolução do Congresso.

Travou-se a luta entre o marechal Deodoro, fatalmente arrastado para o terreno da ilegalidade, e o Congresso, representando a nação.

A prisão do almirante Eduardo Wandenkolk, o ídolo da Armada, determinou da parte desta a reação que de há muito se esperava.

O marechal Deodoro foi vencido.

Pois bem! Apesar dos grandes males que nos causou, respeitemo-lo!

Foi ele o proclamador da República Brasileira!

Podendo morrer de espada em punho, preferiu depor o poder nas mãos do seu legítimo substituto para evitar a efusão de sangue.

Repugnou-lhe o odioso papel de Balmaceda.

Hoje que nos sentimos felizes, que podemos respirar, agir, falar desassombadamente, graças a Floriano Peixoto e a Wandenkolk, ergamos um viva aos vencedores, mas descubramo-nos respeitosamente ao passarmos pelos vencidos.”

ABAIXO A ROLHA

“Veio abaixo a infame rolha!  
Já conosco ninguém ralha!  
Que repita cada folha:  
Veio abaixo a infame rolha!  
O Lucena que a recolha  
Pois que nele melhor calha.  
Veio abaixo a infame rolha!  
Já conosco ninguém ralha!”

VERSOS A DIVERSOS

“Henrique Barão Lucena  
Participa a todo o mundo,  
Que se retirou da cena  
Sentido pesar profundo.

T. de Alencar Araripe,  
Feito mingau de araruta,  
Quer que ninguém o destripe  
Por não ser o homem de luta.

O *desembargado* Antônio  
Luís Afonso de Carvalho  
Exclamou: Vai-te, demônio,  
Pasta de tanto trabalho!

O Justo Leite Chermont,  
Das externas relações,  
Disse apenas: Foi bem bom!  
Já não tenho entalações!

O D. João da Agricultura,  
O nosso Barbalho Uchoa,  
Foi se entregar à cultura  
De batatas em Lisboa.”

#### NOTAS ESPARSAS

“O Sr. Henrique de Lucena deixou de ser ministro; consta-nos, porém, que continua a ser – Barão. (...)

Asseveram-nos que o Sr. Barão Henrique recolheu-se à privada. (Vida). (...)

Estamos autorizados a declarar que o Sr. Henrique Barão deixou a pasta da Fazenda... intitulada – o Brasil. Enfim! (...)

Acha-se enfermo o Sr. Barão de Lucena.

O alimento de S. Ex. tem sido apenas nestes últimos dias algumas fatias de pão do exílio.

É seu médico assistente o Dr. Bomfim.

Consta que S. Ex. irá convalescer no Desterro. (...)

Uma observação:

Antes de 23 de novembro ouvíamos frequentemente:

– Não temos garantias! Já no dia 25 ouvimos as mesmas palavras... proferidas por um amigo do governo deposto.

Nem o diabo será capaz de governar a contento geral!"

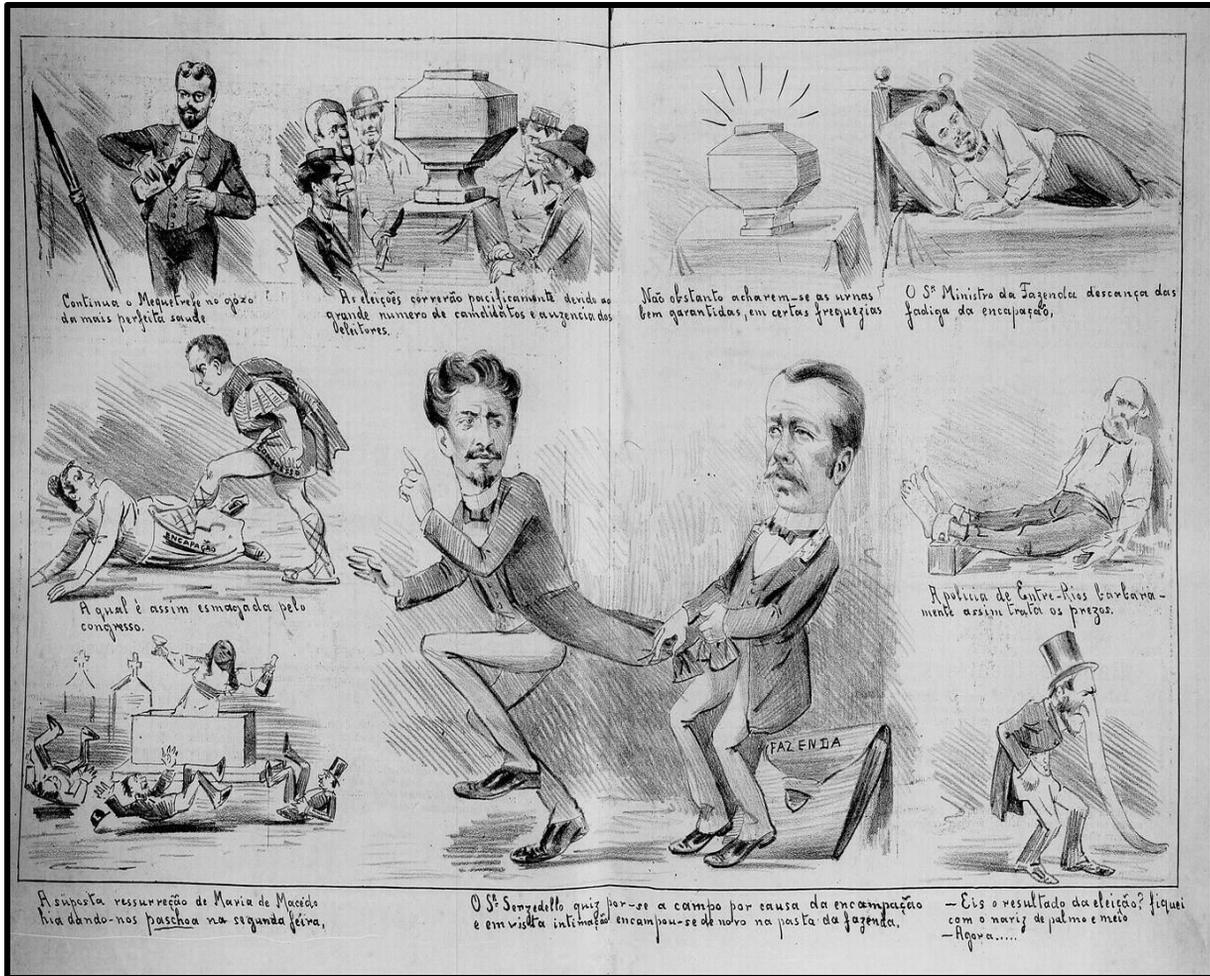
Já em novembro de 1892<sup>8</sup>, por ocasião do terceiro aniversário da república, ainda que permanecesse ao lado da situação, *O Mequetrefe* não deixava de lado seu espírito crítico ao avaliar as ações governamentais, demonstrando os pontos de apreciação negativa por meio de conjunto caricatural. Outro alvo do semanário eram os promotores de projetos de restauração monárquica, acusando que “o sebastianismo existe” e aconselhando que os governistas deveriam ter “todo escrúpulo na escolha dos cidadãos para empossá-los de qualquer cargo de confiança”. Nesse sentido, apontava que “os vândalos da civilização e do progresso” procuravam “destruir a grande obra de 15 de

---

<sup>8</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro nov. 1892 (n. 556).

O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

Novembro”, mas sem deixar de acreditar que tais planos viriam a “se partir desastradamente aos pés da estátua grandiosa da República Brasileira”.



Na outra edição de novembro de 1892<sup>9</sup>, a efeméride do 15 de Novembro foi comemorada pelo hebdomadário ao estampar duas alegorias protagonizadas pela dama do barrete encarnado, como símbolo da República<sup>10</sup>. Além disso a “Crônica” divulgava os festejos pela passagem da data – considerados insuficientes – e enaltecia o Dia da República:

“Realizaram-se no dia 15 os festejos comemorativos ao glorioso acontecimento que há de brilhar eternamente nas páginas da nossa história. Foram insignificantes e despidas de entusiasmo, porquanto não vimos mais do que o desfilar das tropas, a iluminação nos edifícios públicos, espetáculos de gala, o acostumado embandeiramento nos estabelecimentos do governo e particulares realçando as festas do terceiro aniversário da República Brasileira, a concorrência extraordinária do povo que sempre pressuroso acode a bater palmas aos grandes feitos da pátria.

Não houve uma comemoração digna do fausto acontecimento de 15 de Novembro, que destruiu um trono que se achava vilmente entre nós argamassado com as lágrimas de uma raça escravizada e desumanamente explorada pelos turibulados da irresponsabilidade, que, depois de uma pequena operação de casacas, hipocritamente postaram-se em defesa da República, cujo concurso só tem servido para levantar a discórdia e implantar no regime

---

<sup>9</sup> O MEQUETREFE. Rio de Janeiro nov. 1892 (n. 557).

<sup>10</sup> Ver o número 70 desta Coleção.

democrático a desmoralização, herança única que eles herdaram da monarquia, cuja morte trouxe-nos o bem e a felicidade.

O povo brasileiro deve exultar de prazer neste dia em que no horizonte da pátria, surgiu brilhante o sol da liberdade.

Não obstante os boatos correrem cavilosamente, o povo não se furtou de comparecer alegre e altivo aos atos festivos com que se procurou solenizar o grande dia em que um punhado de brasileiros, sentido a pátria agonizar entre as garras ferinas de um poder anticientífico, incompatível com a nossa própria dignidade, à frente de bravos defensores da nossa honra, libertou-a alvorando o glorioso estandarte da República por entre flores e sorrisos, em lugar de lágrimas e saudades.

Que o dia 15 de Novembro, data que engrandece e abrilhanta as páginas da história dos povos civilizados, seja hoje para nós um penhor sagrado – que ele repercuta na posteridade, despertando em todos o amor sagrado à pátria, é o aprendizado que devemos inocular no espírito cândido da juventude, em vez dos preceitos perturbadores da paz, da ordem e do progresso, que são a garantia do nosso abençoado futuro.

Em nome, pois, do *Mequetrefe*, viva o dia 15 de Novembro e a República Brasileira.”

Nessa linha, nas primeiras edições do aniversário republicano, *O Mequetrefe* manteve o entusiasmo que sustentou ao longo de sua existência, a maior parte dela durante a vigência do regime imperial, na qual se bateu pelos princípios antimonárquicos. Com a passagem da transformação política de 1889, o semanário manteve-se no apoio à nova forma de governo, sem deixar de lado seu enfoque crítico, quando via a necessidade de censurar algum ato dos novos detentores do poder. Assim, em 1891, não aceitou peremptoriamente o golpe perpetrado por Deodoro, aplaudindo com entusiasmo a mudança de situação governativa, embora centrasse os ataques ao Barão de Lucena, visando a aplacar as qualificações negativas para com aquele que fora propalado como o proclamador da república. Por sua vez, em 1892, não deixou de apontar erros na administração liderada por Floriano Peixoto, mas se viu muito mais à vontade para elogiar o regime inaugurado três anos antes. Como típico periódico caricato, *O Mequetrefe* não deixou de lado a possibilidade de mesclar o olhar crítico e irônico com a convicção efetivamente republicana, de modo que, sem abandonar a possibilidade de apontar as possíveis mazelas, não deixava de lado a oportunidade da efeméride para enaltecer com fé cívica e patriótica a forma de governo instituída recentemente.

O DIA DA REPÚBLICA AO LONGO DE  
SEIS DECÊNIOS NAS PÁGINAS DO  
*CORREIO PAULISTANO*

O *Correio Paulistano* foi editado na capital paulista, tendo circulado a partir de 1854. Foi um dos mais importantes veículos jornalísticos lançado em meados do século XIX, ainda mais por ter constituído o primeiro diário que vingou na localidade em pauta. Desde a sua fundação, circulou com hiatos, por mais de cem anos, tendo sido nessa época sucessivamente liberal, independente, conservador e republicano, mudando de orientação editorial à medida que suas crises financeiras exigiam que viesse a se amoldar às circunstâncias políticas ou em decorrência das convicções de seus proprietários. A publicação surgiu liberal e com promessa de imparcialidade, pretendendo constituir uma tribuna livre a todos, indiferentemente à cor política ou religiosa de cada um. Mas tal intento não durou muito, pois, uma ano depois, ao enfrentar sérias dificuldades financeiras, o periódico passou a ser bissemanal, permanecendo nessa condição por três anos. Diante disso, o custo para superar a crise foi a perda da propalada independência, vindo a ceder à pressão política do Partido Conservador, a ele aderindo publicamente. Nas últimas décadas do século XIX, viria a passar por várias guinadas editoriais e oscilações em suas posturas. Com a mudança na forma de governo, aderiu ao Partido Republicano Paulista, permanecendo como órgão partidário por longo período<sup>11</sup>.

Na virada do século XIX ao XX, o periódico passou por diversas modificações técnicas e comerciais, aumentando muito consideravelmente a

---

<sup>11</sup> PILAGALLO, Oscar. *História da imprensa paulista*. São Paulo: Três Estrelas, 2012. p. 33, 42-43, 60, 88 e 322.

tiragem e vindo a ser o primeiro jornal paulista impresso em rotativa<sup>12</sup>. Diante do apoio dado à candidatura oficial de Júlio Prestes, criticando os opositores vinculados à Aliança Liberal, o *Correio Paulistano* sofreria os reveses por tal postura, com a vitória da Revolução de 1930, chegando a estar entre as publicações periódicas que tiveram suas oficinas empasteladas<sup>13</sup>. A sua circulação foi suspensa por significativo tempo e, ao retomar suas edições conseguiu manter algum nível de resistência. Com a implantação da ditadura estado-novista teve de seguir o caminho que restou aos demais representantes da imprensa brasileira diante da repressão e do controle governamental da informação, cedendo ao regime, por cooptação ou coerção. Por ocasião do declínio do Estado Novo, o jornal aplaudiu o processo de redemocratização, apoiando o regresso à normalidade da vida institucional<sup>14</sup>.

Ao longo de sua existência, o jornal paulista não deixou de apresentar matérias textuais, por vezes com complementações iconográficas, acerca da data nacional alusiva à mudança da forma de governo. Em suas construções discursivas e imagéticas, o periódico saudou a data nacional com a carga de civismo e patriotismo típica aos diferentes momentos históricos perpassados. Além disso, buscando articular o nacional com o regional, não deixou de demonstrar sua função precípua na defesa dos interesses paulistas, bem como

---

<sup>12</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999. p. 225.

<sup>13</sup> PILAGALLO, p. 90.

<sup>14</sup> COHN, Amélia. *Correio Paulistano*. Rio de Janeiro: FGV/CPDOC.

na condição de órgão partidário republicano. Assim, desde 1890, o ano inicial da República, até 1949, ano do sexagésimo aniversário republicano, o *Correio Paulistano* se manifestou diante do Dia da República e tais impressões constituem o objeto de estudo desta pesquisa.

A passagem do primeiro ano da proclamação da república foi repercutida com a apresentação da matéria “15 de Novembro”, acompanhada pelo retrato de Deodoro da Fonseca<sup>15</sup>:

“Neste glorioso aniversário (...) ainda toma o assombro ante a grandeza épica dos sucessos revolucionários, grandeza que a distância indefinida do tempo não conseguirá jamais atenuar; porque são únicos nos fastos de um povo esses sucessos, e hão de permanecer, para todo sempre, exemplares, na História. (...)

Desmoronar-se tão sem arruído um mundo; sublevar-se um povo à posse da sua liberdade política; revirar-se num dia, fundamentalmente, toda a constituição, toda a vida pública brasileira – continuando, em plena ordem e paz, ininterruptas –, as funções normais do organismo civil, sem um momento de indecisão; antes, desde logo – confiante o povo – com uma recrudescência de força em todas as manifestações da atividade nacional: – para que isto se desse, era necessário que a ideia e o sentimento que a revolução encarnava, o ideal revolucionário, enfim, se houvesse implantado profundamente na alma da nação.

---

<sup>15</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1890.

Mas quem tornou a revolução possível, quem levou a luz ao espírito, quem levou a persuasão à alma do povo brasileiro!

Foram os *velhos republicanos*, os primeiros que acalentaram, em suas próprias almas, o ideal da liberdade e despertaram na alma da pátria a aspiração redentora.

Quando a revolução explodiu, apesar do inopinado momento, encontrou feito à vida nova em que o Brasil entrava, o povo paulista. Mas quem predisusera os espírito para a adoção da liberdade política? A propaganda republicana.

Devemos, pois, aos velhos crentes que agitaram a ideia democrática, o nosso reconhecimento como cidadãos livres (...).

Não cabe nas estreitezas deste desprezioso artigo assinalar a ação individual de cada um dos próceres do velho partido democrático na orientação política do espírito público; mas o benefício da ação coletiva, essa radia brilhante dos fatos, e se afirma principalmente na poderosa organização do partido, tal como a veio encontrar a revolução.

Um ano volvido, podemos já hoje perguntar: – que fizeram como governo os agitadores republicanos de São Paulo? E a resposta só pode ser esta: – cumpriram com os seus deveres, honraram o nome paulista. (...)"

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O terceiro aniversário da república foi demarcado pelo *Correio Paulistano* por meio do editorial denominado “15 de Novembro”<sup>16</sup>:

“Completa hoje seu terceiro ano de existência a jovem República Brasileira.

Durante esse curto período inicial, tem ela atravessado transes verdadeiramente angustiosos.

Aceito o seu advento, pela virtual ou expressa adesão da grande maioria do povo brasileiro, legitimado, em seguida, pelo assentimento universal da nação e, mais tarde, consagrado, legalizado pelo voto uniforme dos representantes da soberania nacional, o novo regime político, já pelo modo absolutamente pacífico, pelo qual veio suplementar o governo da monarquia, já pelo festivo acolhimento que encontrou em todo o imenso território do Brasil, em todas as localidades, por toda a população do norte, do sul, do litoral, do interior: não exprime, na origem e nos efeitos, uma revolução; mas antes uma evolução.

É óbvio que, admitida a hipótese de ser adversa esta nação americana ao governo da democracia pura, que domina na livre América, não poderiam repercutir em todas as regiões do vasto solo brasileiro as aclamações de alguns corpos do Exército; nem superar a resistência das autoridades constituídas, a palavra de ordem dos chefes republicanos.

---

<sup>16</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1892. Na edição de 15 nov. 1891 do periódico, o editorial encontra-se inelegível.

Forçoso é, pois, convir que a transformação política, operada em nossa pátria a 15 de novembro de 1889, assinalar a um novo estádio na escala ascendente do progressos moral da nação. Não era um episódio intempestivo que viesse inopinadamente perturbar a ordem constituída, derribando, demolindo, sem substituir, sem constituir melhor edifício. Era a consequência lógica do determinismo histórico.

A procedência dessa apreciação não encontra argumento que a contrário nos transe difíceis em que tem labutado a nossa sociedade durante essa primeira fase, para bem dizer – inaugural, do governo republicano.

Fácil nos fora encontrar convincentes razões fundadas em leis sociológicas, para explicarmos essa aparente anomalia, que é, aliás um fato natural comprovado pelos anais da humanidade.

Não há mister, porém, de explanações de ordem doutrinária; aí estão as páginas da história pátria, a nos testemunharem que todo o período de duração do primeiro Império foi trabalhado por agitações intestinas. Não menos perturbada por sedições, conspirações, revoluções, foi toda a primeira fase do segundo Império. Abundantes jorros de sangue brasileiro regaram o solo da pátria para que se firmasse de modo completo a autoridade do governo imperial.

Entretanto, a monarquia no Brasil exprimia uma instituição muitas vezes secular, pois que herdeiros nós éramos dos costumes, das ideias, das tradições do Reino de Portugal.

E assim se a constituição do Império Brasileiro pagou o tributo de tão longa e penosa gestação, até que se implantasse por tal modo no espírito público a ponto de poder proporcionar alguns anos de estabilidade ao país; que muito é que o regime republicano federativo, que veio romper com o vínculo de hábitos inveterados, de crenças, velhos preconceitos e da rotina política e administrativa, encontre em seu desenvolvimento incipiente alguns obstáculos que lhe dificultem os primeiros passos na dinâmica social?

Todavia, sintomas iniludíveis afirmam desde já que es tá prestes a encerrar-se de modo definitivo o período da gênese republicana.

A constituição federal, as constituições dos governos dos Estados e as leis orgânicas das municipalidades estão já decretadas e em via de execução. A nova organização política e administrativa, satisfazendo às aspirações, até então comprimidas, de liberdade, de autonomia e de progresso da nação; e às energias do espírito local, é já uma verdade concreta no organismo da sociedade brasileira. (...)

Ante o poder da república, que é a legalidade, que é a soberania nacional, que é o direito, a rebeldia material é o crime; e como tal deve ser reprimida, há de ser reprimida.

A sociedade está sequiosa de tranquilidade, de paz, de estabilidade. Reprimidos com vigor os últimos esforços que uma tênue e derradeira esperança do espírito sedicioso propunha-se a empregar para subverter a ordem

pública, abrem-se desde já ante o futuro da pátria largos horizontes que enchem de gratas provisões todos os corações patriotas.

Dentre em breve, o Brasil, que já é livre, firmada e segurança, consolidada a ordem, à sombra tutelar das instituições republicanas, há de ser próspero, há de ser grande. – E será essa a gloriosa cúpula da obra ingente iniciada a 15 de novembro de 1889.”

Novamente sob o título de “15 de Novembro”, o periódico paulista lembrava a passagem de outra data alusiva à proclamação, enfatizando a crise institucional então vivenciada pelo país, com o espocar de focos revolucionários<sup>17</sup>:

“Sob tristes auspícios assinala a data de hoje o quarto aniversário da fundação da república no Brasil.

Quando a este tempo, vencidas as labutações naturais acarretadas pelas súbita transição do regime monárquico e unitário para o democrático e federativo, deveria a sociedade brasileira estar colhendo os benéficos frutos da paz, da liberdade e do progresso, à sombra de suas instituições constitucionais; eis que de súbito enegrece o céu da pátria uma tétrica procela prenhe de más paixões, a perturbar a vida social, a ameaçar o futuro, a encher de desalento

---

<sup>17</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1893.

mesmo alguns corações dentre os mais ferrosos e mais confiantes no progresso, no engrandecimento deste país.

Esse fato lutuoso, se não proporciona legítimo para tal prostração de ânimo, (...); não deixa também e principalmente de fornecer ensejo para comentários insinceros em detrimento da transformação política pela qual passou a sociedade brasileira.

Atribuindo falsamente a efeito de instituições desastres resultantes da desorientação dos homens, de uma patologia mental que, com caráter epidêmico, se reproduz periodicamente na história de cada povo, não faltam augures embusteiros que leiam nos fatos que se desenrolam em nosso meio político a próxima queda da constituição republicana, e a suspirada restauração do regime monárquico, pelo qual se desvanecem num estéril, tímido e importante platonismo.

Certamente se praga matasse, as desses urubus não deixariam, impregnadas de ódio concentrado, de ser mortíferas à república.

Esta, porém, que resiste ao embate vigoroso das armas que o espírito de anarquia e de revolta levanta temeroso contra ordem legal; a república federal que superou ao atentado satúrnico daquele que a proclamou e quis depois vitimá-la; a república, que resiste firme, ativa, cheia de vitalidade e de força a graves e repetidos erros do próprio governo republicano, à desorientação geral; que após uma luta ingente, há de vencer as aspirações absorventes do militarismo na direção do Estado: a república não sucumbirá pelo efeito das

artimanhas de seus inimigos sorrateiros, ou pela força magnética de vontades hostis.

Côncios de que o dia de amanhã nos há de trazer a dissipação das nuvens (...), o que o memorável desfecho desta luta não deixará de ser profícuo para o futuro político da pátria, saudamos cheio de esperança e de civismo o glorioso aniversário da República, a grande data que o dia de hoje comemora.

Salve, 15 de Novembro!"

Em 1895, o *Correio Paulistano* voltou a publicar matéria com o título alusivo à data republicana, se referindo aos novos governantes – cujos retratos, na esfera federal e estadual, – eram estampados e à manutenção da crise revolucionária no Brasil<sup>18</sup>:

"Festejando o sexto aniversário de sua gloriosa e feliz proclamação, a república consagra também o primeiro do íntegro governo do ilustre e benemérito paulista, levado à suprema direção do país pela vontade nacional expressa em trezentos mil votos.

---

<sup>18</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1895. Na coleção pesquisada há a ausência do mês de novembro de 1894.



DR. PRUDENTE DE MORAES  
Presidente da Republica

DR. BERNARDINO DE CAMPOS  
Presidente do Estado de S. Paulo

Publicamos hoje os retratos dos benemeritos cidadãos dr. Prudente de Moraes e Bernardino de Campos, presidentes da Republica e de S. Paulo.

O «Correio Paulistano» orgulha-se de abrilhantar as suas paginas com as photographias desses dois benemeritos brasileiros, a quem o paiz deve os mais dedicados esforços e dos quaes espera -os mais brilhantes serviços.

A um a Republica deverá a segurança de sua paz, depois de dever-lhe a confiança na sua integridade, a outro S. Paulo deve os seus mais notaveis progressos, depois de dever-lhe a brilhante e enérgica defesa da sua riqueza e do seu prestigio.

Curta na existência, quanto no tempo decorrido, mas longa na experiência pelas provações sofridas, a vida das novas instituições compreende o período mais agitado e mais brilhante da história nacional.

O momento é de agitações ainda, é de fermentos que parecem traduzir inquietações.

Qual o povo livre, porém, que não se agita e em cujo seio as lutas políticas não são intensas e muitas vezes dolorosas?! (...)

Todas as nações que são grandes tornaram-se assim e assim permaneceram no correr vulgar de uma vida inglória e improdutiva de descanso contemplativo?

Todos os problemas que se resolveram, acrescentando a dignidade humana, enriquecendo o espírito dos séculos, fortalecendo o homem para as suas lutas com o mundo, transformaram-se em conquistas com a inatividade serena e vegetativa dos povos sem movimento e sem história, ou são frutos todos eles de ordem intelectual, moral ou religiosa, de longas e porfiadas lutas em que os cegos e incapazes viam a dissolução da sociedade no esforço desordenado, na aparência para a realização de novos progressos?

A república é a coexistência de todas as iniciativas livres colaborando na vida nacional. Essas iniciativas hão de fatalmente lutar pelo predomínio, essa luta produzirá de certa na vida política fluxos e refluxos que poderão ocasionar naufrágios parciais e momentâneos, mas que nem por isso desequilibrarão a

corrente da existência nacional, como não desequilibram no oceano as suas marés permanentes.

Do esforço livre dos cidadãos, que parece desordenado, nasce o esforço comum para o bem geral, consequência do bem de todos.

Esse esforço tem produzido, com as agravações naturais no início de um regime, as crises por que a república passou, antes que a disciplina normal dos espíritos pudesse conquistar a estabilidade da ordem, dentro do sistema constitucional.

A revolução inicial, a federação e o sufrágio universal deslocaram as influências diretoras da política e criaram as aspirações múltiplas de governo.

Antes que a educação no novo regime criasse a aptidão do povo para servi-lo, eram fatais as lutas irregulares provocadas pela aspiração de mando e pela possibilidade das vitórias. Desde, porém, que a compreensão do sistema penetra no povo que vota e nos políticos que dirigem, compreensão que só a prática pode trazer, o respeito aos poderes regulares obriga às lutas pacíficas, sem as quais é irrealizável a prática dos governos livres.

A república entrou nesse período de agitações comuns da política. (...)

Todos esses fatos trouxeram estremecimentos que parecem abalos insuportáveis, pela crise e pelo desassossego que provocaram. (...)

A república é São Paulo, é Minas, é Bahia, é Pernambuco, é Pará, é Amazonas, é o próprio Rio Grande, dilacerado por três anos de guerra, são todos

os Estados enriquecidos e cheios de progressos e melhoramentos, de províncias esgotadas que pareciam em 1889.

O estado febril que cria e avoluma as apreensões há de ceder ao influxo da normalidade das coisas, e o renascimento da confiança na estabilidade da ordem há de trazer a firmeza do crédito e a serenidade dos espíritos. (...)”

No ano de 1897, as referências do diário paulista ao Dia da República restringiram-se à descrição das atividades comemorativas da data. Já no ano seguinte, os informes sobre o 15 de Novembro ficaram menoscabados, com a predileção pela divulgação do “novo governo” que assumia a Presidência. Em 1900, a data cívica também deixou de receber maior atenção<sup>19</sup>. Já em 1903, aparecia um breve editorial mais uma vez denominado “15 de Novembro”<sup>20</sup>:

“A pátria festeja no dia de hoje o 14º aniversário da república.

Os quatorze anos do novo regime se nos mostram cheios de vida e de progresso, ricos de dedicação e de patriotismo.

---

<sup>19</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16 nov. 1897; 15 nov. 1898; 16 nov. 1898; e 15 nov. 1900. Na coleção pesquisada há a ausência do ano de 1896; bem como da edição específica do 15 de novembro do ano de 1899; todo o ano de 1901; e o segundo semestre de 1902.

<sup>20</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1903.

Raras vezes em tão breve percurso, a vida de uma nacionalidade sofreu tantas vicissitudes e tão agras: não há bonanças eternas, nem primaveras imortais. Nas mais duras provas, porém, é que se apreciam os mais valiosos devotamentos; e assim é que a república recordou na alma brasileira o heroísmo do latino, que a indiferença dos avassalados sepultara. Os ardentes campeões pulularam, de uma coragem que rejuvenescia a pátria; e pela República, que era a pátria, derramaram, frutiferamente, o seu sangue e as suas esperanças.

E assim como o nosso maior amor não é, muitas vezes, para quem mais nos fez gozar, mas pra quem mais nos fez sofrer – as viúvas e os órfãos não amaldiçoaram a república, antes, da imensidade do seu infortúnio, deixaram cair sobre ela a benção que redime e que salva...

Hoje, um mesmo destino liga tão indissolúvelmente a república e o Brasil, que a pátria não subsistiria à cessação dessa providencial coexistência.

E essa coexistência providencial, em verdade, não cessará.

A república não tem inimigos, que inimigos não são os mesquinhos detratores, que pretensões mal disfarçadas levam a infamar: sobre estes paira sobranceira, com a generosidade da força juvenil. Não tem e não terá inimigos, que os que não tomaram as armas para defender a monarquia jamais se armarão para atacar a república.

15 de Novembro resume e completa 7 de Setembro e 13 de Maio. Festejemo-la como a data nacional por excelência.”

O conteúdo laudatório ao “Quinze de Novembro”, com a passagem de três lustros da forma de governo, foi mantido no editorial da edição de 1904<sup>21</sup>:

“A república comemora hoje o 15º aniversário da sua proclamação.

A pátria, olhando a estrada percorrida nesse decurso de tempo, sente-se orgulhosa. A despeito de alguns erros e de vãs e criminosas agitações, as conquistas realizadas são imensas.

A federação e os seus conseqüências desenvolveram ex-Províncias paralisadas em Estados operosos e progressivos.

A liberdade religiosa, consagrando praticamente a liberdade de crenças, determinou sincero e fecundo desenvolvimento religioso.

E o regime presidencial, acabando com as cenográficas crises de gabinete e dando estabilidade aos governos para a realização de programas práticos e úteis, acentuou em medidas visíveis as vantagens do sistema.

A consciência universal da nação repudia por absurda a crença política numa forma de governo baseada no privilégio de nascimento. Não havia no Brasil, em 1889, como sinceramente não pode haver hoje, quem entendesse que se tem o *direito* de governar um povo pelo simples fato do nascer de uma família privilegiada.

---

<sup>21</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1904.

Todos então, como hoje, emancipados do dogma monárquico, aceitavam a monarquia como um simples fato cuja existência tinha dias limitados.

E eis porque a revolução de 15 de novembro viu o seu sucesso abraçado calorosamente pelo Brasil inteiro.

Atravessou-se um período de organização cheio de perigos e de sofrimentos, de que não escapou povo algum. Caminha-se, porém, para uma era de pacificação nos espíritos que determinará feliz estabilidade, propicia a empreendimentos grandes. (...)

O Brasil almeja um regime de paz, de ordem, de tolerância e de firmeza interna e externa.

Os que procurarem perturbar a realização desse desiderato são ambiciosos inimigos da pátria, a serviço de ambições ou de interesses ilegítimos, cuja ação nefasta é preciso que os republicanos combatam com devotamento e com vigor.

Salve o 15 de Novembro! Conquista imorredoura do povo brasileiro, realizada pelas armas gloriosas dos denodados soldados da nação!"

Em 1905, o *Correio Paulistano* comemorou o "Quinze de Novembro", com mais um editorial, no qual enfatizava o seu papel de órgão partidário<sup>22</sup>:

---

<sup>22</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1905.

“É grato ao órgão do Partido Republicano Paulista comemorar a um tempo o feito legendário da proclamação da República e o aniversário da posse do governo federal pelo eminente brasileiro, que é um dos mais preclaros filhos desta terra e um dos mais eminentes chefes do nosso Partido.

Em 1889 se realizou, com auxílio das armas nacionais, a aspiração efetiva da vontade brasileira, manifesta em todos os momentos históricos em que o povo agiu, livre de violentos constrangimentos, entregue à nação benfazeja dos seus próprios desejos de liberdade e de paz. (...)

O Partido Republicano Paulista, comemorando, por nossa palavra, a proclamação da República, e o início do governo do Sr. Dr. Rodrigues Alves, quando vê a república e o Estado entregues a homens em cujo patriotismo, em cuja competência e em cuja lealdade confia desassombradamente, sente-se feliz em poder saudar a grande data de conquistas evidentes para o povo brasileiro e para a comunhão paulista.”

A maior preocupação do jornal na edição de 1906 foi com a divulgação das festividades, sendo aberta a matéria com um texto encomiástico<sup>23</sup>:

“Soleniza hoje a pátria o dia memorável da proclamação da república.

---

<sup>23</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1906.

A grandiosa data, que avulta no nosso passado, demarcando o início de um novo período de rejuvenescimento e de progresso para a nacionalidade brasileira, encontra da parte de todos os republicanos o mais franco e sincero entusiasmo.

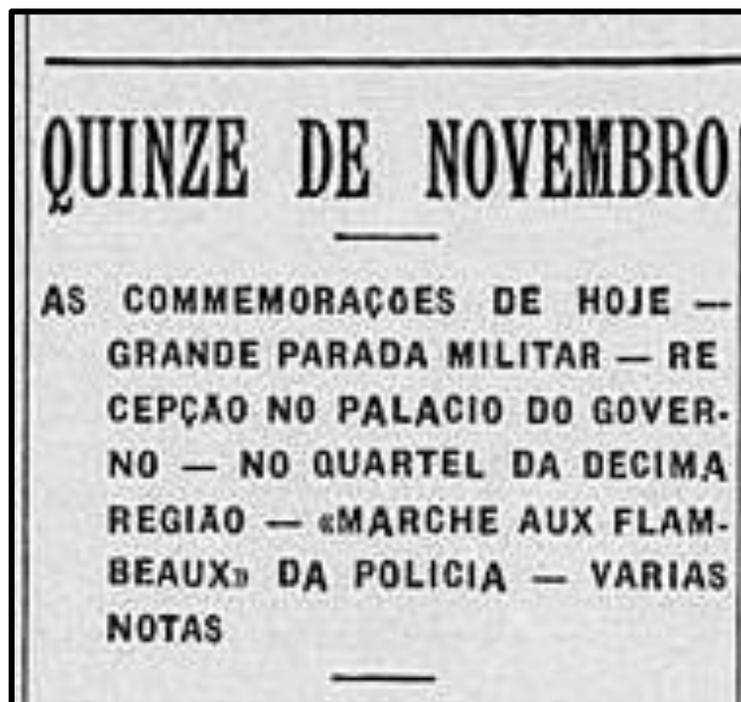
Vitoriar a data gloriosa é um dever imposto pelo civismo, porque ela traduz, com o memorável acontecimento que relembra, alguma coisa mais do que essa aspiração política tornada realidade pelos esforços dos que, heroicos, se bateram pelo ideal republicano. Com a república, triunfante a Quinze de Novembro de 89, existe integrada, eterna e indissolúvelmente, a pátria estremecida, que hoje caminha firme e seguramente, cônica dos seus altos destinos, pela estrada triunfal da civilização.”

O “Órgão do Partido Republicano” publicou artigo em 1907, que enaltecia as comemorações do “15 de Novembro” na cidade do Rio de Janeiro, considerando que a data republicana seria ali “pela primeira vez festejada com algum entusiasmo”. O escrito apelava para a “memória” acerca de “todas as horas vibrantes daquele ardente dia 15 de novembro de 1889”, considerado como “dia ardentíssimo”, no qual “fazia um calor revolucionário” e em que “não houve muito sangue derramado”. Apontava ainda que fora um “grande dia, de extremo entusiasmo e de ardente loucura”, assistido por uma “multidão delirante”<sup>24</sup>. Já no ano seguinte, a abordagem do periódico em relação à “data aniversária da

---

<sup>24</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1907.

proclamação da república”, concentrou-se em narrar “as comemorações da gloriosa data” na capital paulista<sup>25</sup>. Passado um ano, o diário se referia aquele “dia de festa nacional”, a qual seria “comemorada com o máximo brilhantismo nesta capital e em vários pontos do Estado”, divulgando as festividades<sup>26</sup>.



---

<sup>25</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1908.

<sup>26</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1909.

Por meio de notas e matéria noticiosa, em 1910, o *Correio Paulistano* voltou a demarcar que “o Brasil comemora hoje” mais um “aniversário da proclamação da república”, divulgando a “Festa de 15 de Novembro” em São Paulo<sup>27</sup>. No ano seguinte, o jornal divulgava que “o dia de hoje é consagrado à comemoração da proclamação da república no Brasil”, no qual, “por ser feriado nacional, não funcionarão as repartições federais, estaduais e municipais, assim como a Associação Comercial, a Bolsa, os bancos, os escritórios das estradas de ferro”, entre outros. Noticiava ainda que “os edifícios públicos amanhecerão embandeirados, e, à noite, iluminarão festivamente as suas fachadas”, ao passo que, “nos quartéis haverá alvorada pelas bandas de música, clarins, cornetas e tambores”, além de outras solenidades<sup>28</sup>.



---

<sup>27</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1910.

<sup>28</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1911.

No ano de 1912, o periódico voltou a publicar editorial sobre o 15 de Novembro, acompanhado na primeira página de uma “homenagem à data que hoje se comemora”, inserindo “os retratos de todos os Presidentes da República, desde a implantação das instituições vigentes até o presente”<sup>29</sup>:

“Passa hoje mais um aniversário da proclamação da República Brasileira e, felizmente para os créditos da nossa civilização e do nosso adiantamento moral e material, todo o país, numa unanimidade, que demonstra quão enraizadas se acham as instituições democráticas, relembra esse início da nova fase política e social que nos emancipou do regime centralizador, atrofiante das energias vivas e das forças latentes, dispersas por estes oito milhões de quilômetros quadrados, onde a natureza acumulou os seus mais preciosos dons, e a vida se expande exuberante de rica e nobilíssima seiva.

Comparar a evolução do nosso progresso, nestes últimos vinte e três anos de atividade, com a situação estagnante do país, no momento em que a espada valorosa de Deodoro flamejou radiosa no sol nascente da madrugada do 15 de novembro de 1889, na Praça do Santana, do Rio de Janeiro, seria a mais irrecusável prova da excelência das instituições democráticas. Essa comparação, porém, torna-se desnecessária; está presente ao espírito de nós todos, impõe-se-nos com a irredutível evidência dos fatos, que por si mesmo dizem, melhor do que o pudéramos exprimir, como se foi operando todo este

---

<sup>29</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1912.

grandioso desenvolvimento material, toda esta elevação de cultura moral de que nos ufanamos, e que nos dão a hegemonia da América Latina.

Nem sempre a república encontrou atropetada de rosas a estrada que até agora percorreu; teve momentos angustiosos em que a alma brasileira atravessou dolorosos transes. Mas triunfou a causa da liberdade, igualdade e fraternidade; e a consciência nacional, retemperada pelas duras provações desses momentos de infortúnio, mais se avigorou e fortaleceu para a realização pacífica dos grandes ideais da perfectibilidade humana.

Em todos os Estados da União, e com justo orgulho destacamos o nosso, se afirma a pujança da nossa raça, com todas as suas características que fazem do Brasil a mais latina de todas as nações sul-americanas. A considerável e sempre crescente expansão do nosso comércio e das nossas indústrias; o incremento, que dia a dia vai tomando a nossa agricultura, base da riqueza e da prosperidade coletivas; o grande desenvolvimento das vias férreas, recortando o território nacional (...); a afluência da corrente imigratória, que de ano para ano mais se avoluma, cooperando com o seu trabalho para a realização dos nossos destinos sociais; todo este esplêndido movimento de franca atividade, que se está operando no país inteiro, são outras tantas modalidades do progresso que nos trouxe a república e que nos sentimos felizes de constatar, ao relembrarmos a data memorável de hoje.”

Organ do Partido Republicano
AGENCIA NO RIO
Rua da Almeida, 88
(SOBRADO)

CORREIO PAULISTANO

Fundado em 1854
N. 47.114
Numero da dia, 100 reis
afreitas, 200 reis

S. Paulo - Sexta-feira, 15 de Novembro de 1912

QUINZE DE NOVENBRO

O anniversario da Proclamação da Republica - As comemorações da gloriosa data - A parada no Prado da Mooca - Recepção no Palacio do Governo - A "marche aux flambeaux", da Policia - Outras Informaçoes

Para hoje mais um jubileu da proclamação da Republica brasileira...



MANOEL FLORIANO PRAXEDES

Manoel Floriano Praxedes, nascido em 18 de novembro de 1888...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

A revolução de 15 de Novembro

De 15 de novembro de 1888, data da proclamação da Republica...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...



MANOEL MANOEL RIBEIRO DA FONSECA

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

Manoel Manoel Ribeiro da Fonseca, nascido em 15 de novembro de 1888...

No anos seguinte, o editorial “15 de Novembro” voltava a valorizar a forma de governo republicana, exaltando os propalados “avanços” do regime e trazendo por ilustração da proclamação da república, a reprodução do quadro de Henrique Bernardelli<sup>30</sup>:

“Passa, hoje, mais um aniversário da proclamação da república.

Nestes poucos anos decorridos do novo regime, o Brasil passou por uma assombrosa transformação. Desenvolveram-se as energias e as forças vivas da nação, expandindo-se na radiosa florescência do progresso dos Estados.

Graças à ação benéfica da descentralização administrativa, base sobre que assenta o sólido edifício da federação brasileira, cada Estado, autônomo, desembaraçado das peias que lhe tolhiam o exercício dos seus movimentos, pode, mercê dos seus recursos naturais, das circunstâncias particulares da sua iniciativa, dar livre expansão à sua atividade, contribuindo assim para a grandeza da pátria.

As dissensões e as lutas, que anuviaram os primeiros dias da república, como que a fortaleceram, cimentando mais fortemente os laços que nos unem, na realização de todas as aspirações, de todos os ideais, que se integram nos destinos da nossa nacionalidade.

---

<sup>30</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1913.

Desses dias amargurados, nada mais resta do que a sua triste recordação. Alargaram-se os horizontes da vida nacional e com eles o progresso material que todos admiramos. Não foi, porém, só esse progresso o resultado do regime democrático.

Na esfera da ordem moral, dilatou-se consideravelmente a nossa cultura. E não foram pouco importantes essas transformações de ordem moral, que se operaram neste curto período da vida republicana.

O egrégio Barão do Rio Branco, iniciando a política de expansão das nossas relações internacionais, rompendo com o isolamento a que a política exterior do Império nos condenara, fixou duma maneira definitiva as nossas fronteiras, dirimindo questões seculares, cujo adiamento proposital nos amesquinhava no conceito próprio e no dos estranhos. A sua visão foi mais longe, descortinou todo o esplêndido futuro, que nos está reservado neste canto da América; e promovendo uma mais ampla representação do Brasil nos demais países cultos, quer junto dos governos, quer nos congressos internacionais, contribuiu poderosamente para elevar o crédito e o bom nome do nosso país, ao passo que, indiretamente, concorreu para que se avolumasse a corrente imigratória e acudissem os capitais necessários à exploração das nossas riquezas naturais.

Os fatos aí estão, mais eloquentes do que estas pálidas linhas, atestando o nosso progresso e desenvolvimento em todos os ramos da atividade humana.

E se neste dia, em que esquecendo quaisquer dissensões, apenas formais, da política, todos nós brasileiros nos sentimos unidos pelos laços sagrados do mais puro e domais abnegado dos sentimentos – o civismo; se neste dia fossem permitidas as legítimas expansões de nosso amor próprio, diríamos que, por certo, mais do que outro Estado, o nosso deve todo o seu progresso às instituições republicanas, cuja implantação hoje rememoramos; nenhum, talvez, dos Estados irmãos apreendeu melhor as vantagens que decorrem da república e pode realizar tão depressa as esperanças e as aspirações dos ardentes, sinceros e intemeratos propagandistas, cujos nomes, e por isso escusado será lembrá-los, existem gravados em todas as consciências.

Todavia, ao recordarmos a data gloriosa, não nos esquecemos de depor uma saudade nos túmulos de Américo de Campos, Rangel Pestana, Prudente de Moraes, Moraes Barros, Cerqueira César, campos Sales, Martinho Prado Júnior e tantos outros, que simbolizaram em toda a plenitude do patriotismo a gloriosa propaganda a quem devemos a prosperidade e a felicidade da nossa terra.”



Os retratos dos novos governantes na esfera federal e a alegoria da dama republicana observando o pavilhão nacional serviam para adornar a edição de 15 de novembro de 1914, que enfatizava os festejos em São Paulo, destacando<sup>31</sup>:

“Como nos anos anteriores, São Paulo comemora hoje festivamente o aniversário da proclamação da república.

Desde os tempos da propaganda ardorosamente lançada nesta parte do território nacional, tão ciosa das liberdades públicas, que constituem a essência do regime que há 25 anos nos rege, o povo paulista está habituado a amar as instituições implantadas em 15 de novembro de 1889, que acolheu com o mais febril e patriótico dos entusiasmos.

Daí por diante, nunca passou despercebida entre nós a comemoração dessa data gloriosa, sendo sempre as manifestações oficiais secundadas pelas demonstrações sinceras do júbilo popular.

Mais uma vez hoje certamente a população de São Paulo oferecerá um nobre exemplo de civismo, exteriorizando os seus sentimentos de carinhoso afeto e de acrisolado devotamento à causa republicana, festejando-lhe o aniversário com as suas sempre inconfundíveis provas de contentamento.”

---

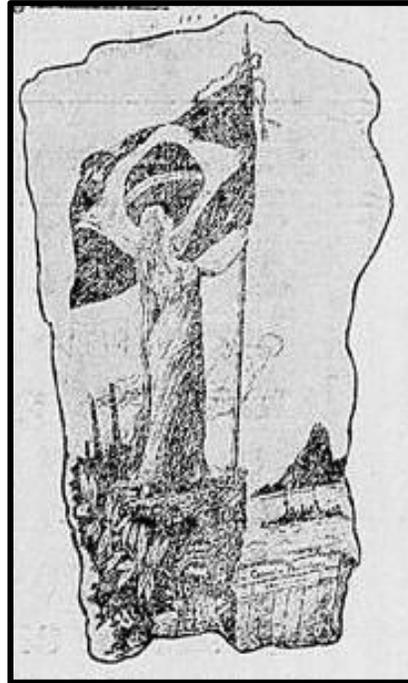
<sup>31</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1914.



# 0 15 de Novembro em S. Paulo

Parada militar no Prado  
da Mooca

Recepção no palacio do  
governo - Outras mani-  
festações de regosijo



Os informes sobre as atividades alusivas ao Dia da República, acompanhado de texto de exaltação da efeméride foram as pautas do *Correio Paulistano* de 1915<sup>32</sup>:

“Um movimento revolucionário, feito pelo exército e pelo povo, que, confraternizados, impelidos pela mesma força, animados pelo mesmo ideal, se reuniam no campo de Santana, lançou com segurança os princípios básicos da República Brasileira.

Era o espírito sutil, o trabalho eficaz, a energia, o desassombro, o patriotismo dessas luminosas falanges que vão desaparecendo, que acabava de triunfar após uma campanha silenciosa, mas hábil e resoluta. Os propagandistas, que, nessa manhã ruidosa de 15 de novembro de 89, tinham à frente, notadamente, Deodoro da Fonseca e Benjamin Constant, desfraldaram sobre a ruína da dinastia imperial, por entre as aclamações unânimes do povo e das forças armadas de terra e mar, a bandeira de uma nova forma de governo. (...)

E assim, há 26 anos, sem derramamento de sangue, e sem o sacrifício de nenhuma vida, se implantou em nossa pátria, definitivamente, a república, com a qual a nação entrou a desenvolver-se extraordinariamente, alcançando em todos os ramos das ciências, das artes, das letras, do comércio, da agricultura e das indústrias, as mais gloriosas conquistas. De norte a sul, por todos os Estados,

---

<sup>32</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1915.

soprou forte uma aragem de progresso e civilização: os homens públicos congregaram-se, estudaram a organização incipiente, penetraram-lhe os ensinamentos liberais e colaboraram com uma assombrosa energia, com um impertérito patriotismo, na obra grandiosa de levantar o crédito do país, proporcionando-lhe o mais amplo desenvolvimento econômico e financeiro.

E é o advento dessa república, a que devemos os mais notáveis progressos da nossa pátria, que hoje se comemora, solenemente, nesta capital, com brilhantes festas cívicas.”



Acompanhada dos retratos dos Presidentes da República até então, a matéria sobre “a comemoração da data gloriosa”, na edição de 1916, narra os atos festivos e reforçava o enaltecimento ao regime instituído em 1889<sup>33</sup>:

“Quinze de Novembro evoca uma das etapas mais gloriosas da nossa história de povo livre”.

Em eu pese o pessimismo de muitos, que veem na forma de governo a causa de males que no período republicano nos têm afligido, manda a justiça que se reconheça que foi o advento do atual regime que marcou o início do encaminhamento da nossa pátria para o concerto das nações cultas e civilizadas.

Basta comparar-se o assombroso progresso que se produziu na vida nacional, em todas as suas múltiplas manifestações de atividade, no decurso dos últimos vinte e sete anos, com a estagnação em que os nossos elementos vitais se mantiveram desde a época colonial e, depois, durante sessenta e sete anos de Reinado e de Império, para que se fique convencido de que, a despeito de todos os erros, de todos os males, de todas as anomalias, não retrocedemos, antes ganhamos terreno, aumentando a população, as construções, as redes ferroviárias, as indústrias, a produção agrícola; difundindo a instrução, aperfeiçoando a higiene, firmando as relações internacionais e solvendo pacificamente velhos litígios de limites com países vizinhos e entre os Estados.

---

<sup>33</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1916.

Se, por um lado, uma sequência de crises veio perturbar gravemente a nossa situação econômico-financeira e a inexperiência e desacerto da ação de alguns homens públicos acarretaram danos consideráveis que afetaram lamentavelmente o organismo da nação, por outro, ao influxo da patriótica iniciativa de abnegados republicanos, obras admiráveis se levantaram a termo e hoje nos orgulham.

Não se deve, portanto, dar acolhida ao mal entendido pessimismo dos céticos, que colocam o país à beira de um abismo e que atribuem à forma de governo o que é devido às incertezas, às falhas, às imperfeições próprias de uma civilização incipiente ou, em alguns casos, ao descuro ou ao desacerto da orientação governamental.

O regime não deve ser culpado pelas faltas que cabem aos que o praticam ou a circunstâncias ocasionais que independem da vontade dos diretores dos nossos destinos.

A república ainda exprime uma conquista das mais caras, pois é como bem disse Thiers, a forma de governo que menos nos divide.

Comemorá-la, pois, é um dever que se nos impõe e, principalmente, a nós paulistas, que tivemos no nosso território o berço da propaganda e dos mais ardorosos pioneiros da grande causa.

São Paulo, expoente legítimo da tradição democrática, não pode deixar apagar do espírito do seu povo o sentimento de amor às liberdades que o assinalam na história, em sucessivos movimentos que o honram e enaltecem.

Por isso, ao mesmo passo que acoroça a sua infância e a sua juventude a bem servir a pátria, conduzindo-as a atos de civismo, desperta na alma coletiva a necessidade de amar a república, de defendê-la, de compreendê-la nitidamente, escoimando-a das nuvens negras com que a procura cobrir a errada visão de alguns."

**15 DE NOVEMBRO**

**A COMMEMORAÇÃO DA GLORIOSA DATA**

---

No Senado e na Camara dos Deputados falam os srs. Herculano de Freitas e Mario Tavares - A grande parada de hoje - Tres mil e quinhentos homens em formatura - O batalhão do Lyceu Salesiano formará no prado, durante as manobras da Força Publica - Outras notas

O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



Em 1917, “o aniversário da proclamação da república” foi comemorado pelo jornal com a divulgação das atividades alusivas, o destaque aos retratos do primeiro e do último Presidentes e editorial que comparava o 15 de Novembro com outras duas datas cívicas da formação brasileira, a independência e a abolição da escravatura, com o destaque para o significado de cada uma delas. O texto traçava também um breve histórico sobre a vida republicana brasileira desde a administração Deodoro da Fonseca até a de Venceslau Brás, sem deixar de enaltecer o regime em celebração<sup>34</sup>:

“A república, em que pese no pessimismo dos descontentes, abriu as portas do progresso e das iniciativas úteis e profícuas à nossa pátria.

Se erros de homens públicos se têm registrado, e se os seus atos são passíveis de reprovação, o esforço, o devotamento e a capacidade de muitos concorreram, por outro lado, para a execução de empreendimentos de alcance positivo que não só fizeram crescer todos os elementos de produção, de riqueza, de saneamento, de instrução, como ainda o sentimento de civismo, que é hoje a preocupação predominante dos governos e do povo, essencialmente na mocidade que está formando a nossa futura geração. (...)

As linhas que aí ficam demonstram que a república, a despeito das inexperiências do princípio e dos erros e falhas de um ou outro governo, o que é, aliás, vulgar pelas contingências de crises ou fenômenos imprevistos, em países

---

<sup>34</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1917.

tão ou mais civilizados do que o nosso, a república não prejudicou os elementos vitais das nossas forças produtoras, não alterou as tradições de nobreza do caráter e honestidade que herdamos dos nossos antepassados, não descuroou da instrução pública, antes a desenvolveu, disseminando-a e aperfeiçoando-a em toda a parte; saneou capitais e cidades, que eram às vezes mananciais de micróbios ou insetos transmissores de moléstias infecciosas; modernizou quase todos os aparelhos e serviços da administração pública, em suma, construiu, não demoliu.

Por isso, é azado recordar na data de hoje o valor dessa obra que uma sequência de gerações vem produzindo e que temos o dever de conservar e defender.

Cumpre-nos comemorar o Quinze de Novembro como uma das conquistas mais caras da nossa nacionalidade. O movimento de civismo que se manifesta, espontâneo e sincero, levando a mocidade a arroubos de entusiasmo, é um sinal insuspeito de que já sabemos amar a pátria, enaltecê-la e defendê-la.”

Devam do Partido Republicano  
Agencia no Rio  
VIRIATO MEDEIROS  
RUA DO OUVIDOR, N. 32  
C.A. ANDRÉ  
Júlio Barbosa-Redactor #0 PAI?

# CORREIO PAULISTANO

FUNDADO EM 1854  
N. 19.525  
NÚMERO DO DIA HOJE  
NÚMERO ATRASADO 200 REIS

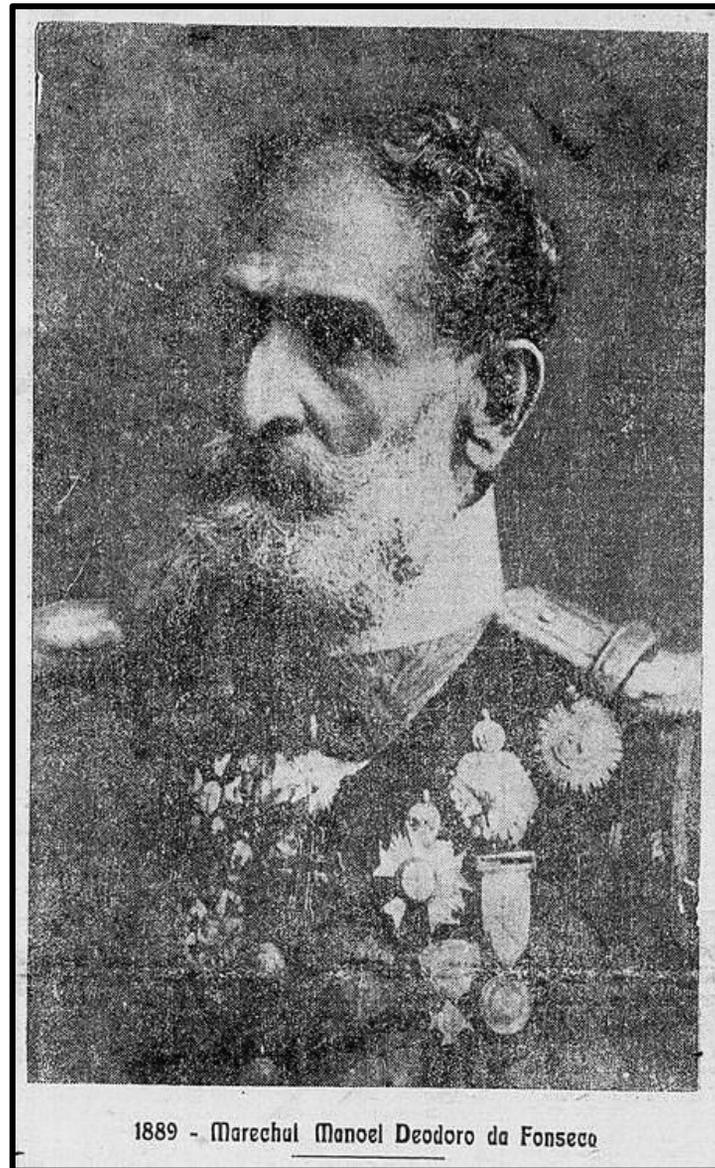
PROPRIEDADE DE UMA SOCIEDADE ANONYMA

S. Paulo - Quinta-feira, 15 de novembro de 1917

ASSIGNATURA:  
Brasil - Anno . . . 218 | Exterior - Anno . . . 608  
Brasil-Semestre . . . 118 | Exterior - Semestre . . . 304

## O anniversario da proclamação da Republica

FRANCISCO DAS NEVES ALVES





As notícias sobre o 15 de Novembro em 1918 ficaram menoscabadas tendo em vista os informes sobre a ascensão de maneira interina do Vice-Presidente ao cargo de primeiro mandatário do país, restringindo o periódico a descrever brevemente os atos celebrativos<sup>35</sup>. No ano posterior, houve maior ênfase na narração das “comemorações da grande data nacional”, acompanhada de editorial que tecia breve histórico sobre a implantação da república. O texto concluía que não haveria “nada mais justo que se celebre entusiasticamente” que “o dia em que se festeja a mais alta expressão liberal da nossa gente”, pois caberia aos brasileiros “o incontestável triunfo” de terem “sido, sem exemplo na história, um povo, que desde o início da sua formação, foi inveteradamente republicano”. Desse modo, naquele momento em que, “no seio dos povos mais progredidos”, o Brasil representava “uma das nações mais ricas, fortes e prestigiosas”, sua população deveria sentir, “como ontem e como sempre latejar o espírito vivo e eterno da república”<sup>36</sup>. Com a passagem de mais um ano, o *Correio Paulistano* retomava a descrição das festividades solenes, sem deixar de exaltar a data republicana<sup>37</sup>:

“Comemora-se hoje a data da proclamação da república.

---

<sup>35</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1918.

<sup>36</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1919.

<sup>37</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1920.

O advento do novo regime é, ainda, um acontecimento muito recente; entretanto, pode-se afirmar que, sendo ele o produto de uma consciência republicana, que já se delineara no Brasil desde os primórdios da nossa formação política independente, se constituiu logo em uma forma simpática de governo, sob cujos auspícios o país em breve se desenvolveu, vendo crescer as suas possibilidades econômicas, em vista das sábias e práticas leis liberais que, desde então, foram postas e vigor.

É assim que não se pode negar que a república nos trouxe grandes e incalculáveis benefícios, pois abriu à iniciativa particular e ao empreendimento individual novos horizontes de vitórias em todos os terrenos de atividade material e mental, de vantagens definidas para o povo jovem e em pleno período de florescimento, que era o brasileiro, nascido entre as mil possibilidades de uma natureza riquíssima e sob a influência das ideias triunfadoras da civilização ocidental.

Nada mais justo, pois, que se celebre com júbilo, em todo o nosso território, a data comemorativa da proclamação do novo regime. Sentimos que é cada vez mais necessário formar-se, em todo o cidadão, uma consciência republicana, bem definida, que o livre das injunções dos propagandistas de formas inovadoras, ainda oscilantes nas suas próprias bases, e que, pelo seu livre arbítrio, isto é, pelo reconhecimento próprio das vantagens do regime em que vive, repila essas correntes anárquicas, que atualmente correm mundo, com grave ameaça para os sustentáculos da felicidade dos homens e da moral social.”

A comemoração do trigésimo-segundo aniversário da república foi apontada pelo jornal como “a grande data nacional”, sendo a página mais uma vez adornada pelos retratos presidenciais, junto da divulgação dos atos de celebração e a seguinte constatação<sup>38</sup>:

“A data de hoje representa para os brasileiros um glorioso marco rememorador de uma campanha brilhante intensa, tenaz e multiforme, que transbordou o país, que fez vibrar toda uma geração, que terminou com a conquista que nos abriu as portas do porvir a todas as mais altas aspirações liberais.

O 15 de Novembro de 1889 foi o dia supremo da emancipação política. Foi a derradeira vitória que culminou a obra secular da organização de uma pátria, organização que começou com a mescla de raças nesta parte do continente; que se prolongou com o desbravamento da terra, integrada no seio da civilização; que continuou com a expulsão dos elementos estranhos; que se afirmou na vida econômica nacional, ombreando e ultrapassando a metrópole; que se definiu nas tentativas de independência malogradas, de que Tiradentes é o símbolo augusto; que se alteou, firme e altivamente, nos campos do Ipiranga, com o grito legendário do D. Pedro; que avultou nas agitadas fases políticas dos dois impérios, terminando no gesto de Deodoro.

---

<sup>38</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1921.

## O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

Foi um remate; não foi o fim. No dia 15 de Novembro, novos e amplíssimos horizontes se rasgaram a pátria brasileira. É, desde então, com passo decidido e firme, marchamos para um futuro maior e mais belo.

O dia 15 de Novembro, encerrando uma evolução política, iniciou uma evolução econômica, marcando uma era de realizações, outrora apenas sonhadas e pressentidas.

A espada de Deodoro aponta para a frente. É o gesto vivo e forte que precisamos ter sempre presente, sempre unidos às nossas cogitações patrióticas para o progresso, o engrandecimento, a glória do Brasil.”

# A PARADA DA FORÇA PUBLICA

## A grande data nacional - A Republica comemora hoje o seu 32.º anniversario

### As solenidades officias - O programma - Revista das tropas - As evoluções

A data de hoje pertencendo ao movimento que sempre animou o povo brasileiro, a data de hoje pertencendo ao movimento que sempre animou o povo brasileiro, a data de hoje pertencendo ao movimento que sempre animou o povo brasileiro...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



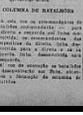
ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



FERDINANDO DE VIZCAYA

Ferdinando de Vizcaya, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



FERDINANDO DE VIZCAYA

Ferdinando de Vizcaya, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



FERDINANDO DE VIZCAYA

Ferdinando de Vizcaya, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



FERDINANDO DE VIZCAYA

Ferdinando de Vizcaya, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



FERDINANDO DE VIZCAYA

Ferdinando de Vizcaya, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



FERDINANDO DE VIZCAYA

### Contingentes que tomarão parte na parada e officias que os comandarão - Diversos notis

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



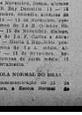
ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...



ALBERTO DE SAUSSE

Alfredo de Sausse, chefe do Estado-Maior, figura proeminente nas solenidades...

O próximo aniversário republicano, já nos primórdios da Crise dos anos 1920, foi enfatizado em suas ações comemorativas e no destaque à relevância da mudança na forma de governo no conjunto da formação histórica brasileira<sup>39</sup>:

“O Brasil festeja mais um aniversário da proclamação da república. A data de hoje, portanto, dentre todas as gloriosas efemérides que marcam fases brilhantes, períodos notáveis, transformações sensíveis do país, é certamente a que encerra a maior soma de conquistas, lembrando um fato que culminou a todas as vitórias alcançadas pelo gênio da nossa raça na escalada incessante para os supremos ideais humanos.

O primeiro ciclo da evolução política brasileira encerrou-se na manhã de 15 de novembro de 1889. Para esse desenlace o nosso país caminhou desde a primeira manifestação de uma nacionalidade distinta da metrópole, quando se delinearam os caracteres definitivos do nosso tipo.

A primeira parte da nossa história começa com o descobrimento e termina com a república. Aparece a nação: ambientam-se, fundem-se as raças; organiza-se pouco a pouco o aparelho econômico; secciona-se o país do velho tronco; revigora-se em dilatados anos; esplende, por fim, na luz radiante de uma nova era. É a nossa era. Começou com o gesto de Deodoro.

---

<sup>39</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1922.

Povo que abriga no coração os mais altos sentimentos de humanidade, de fraternidade; povo forte, capaz de construir uma civilização notabilíssima; povo ativo, heroico, profundamente democrata, baluarte da justiça e do direito, apóstolo da paz, campeão nas lutas do progresso – o brasileiro, desde que o seu perfil enérgico se recortou no cenário da história, manifestou-se sinceramente republicano.

A República, aliás, é o ideal puríssimo da América. A centelha da revolução, quando o incêndio amainava na França, vinha alimentar no Novo Continente o grande sol. E a luz imaculada derramou-se de norte ao sul, rutilando nas espadas de Bolívar e Sucre, flamejando na cabeça ensanguentada de Tiradentes.

A independência deu-nos o Império, por uma circunstância momentânea. A situação do Velho Mundo não nos permitia realizar o sonho da raça. Houve um adiamento apenas, não uma renúncia.

O dia 15 d Novembro, pois, fechou o primeiro ciclo da nossa evolução. É a nossa data máxima. Desde aquele dia iniciamos vida nova.

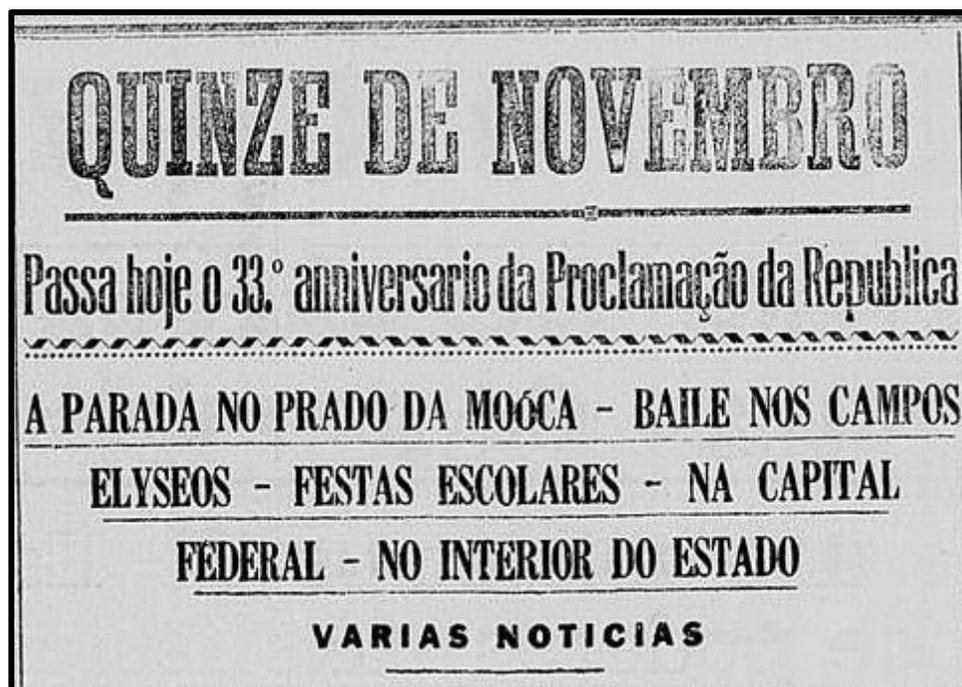
Nestes trinta e poucos anos, o Brasil conseguiu elevar-se extraordinariamente no conceito universal. Por mais pessimistas que sejamos, não podemos deixar de reconhecer o progresso notável que fizemos.

Construímos o formidável aparelho econômico que dentro de poucos anos tornará excepcional a situação do país. Tornamo-nos conhecidos e respeitados pelo talento dos nossos compatriotas nas grandes assembleias dos povos.

Avançamos pelo sertão a dentro, implantando os marcos da civilização e levando ao recesso das brenhas o grito revolucionário do trem de ferro. Abrimos os umbrais da terra maravilhosa às correntes imigratórias, intensificando a nossa lavoura, o nosso comércio, as nossas indústrias. Derramamos a instrução pública por quase todos os recantos da pátria. Assimilamos toda a civilização universal contemporânea e contribuímos para o enriquecimento do patrimônio da cultura científica e artística do mundo. remodelamos as nossas cidades e tornamos, principalmente, a capital do país uma das maravilhas do globo pelos encantos de que soubemos revestir as suas belezas naturais. Progredimos em todos os ramos da atividade humana. Mantendo uma política sábia e conservadora, não nos ativemos, entretanto, aos velhos preconceitos e viemos evoluindo nos processos de administrar e de governar.

Temos muito mais ainda que trabalhar. Com um largo plano de realizações, arrima-nos a convicção de que seremos dentro da república uma grande potência democrática. Sentimos que o Brasil caminha.

Justas são, portanto, as manifestações de entusiasmo com que os brasileiros saúdam a passagem de mais este aniversário do regime republicano, pois, se muitas dificuldades soubemos vencer com a República, saberemos triunfar com a república e na república e pela república saberemos fazer um grande país.”



Em 1923, o *Correio Paulistano* voltou a chamar atenção para a efeméride do 15 de Novembro, demarcando as solenidades festivas e afirmando<sup>40</sup>.

“Há trinta e quatro anos o Brasil encerrava o segundo ciclo da sua existência, abolindo o regime monárquico, inaugurando a fase definitiva de sua vida de nação livre, atingindo, dessa maneira, o seu supremo ideal político. (...)”

---

<sup>40</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1923.

O progresso logrado pelo Brasil durante estes primeiros trinta e quatro anos ressalta à vista de todos. O tempo decorrido é tão pequeno, que numerosas são as testemunhas vivas dessa evolução rápida, extraordinária, que comprovou as excelências do regime ansiosamente desejado pelos velhos patriotas. (...)

A passagem do aniversário da proclamação da república é, pois, a festa nacional de maior significação para os brasileiros, sob o ponto de vista da sua evolução política. O novo regime culmina uma série de conquistas, abrindo novos e amplos horizontes à nação.”



As falas de autoridades governamentais acerca do Dia da República foram um dos destaques do periódico paulista em sua edição de novembro de 1924,

além das atividades alusivas à data cívica e de matéria que fazia referência à crise rebelde que sacudia o país à época<sup>41</sup>:

“Não foi para vê-los maculados pelas maquinações sanguinárias e fratricidas dos falsos apóstolos de uma demagogia baseada no capricho e na violência, na ambição de mando e nas discrasias pessoais, na turbulência irrequieta e no caudilhismo, que os grandes vultos da propaganda – sociólogos, jornalistas, oradores e políticos – ergueram, em 15 de Novembro de 89, os liberais alicerces da república.

Quando a estrutura do novo regime se superpôs, pela vontade consciente da nação, ao desmantelado organismo monárquico, o sábio e prudente patriotismo dos seus propugnadores deu ao país uma constituição libérrima e, fruto de um laborioso esforço histórico, dotou-o com um mecanismo legal, destinado a garantir, plenamente, todas as liberdades que representam uma conquista individual ou coletiva, preconizadas pelo senso jurídico comum aos povos mais civilizados.

Essas leis, destinadas a melhorar as condições de vida do povo brasileiro, processadas dentro de um regime amplamente liberal, representam um patrimônio sacrossanto, cristalizado pela vontade soberana e consciente da nação, expressa pelos seus delegados legítimos. São a forma viva da legalidade.

---

<sup>41</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1924.

Atentar, pois, contra esta, é violar a vontade corporificada e intangível da nação, procurando ferir de morte a própria essência da pátria.

A ideia da república, pois, que hoje celebramos, comemorando a data solene da sua proclamação no nosso país, exprime-se na ideia da legalidade, que a contém e a defende. E a república – sendo a forma de governo que alcança a mais avançada concepção de um regime de inteiras liberdades e garantias individuais – deve ser considerada como a maior conquista que pode ambicionar um povo evolvido e progressista. (...)

Se o orgulho legítimo do povo brasileiro residiu sempre no liberalismo da sua forma governamental, dando, no passado recente, pela escolha do seu novo regime um exemplo de admirável evolução social e política às nações mais cultas do universo, qualquer atentado contra ele representa um retrocesso, o surto tardio dos retardatários revoltados, incapazes de viver dentro das amplas liberdades, que só podem desfrutar os agregados sociais verdadeiramente cultos. As sublevações, os motins, os distúrbios representam, pois, o esforço retrógrado das minorias ignorantes e incompetentes, que necessitam ainda do acaimo de leis menos generosas para manietar-lhes a indisciplina e a falta de adaptabilidade às existentes normas legais. (...)

Não! Não podemos abrir mão de um bem que foi sonhado nas auroras da propaganda, quando o idealismo orgânico dos que almejaram aperfeiçoar o regime constitucional da nossa pátria, esboçava, no continente sul-americano, uma das mais belas democracias. Conquistada a 15 de Novembro de 89 a

república é ela uma glória legítima da civilização brasileira, motivo de orgulho de todos os seus filhos.

Ter o escopo de fortificarmos nosso civismo para darmos força e prestígio às nossas leis; procurar sempre mais desenvolver o programa de liberdades que forma a essência mesma da instituição republicana; viver dentro delas em harmonia e concórdia, promovendo o funcionamento exato da fatal seleção de valores, que o crescente interesse cívico das suas forças eleitorais dia a dia mais apura; isso, sim, é um ideal digno de um povo culto e nobre como o povo brasileiro.

São seus os frutos que se colhem na paz. Dentro das rebeliões e das mazorcas, somente poderia caminhar o país para o desprestígio, para o luto e para fome. É contra essa catástrofe que toda a nação reage, unidos todos os seus filhos por um pacto solene, que é, afinal, a mais bela forma com que podemos celebrar, no dia de hoje, a sacrossanta data de 15 de Novembro!"

CORREIO PAULISTANO -- Sábado, 15 de novembro de 1924

---

## QUINZE DE NOVEMBRO

---

Por iniciativa do presidente de São Paulo, será affixada hoje, em todas as municipalidades do Brasil, uma vibrante e patriótica proclamação, assignada pelos presidentes e governadores dos Estados

**Sessões cívicas no Senado e na Camara dos Deputados**  
**As commemorações nesta capital, no Rio e em outras cidades do paiz**  
A grande parada da Força Publica, na Moóca -- Recepção no palacio do Governo -- Varias notas

Uma “grande e imponente festa” e o programa das ações comemorativas foram a tônica da edição de 15 de novembro de 1925<sup>42</sup>. No ano seguinte, o jornal exultava diante da posse no cargo presidencial do político vinculado a São Paulo, Washington Luís, considerando que aquele era “um dos maiores dias da república”. O personagem empossado foi profundamente elogiado pelo periódico, segundo o qual, “o quatriênio do Sr. Arthur Bernardes foi o da resistência à desordem”, de modo que, “ao seu sucessor transmitiu intacto, graças a essa resistência, o patrimônio moral do povo brasileiro”, de maneira que o novo período governamental seria o “da ordem em todas as esferas da atividade nacional”. Com otimismo, afirmava que, como “país jovem, cheio de vitalidade e em plena expansão, o Brasil vai marchar resolutamente para frente”. Ressaltava que “a grande obra de preservação nacional que as mais duras circunstâncias impuseram a Arthur Bernardes e de que o eminente brasileiro soube ser digno” viria a completar-se “harmoniosamente pela maneira feliz e brilhantíssima pela qual transmite o poder ao seu sucessor”. Dessa maneira, concluía que, tendo em vista tal conjuntura, todos deveriam “jubilosamente inscrever este 15 de Novembro entre os maiores dias da república”. Além de tais asserções, a folha paulista noticiava os atos comemorativos<sup>43</sup>.

---

<sup>42</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1925.

<sup>43</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1926.

# PARADA DE QUINZE DE NOVEMBRO

---

A grande e imponente festa militar da Força Publica, na Moóca - O programma - As tropas - Desenvolvimento - Exercícios militares - Um trabalho de officiaes da Força Publica - Os escoteiros paraguayos - As commemorações no Rio e nos Estados - Varias noticias - - - -

# 15 DE NOVEMBRO

---

AS COMMEMORAÇÕES DE HOJE PELO 37.  
ANNIVERSARIO DA PROCLAMAÇÃO  
DA REPUBLICA

---

A PARADA MILITAR DA FORÇA PUBLICA  
NO IPIRANGA

---

Recepção official no palacio do Governo — Nos  
estabelecimentos de ensino — Varias notas

Registros textuais e fotográficos dos atos celebrativos do 15 de Novembro em 1927 foram a pauta do diário paulista, mantendo a perspectiva discursiva de tecer louvaminhas ao governo federal, personalizado na figura presidencial de Washington Luís. Apontava que se “revestiram de um brilho verdadeiramente excepcional as solenes comemorações realizadas por motivo da passagem da grande efeméride republicana”. Considerava que tais “comemorações cívicas assinalaram, de um modo brilhante e expressivo, o patriotismo do povo brasileiro” Tal “dia, todo de festas e júbilos”, teria marcado, “numa era de paz e confiança, nos altos destinos da pátria, uma das efemérides máximas da nação brasileira”<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16 nov. 1927.

## A parada da Força Publica



Entre os festejos com que a nossa capital commemorou hontem a data nacional de 15 de Novembro, teve saliente destaque a parada militar da Força Publica.

Muito embora não seja esse um espectáculo inédito para a nossa população, pois que annualmente se realiza, a concentração da milicia paulista no Prado da Mooca constituiu sempre, porém, um motivo de atracção para o povo de S. Paulo, ávido de admirar e applaudir o garbo, a disciplina, a impecavel correcção dos nossos soldados nas diversas phases das suas evoluções nos campos de exercicios.

A parada de hontem foi mais uma bella manifestação do valor da Força Publica, demonstrada deante das mais altas autoridades do Estado e de uma grande parte da população da cidade.

O nosso cliché apresenta os sr's, dr. Julio Prestes, presidente do Estado, e dr. Salles Junior, secretario da Justiça e da Segurança Publica, quando, em landau do Estado, se dirigiam para posar em revista a tropa estendida em linhas.

QUINZE DE NOVENBRO

Como S. Paulo commemorou a maior ephemeride republicana

A brilhante e imponente recepção no palacio dos Campos Eliseos — Parada militar da Força Publica Accorreu ao Prado da Mooca uma grande multidão, que applaudiu, expressivamente, os soldados da milicia paulista — Concertos publicos — Regosio popular — Diversas solennidades — No Rio de Janeiro, nos Estados e no exterior

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no palacio dos Campos Eliseos...



O cortejo de São Paulo, marchando pelo campo de São Carlos, em 15 de novembro de 1911...

NO PRADO DA MOOCA

A GRANDES PARADAS MILITARES DA FORÇA PUBLICA

Como se assistiu ao desfile... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Estado

A 1.ª sessão... A 1.ª sessão da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo...

Do Brasil

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...



Um momento da recepção no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...



Um momento da recepção no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...



Um momento da recepção no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...

Do Rio de Janeiro

Recepção de 40 mil soldados... A recepção de 40 mil soldados paulistas, que se realizou no Prado da Mooca...





A cobertura dos atos solenes acerca da “data aniversária da proclamação da república”, mormente em São Paulo e no Rio de Janeiro, e também no restante do país, orientou a pauta do *Correio Paulistano* em 1928, com página adornada pelo retrato de Deodoro da Fonseca e pela fotografia do Monumento da

Independência, por onde passara o desfile alusivo. Além disso, ressaltava o caráter cívico da celebração<sup>45</sup>:

“O Brasil comemora, hoje, com manifestações de intenso júbilo cívico, a data da proclamação da república.

Tanto na capital do país, como em nosso Estado, as festas que se projetam para a exaltação da gloriosa efeméride são de molde a realçar, condignamente, a significação do regime que tem facultado as nossas grandes conquistas de nação nova.

Em pouco mais de três decênios de vida republicana conseguimos realizar uma obra política de grande vulto. E essa obra corresponde, com admirável justeza, aos ideais da propaganda, colocando-nos entre os países de maior prestígio na América jovem e liberal.

Fruto de claro idealismo, no sentido justo da palavra, ardentemente propugnada pelos que melhor souberam apreender os objetivos de prosperidade, de cultura e de justiça que nos são peculiares, a República é o corolário natural dessas raudiosas premissas porque tem sido a forma de governo que vem possibilitando todos os nossos anseios de felicidade coletiva.

Em vão os remanescentes de certo liberalismo sonâmbulo desesperam o regime.

---

<sup>45</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1928.

A realidade brasileira está indicando, de modo nítido, que o regime por nós escolhido e adotado é o melhor possível, e que todas as aspirações brasileiras, quer sob o ponto de vista material, quer sob o ponto de vista moral, florescem, esplendidamente, dentro dele.

A república não é, portanto, essa palavra fácil dos discursos bonitos, simples flor de retórica de uma democracia inconsequente e irreal; é alguma coisa mais alta, com um maior sentido de realização, em que todos nós queremos colaborar com o nosso espírito construtor, pugnando pelo advento de um Brasil integrado no seu destino e capaz de solucionar, com segurança, os seus problemas fundamentais de nacionalidade alvorecente.

Que o regime é o que condiciona a solução desses problemas fundamentais não há dúvida nenhuma; que os homens de governo incumbidos pela soberania popular de dirigir os negócios públicos, se têm empenhado com patriotismo na obra prevista pelos fundadores da República, é coisa que só desconhecem os oposicionistas por índole ou por sistema; que as instituições vigentes estão radicadas na consciência do país, como fazendo parte integrante da sua fisionomia política, de modo a satisfazer a todas as nossas condições de vida e de desenvolvimento, também é coisa fora de discussão. Quer isto dizer que o dia de hoje deve ser de extraordinário júbilo para todos os brasileiros. e assim o é, realmente.

De norte a sul do país há o mesmo despertar cívico do povo, identificado no mesmo culto de amor à república. Povo e governo se associam nesse bater

isócrono de corações; justamente porque é esse o mais belo objetivo dessa mesma República em que governo e povo se conjugam e se completam.

É a grande festa da nossa fraternidade política.”

CORREIO PAULISTANO 15 . 11 . 25

# Quinze de Novembro

Será hoje festivamente commemorada em todo o paiz a data  
-:- -:- anniversaria da proclamação da Republica -:- -:-

As festividades nesta capital revestir-se-ão de excepcional brilho

A revista militar na collina do Ypiranga

O grande baile no Palacio dos Campos Elyseos

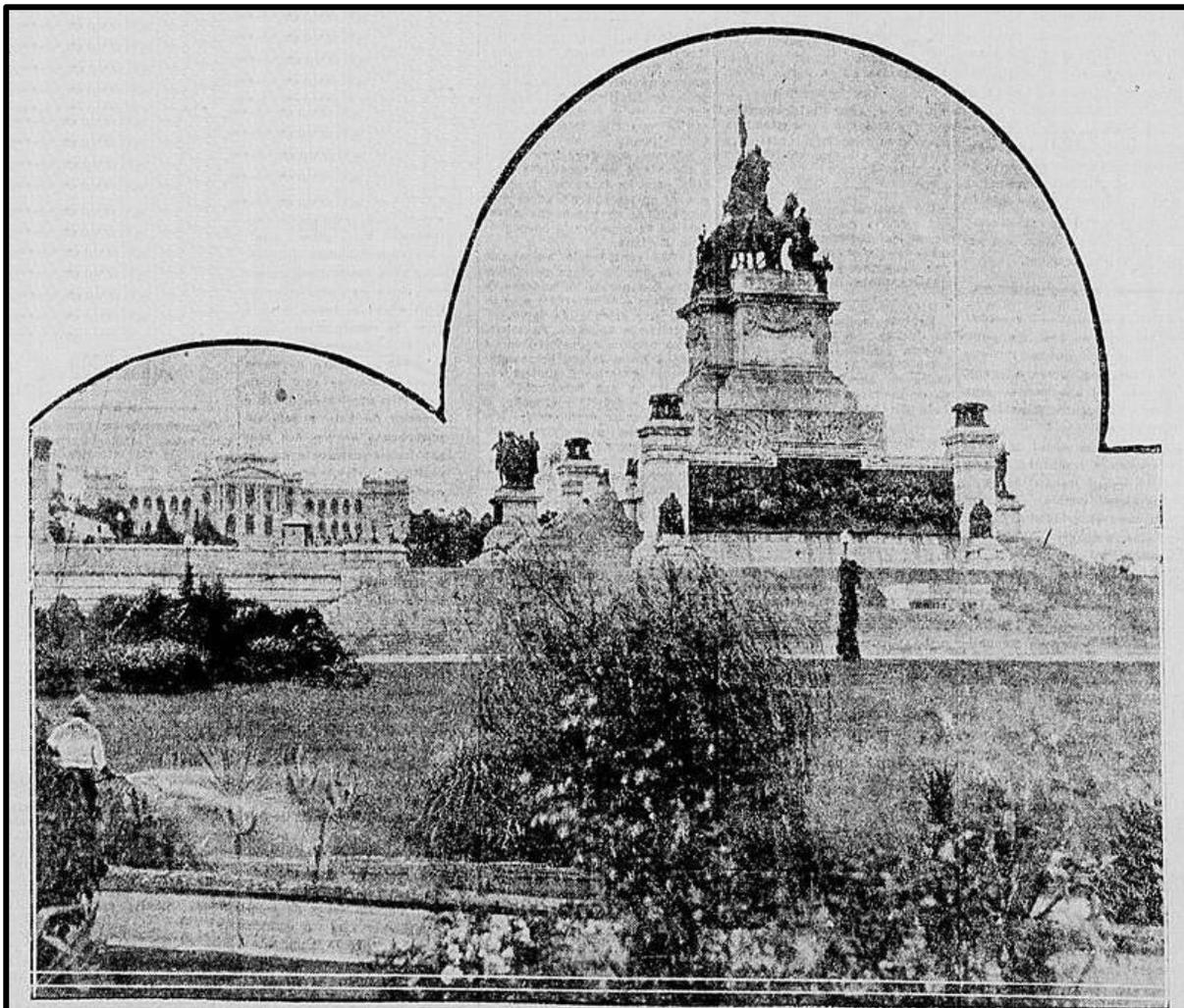
Programmas que se desenvolverão nos estabelecimentos de ensino

Outras commemorações em São Paulo, no Rio e nos Estados



Marechal Deodoro da Fonseca

Proclamador da Republica Brasileira, na manhã  
memoravel de 15 de novembro de 1889



O majestoso monumento da Independencia, na colina historica do Ypiranga, ao redor do qual, hoje, pela manhã, as tropas da Força Publica desfilarão, num total aproximado de 3.000 homens, em commemoração á data de XV de Novembro.

O 15 de Novembro do ano de 1929 foi enaltecido pelo periódico paulista a partir das notícias acerca das ações solenes, de texto alusivo à efeméride e da presença dos retratos dos militares Benjamin Constant, apontado como o “fundador da república” e de Deodoro da Fonseca, denominado como o “proclamador do novo regime”, havendo preocupação com destaques para o papel de cada um dos personagens nos atos que levaram à instalação da nova forma de governo<sup>46</sup>:

“Na comemoração do 40º aniversário da república, o balanço mais rigoroso que se fizer depõe brilhante e favoravelmente ao regime.

Ele é o resultado lógico de uma evolução política sabiamente operada e consulta com brilho e felicidade as tendências democráticas do nosso povo, os seus pendores políticos, as suas aspirações sociais com raízes no mais remoto passado.

A república, como regime político, tem estado invariavelmente a serviço da grandeza e do progresso do país. As instituições que ela nos trouxe aí se encontram dando-nos os benefícios de uma democracia que dia a dia mais se apura e se educa, de administrações atentas às necessidades nacionais, de governos realizadores.

---

<sup>46</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1928.

Com a república, despertou e formou-se o senso desse nacionalismo sadio que vê o Brasil com olhos brasileiros, sem as roupagens fictícias de práticas estranhas à índole do povo, porque o regime não é uma tela doutrinária onde políticos eruditos e cansados tracem abstratamente formas e planos ideológicos.

A verdade é que a república foi uma das conquistas mais puras da consciência nacional.

Ela não foi uma improvisação, tão verdadeiro e profundo se mostrou sempre em nossa história o sentido brasileiro de sua fatalidade. Chegou, quando já preexistia em todos os espíritos, porque ela nos viria trazer as reivindicações mais imperiosas da nação inteira.

Nem se diga que os regimes pouco importam para os bons governos. A lição contemporânea do mundo nos mostra justamente quanto vale um regime em que o exercício da autoridade justa e forte se possa conciliar com o exercício das liberdades humanas, civis e políticas. Ora, o grande exemplo que a República Brasileira nos dá é o exemplo de um regime de plenas e absolutas garantias constitucionais, ao mesmo tempo que dentro dele operam governos com os característicos essenciais de estabilidade e de ação construtora.

O regime, portanto, já fez a sua prova. A sua existência se demonstra firme e intangível na aprovação, nas demonstrações de apoio, de entusiasmo com que hoje todo o país mais uma vez comemora o seu advento."

# Quinze de Novembro

**SERA' FESTIVAMENTE COMMEMORADA HOJE EM TODO O PAIZ A DATA ANNIVERSARIA  
DA PROCLAMAÇÃO DA REPUBLICA**

A formatura da Força  
Publica no Ypiranga

As festividades nesta  
capital revestir-se-ão  
:: de grande brilho ::

A recepção official no  
palacio do governo

OS PROGRAMMAS QUE SERÃO DESENVOLVIDOS NOS ESTABELECIMENTOS  
DE ENSINO — OUTRAS COMMEMORAÇÕES EM S. PAULO





A partir da Revolução de 1930, o *Correio Paulistano* viria a ter sua vida afetada pelos eventos políticos que se desencadearam, de modo que deixou de circular a partir do final de 1930. A interrupção em sua circulação foi por período significativo e, uma vez voltando a ser publicado, retomou suas abordagens acerca do Dia da República. Em 1934, o jornal lançava mão de registros textuais e fotográficos de modo a apelar para a memória acerca das comemorações da data cívica em tempos pretéritos, além de divulgar as atividades alusivas coetâneas e analisar pejorativamente a situação política brasileira de então, louvando a vida brasileira à época da República Velha, sob a égide da elite paulista, e tecendo críticas quanto aos governos pós-1930<sup>47</sup>:

“Faz hoje quarenta e cinco anos, quase meio século, que desapareceu o Império Brasileiro e surgiu em seu lugar a República dos Estados Unidos do Brasil.

O próprio título oficial escolhido pelo país mostra bem claro que a mais profunda transformação havida, na data de hoje, em 1889, foi a elevação das antigas Províncias à categoria de Estados autônomos. De todas elas, sem dúvida alguma, a que maiores benefícios colheu com a transformação foi a de São Paulo.

De fato, embora fosse a terra a mesma e a mesma também a gente, não podia São Paulo, como Província, presa ao sistema centralizador do Império,

---

<sup>47</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1934.

tomar as iniciativas que lhe haveriam de assegurar o passo firme pela estrada do progresso e dar a justa nomeada que lhe coube até agora. O grande surto econômico, financeiro e intelectual de São Paulo começa, inegavelmente, nos primeiros anos da República e só vai sofrer solução de continuidade depois do 'salto no escuro' dado pelo Brasil em outubro de 1930 e que o atirou da brilhante posição em que se encontrava, no famoso 'deserto de homens e de ideias', confessado pelo atual embaixador do Brasil em Washington.

Correndo os olhos pelos oito lustros em que a preferência e a confiança do povo lhe entregaram as altas investiduras que desempenhou nos poderes Legislativo e Executivo, só motivos de orgulho encontra o Partido Republicano Paulista.

Tendo sido o grande propagandista da república e principal elemento de seu êxito, a ele deve a nossa terra, antes de tudo, a autonomia conquistada em 15 de novembro de 1889, bem como a sua conservação durante dez quatriênios, apesar do desejo manifestado pelo governo central, bem sucedido noutras unidades da federação, de aqui intervir, desejo que só não se tornou realidade devido à impávida firmeza que lhe opôs o governo composto de republicanos paulistas, francamente apoiado pela opinião pública.

Deve-lhe São Paulo, além disso, a intransigência inabalável com que sempre e galhardamente defendeu a integridade do território recebido, sem embargo das numerosas questões de limites, que teve de resolver, herdadas da monarquia.

Deve-lhe mais o primor do aparelhamento administrativo criado pelos governos eleitos pelo PRP e que serviu, por um lado, para incrementar ou auxiliar o progresso da nossa agricultura, do nosso comércio ou da nossa indústria e, por outro, de modelo para outros Estados, contribuindo, por tal forma e ao mesmo tempo, para o nosso incomparável progresso e para a justa fama de adiantamento que alcançamos.

Deve-lhe, ainda, a situação de grande destaque na política nacional, desfrutada até 1930, ao lado do crédito excelente de que gozávamos, interna e externamente.

Foi preciso que viesse o 'salto no escuro' para que conhecêssemos a sujeição, as humilhações, a mutilação do nosso território, a desorganização dos serviços, o desprestígio na política nacional e o maior descrédito que possa sofrer um povo, não pagando as suas obrigações.

A esse salto no escuro costumam os 'regeneradores' chamar de República Nova, mas república só tivemos uma, a de 89, que se comemora a quinze de novembro."

# CORREIO PAULISTANO

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO PAULISTA

E, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
BADARO', N.º 2 — CAIXA POSTAL "D"

S. PAULO — QUINTA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1934

FUNDADO NO ANNO DE 1854  
ENDEREÇO TELEGRAPHICO "PAULISTANO"

## O 15 de Novembro de hontem e de hoje

UMA PAGINA VIVA DE COELHO NETTO — RECORDANDO AS ANTIGAS PARADAS DA FORÇA PUBLICA NO PRADO  
DA MOÛCA — AS COMMEMORAÇÕES NA CAPITAL — OUTRAS NOTAS



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



Em cima: o chefe da Missão Franceza, após as grandes manobras do anno de 1913, faz a crítica das mesmas em presença da officialidade da Força e do Secretario do Interior de então, dr. Sampaio Vidal — No centro: A cavallaria desfila em uma parada de 15 de novembro, no Prado da Moóca — Em baixo: O coronel Antonio Baptista da Luz, commandante geral da Força de 1909 a 1912, tendo á sua direita os coroneis Pedro Arbues, Amarante Cruz e Soares Neiva (fallecidos) e á esquerda, Pedro Dias de Campos, Antonio Sobrinho e Pedro Ribeiro (fallecidos)

No ano seguinte, por meio de editorial denominado “A única república”, o representante da imprensa periódica paulista aproveitava a efeméride para manter a sua postura de oposição e ferrenha crítica ao *status quo* governativo do Brasil<sup>48</sup>:

“Há quarenta e seis anos, na data de hoje, instaurava-se no Brasil o regime republicano.

A obra realizada pela república que os ‘salvadores’ destruíram em 24 de outubro de 1930 aí está atestando não só a excelência das instituições que nos regeram até aquele dia fatídico, como também, e principalmente, a superioridade moral, o patriotismo e a clarividência dos homens que, durante quatro décadas, tiveram as responsabilidades do governo brasileiro.

Inutilmente pretenderam os que se propunham a regenerar denegrindo e injuriando, diminuindo e aviltando o passado, transformar a política republicana numa fonte permanente de males e desgraças ininterruptamente espalhados sobre a nação.

Longe de ser aquilo que a retórica barata dos demagogos assoalhava e a epilepsia democrática afirmava ser, a república fundada em 89 foi, na verdade, a grande propulsora do progresso nacional.

---

<sup>48</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1935.

Tudo quanto existe no país, capaz de nos envaidecer, deve-se ao regime que a aventura outubrista aniquilou e o pouco que nos resta de organização resulta, apenas, da capacidade dos antigos governantes, tão malsinados pelos que assaltaram o poder e fizeram do Brasil esse vasto domínio da desordem e do arbítrio.

O confronto entre o que éramos na vigência da Constituição de 91 e o que somos hoje não pode deixar de entristecer os que amam deveras a pátria e desejam vê-la engrandecida, próspera, feliz e honrada.

O que se instituiu no Brasil com a vitória do movimento que o Sr. Getúlio Vargas encabeçou, não foi um governo, mas a anarquia organizada, a mentira sistematizada, a mistificação, o desbarato criminoso da fortuna pública, o capricho desçaímado e voraz dos grupelhos, o apetite inferior e criminoso das facções, que substituíram o povo, espoliando-lhe a soberania, humilhando-o com uma ditadura nefasta e sem entranhas e empobrecendo-o com as dissipações, as aventuras financeiras e as negociatas.

Cinco anos de desatinada politiquice, de imoralidade administrativa e de ostensivo desrespeito a todas as leis, bastaram para convencer a nação do ludíbrio de que foi vítima por parte dos que se apresentaram como messias da salvação nacional e empolgaram os postos mais eminentes, apenas para usufruir todas as vantagens, contentar os interesses mesquinhos.

Efetivamente, que têm feito aqueles que realizaram a mais audaciosa campanha de difamação e por um golpe de força se assenhoraram do poder?

Apenas isto: – a degradação integral da república, a conspurcação de todos os direitos populares, o descrédito completo da nação, o estabelecimento do império da indisciplina e o empobrecimento do Brasil, assoberbado pela maior de todas as crises que a sua história assinala.

Rememorando o dia de hoje e os vultos eminentes que tanto batalharam pelo engrandecimento de nossa terra, é justo que aproveitemos o ensejo para verberar a atuação ruinosa dos que hoje dirigem os seus destinos.

Não é possível que o Brasil continue presa dessa política desalmada, inconsciente e impatriótica, que está arruinando cada dia mais e que não tardará a reduzi-lo aos últimos extremos da miséria e da desonra, se não nos compenetrarmos dos nossos deveres e não reagirmos desassombadamente dentro da lei contra os que corrompem, aviltam e desgraçam o país.

Quando na França agitada pelas infâmias de uma situação que lhe ameaçava o futuro, os patriotas começaram a protestar contra os crimes de Luís Felipe, o refrão que andava na boca de todos os parisienses era este – ‘ça ne peut pás durer’. Isto aqui no Brasil também não pode durar. Não pode durar porque assim o exige o instinto de conservação da nacionalidade. Não pode permanecer porque não perdemos ainda a nossa consciência cívica, não abdicamos os nossos direitos e não queremos viver perante o mundo civilizado com os estigmas da mais humilhante degradação.

A república há de ser restaurada.”

A conjuntura cada vez mais restritiva quanto às liberdades individuais, inclusive no que tange ao direito de expressão, tendo em vista a adoção do Estado de exceção, fez com que a manifestação do jornal paulistano, sem deixar de ser crítica, fosse um pouco menos direta quando da denominação dos adversários, embora buscasse defender a retomada dos denominados caminhos democráticos e valorizar a situação vigente no período anterior a 1930. O 15 de Novembro foi comemorado com matéria ilustrada que exaltava os propalados fundadores da nova forma de governo, trazendo destaque para o papel paulista no processo, sendo também apresentado o editorial “Dia da República”<sup>49</sup>:

“Ao comemorar no dia de hoje o quadragésimo sétimo aniversário da república devem os brasileiros meditar na obra que ela realizou e assentar o propósito de defendê-la cada vez mais viril e energicamente contra todos os inimigos que a ronda, difamam e anatematizam.

Não obstante as crises que abalaram o regime, os erros que lhe possam ser imputados e as culpas em que haja incidido, indiscutível é que propiciou ao Brasil um surto admirável, tirando-o do marasmo monárquico para os esplendores da civilização que vai conquistando.

Colaboradores da vanguarda republicana, com uma parcela de indeclináveis responsabilidades na fundação da república, que apostolizamos durante mais de duas décadas, contra a dinastia bragantina, não nos

---

<sup>49</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1936.

arrependemos ainda da evangelização, porque ainda não aprendemos a descrever as virtualidades da democracia e guardamos intacta a convicção de que sob o seu império a pátria comum, honrada e próspera, culta e rica, cumprirá os seus grandiosos destinos no continente e no mundo.

O sombrio panorama da atualidade não pode matar as esperanças nos corações que conservam, incontaminada, a fé na superioridade das instituições republicanas, nem destruir a confiança do povo na sua própria soberania.

O que há de mister é que das vicissitudes do presente saibamos tirar as lições para o futuro e retificar, à luz dos dissabores e dos sofrimentos que nos são impostos, o critério de ação política e administrativa para que o país, libertado das enfermidades que o anemizam, da insinceridade que o desencanta e da incompetência que o compromete, prossiga na marcha ascensional que a aridez destes seis últimos anos interrompeu.

As desgraças que nos inquietam não são eternas, e o remédio está bem ao alcance da nossa mão.

O milagre da redenção será operado pela nossa consciência cívica, mais cedo ou mais tarde, mas com a força e a certeza dos inelutáveis a que os interesses particularistas das facções não se podem opor.

De nossa parte, não alimentamos nunca a mínima dúvida em que há de ser a nação que há de salvar a nação, sobrepujados os personalismos que nos degradam, selecionados os valores autênticos e restaurado o crédito do regime pelo respeito à liberdade dos indivíduos, à justiça e à lei.

Céticos quanto às fórmulas que o arbítrio engendra e os arrivistas da politiquice esposam, não trepidamos em afirmar que será dentro das fronteiras da democracia que o Brasil encontrará a paz de que carece para progredir, o estímulo de que necessita para engrandecer e a ordem de que impescinde para se reabilitar.

Onde os desiludidos e interesseiros buscam os argumentos pra a desmoralização do regime, nós queremos ver apenas uma razão para não abandonarmos o combate, uma vez que não é na substituição da forma de governo que encontraremos a salvação, mas no restabelecimento dos seus princípios cardeais e na sua prática, isenta dos desvirtuamentos calculados e das manobras que lhe emperram o mecanismo.

A República, hoje cognominada depreciativamente de Velha, realizou o programa que os seus propugnadores idealizaram.

Deu-nos a federação – serviço por si só bastante para torná-la benemérita –; deu-nos a autonomia dos municípios; deu-nos as franquias liberais mais avançadas; deu-nos a independência e a supremacia da justiça; deu-nos o ensino leigo; deu-nos a liberdade de culto; deu-nos a obra civilizadora das escolas, das estradas, dos portos, do saneamento, do aumento da riqueza, em suma, tudo quanto ainda nos desvanece ou ainda podemos apresentar, como resultado de penosos esforços patrióticos, para construir uma nação forte e digna de disputar um lugar ao sol entre as demais de que a humanidade se orgulha.

É principalmente para ela que voltamos os olhos nesta data. E é para ela que pedimos ao povo que volte os seus, a fim de que, haurindo entusiasmo e fé nos exemplos deixados pelas grandes figuras que a honraram, aprenda a não desestimar as instituições e a pelejar pela democracia, como síntese de suas aspirações mais nobres e do seu mais puro ideal”.



Com a instauração do Estado Novo, a publicação diária paulista se viu na contingência de amenizar suas manifestações, diante da coerção que se abatia sobre as atividades jornalísticas, como ocorreu na oportunidade do 15 de Novembro do ano de 1937, na qual o periódico trouxe uma manifestação governamental sobre a efeméride, ressaltou as festividades comemorativas e noticiou a inauguração no Rio de Janeiro do monumento ao fundador da República Brasileira<sup>50</sup>. No ano seguinte, o jornal foi ainda mais sucinto, limitando-se a publicar artigo que recordava acontecimentos de 1889 e a apresentar pequena nota acerca das atividades alusivas ao aniversário da proclamação da república, enfatizando as “grandes comemorações pela passagem” da data cívica<sup>51</sup>.

Por ocasião da passagem do cinquentenário da República, o *Correio Paulistano* dedicou uma edição especial. Adaptado ao regime em vigência, o jornal estampou na primeira página o retrato do Presidente, Getúlio Vargas, e do Interventor Federal de São Paulo, Ademar de Barros, bem como apresentou as efígies do conjunto dos “chefes de Estado na República”. Outra ilustração reproduzia a ação dos republicanos paulistas na Convenção de Itu, ao passo que um conjunto fotográfico alinhado com a alegoria feminina da república trazia os representantes paulistas na Assembleia Constituinte que redigiria a Constituição de 1891, havendo também a fotografia do Museu Republicano – Convenção de Itu e, já na parte publicitária, uma homenagem a Vargas,

---

<sup>50</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16 nov. 1937.

<sup>51</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1938.

apresentado como “eminente chefe da nação no 50º aniversário da proclamação da república, com seu retrato adornado por coroa de louros, junto dos de Deodoro da Fonseca, Quintino Bocaiuva e Benjamin Constant. Como lhe era característico, o periódico ressaltou “a contribuição de São Paulo na propaganda, implantação e conservação do regime”. Além disso, logo na abertura da matéria inicial na primeira página, o personagem político citado foi Washington Luís, em clara referência à predileção da folha pelo período que antecedeu a Revolução de 1930, o qual era considerado como “eminente brasileiro”, assim como era divulgado comentário do mesmo, segundo o qual deveria “merecer o maior carinho” a efeméride em questão. Em seguida um longo texto exaltava o papel paulista na gênese e consolidação da forma republicana. Ainda a respeito da data cívica em questão, houve a exposição das ações comemorativas e foi traçado um breve “retrospecto histórico” acerca da ideia republicana no Brasil. Nos artigos intitulados “50 anos!” e “15 de Novembro – reminiscências de um velho republicano” eram trazidos traços memoriais sobre a instalação do regime republicano<sup>52</sup>. No número seguinte, o *Correio Paulistano* apresentava a manchete “Brilantemente comemorada a data máxima da república”, referindo-se às festividades e solenidades realizadas, cobertas textualmente e por meio de fotorreportagem, que registraram momentos como discursos oficiais, desfiles e homenagens, além de uma sessão especial acerca das comemorações no Rio de Janeiro<sup>53</sup>.

---

<sup>52</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1939.

<sup>53</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16 nov. 1939.

O editorial da edição especial denominava-se “O cinquentenário da república” e, ainda que lembrasse a importância da democracia, deixava do lado a visão crítica quanto à situação dominante<sup>54</sup>:

“Nas terras jovens e livres da América permanece muito vivo o alto sentido da frase de Alexis de Tocqueville de que, no mundo moderno, a democracia corre em torrentes. Ainda hoje luminosamente o comprova o fato de, em plena vitalidade e cada vez mais capaz de levar um grande e admirável país para seu verdadeiro destino, completar a República Brasileira o seu cinquentenário.

É, sem dúvida, uma bela página de história aquela em que se vê como o Brasil se transformou de grande Império na República progressista de hoje. A tanto se chegou por processo normal e metódico demonstrador do que é a nossa capacidade de evolução harmoniosa.

‘A queda da monarquia pareceu o despreendimento de um fruto maduro. Para quem não sentiu ou acompanhou o seu amadurecimento pode constituir um fato inexplicável. Quem o seguiu, porém, se se assusta com o ruído da queda não deixa de compreender que isso é o fim natural e a sequência lógica do que o precedeu.’ Assim se exprime uma das mais belas e agudas entre as inteligências

---

<sup>54</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1939.

moças de nossa terra, a de Nelson Werneck Sodré, o ilustre colaborador do *Correio Paulistano*, que, com tanta oportunidade nos acaba de dar o empolgante livro de sociologia e história, *Panorama do Segundo Império*.

A clarividência patriótica de José Bonifácio, justamente chamado 'patriarca da independência', fez com que o Brasil ingressasse no concerto das nações soberanas, com o concurso tão varonil e brilhantemente dado por Pedro I, sob a forma monárquica, por ser essa a solução política mais conveniente no momento. E o Império, aliás, prestou decisivos serviços à causa da unidade nacional. Mas, com o ambiente americano e a generosa índole dos brasileiros a república seria apenas, como foi, uma questão de tempo. teria de transformar-se em esplêndida realidade o sonho dos inconfidentes mineiros pelo qual foi martirizado Tiradentes. E para tanto deu São Paulo contribuição poderosíssima.

Consolidada a unidade nacional, o país tomou o grande lugar que lhe compete no continente e marchou de conquista em conquista, fazendo-se respeitado e construindo, com peculiaridades marcantes, a sua alta civilização cristã. Tinha de organizar o trabalho livre, e fez a abolição. Tinha de se integrar na forte corrente das democracias americanas e fez a república no momento preciso, com o povo confraternizado com as classes armadas, de modo natural e feliz, sem efusão de sangue, com 'música e flores', como já foi escrito. E a galhardia com que as novas instituições têm vencido as vicissitudes e dificuldades inseparáveis de todas as criações humanas vale como atestado eloquente de que mergulham profundas raízes na consciência nacional.

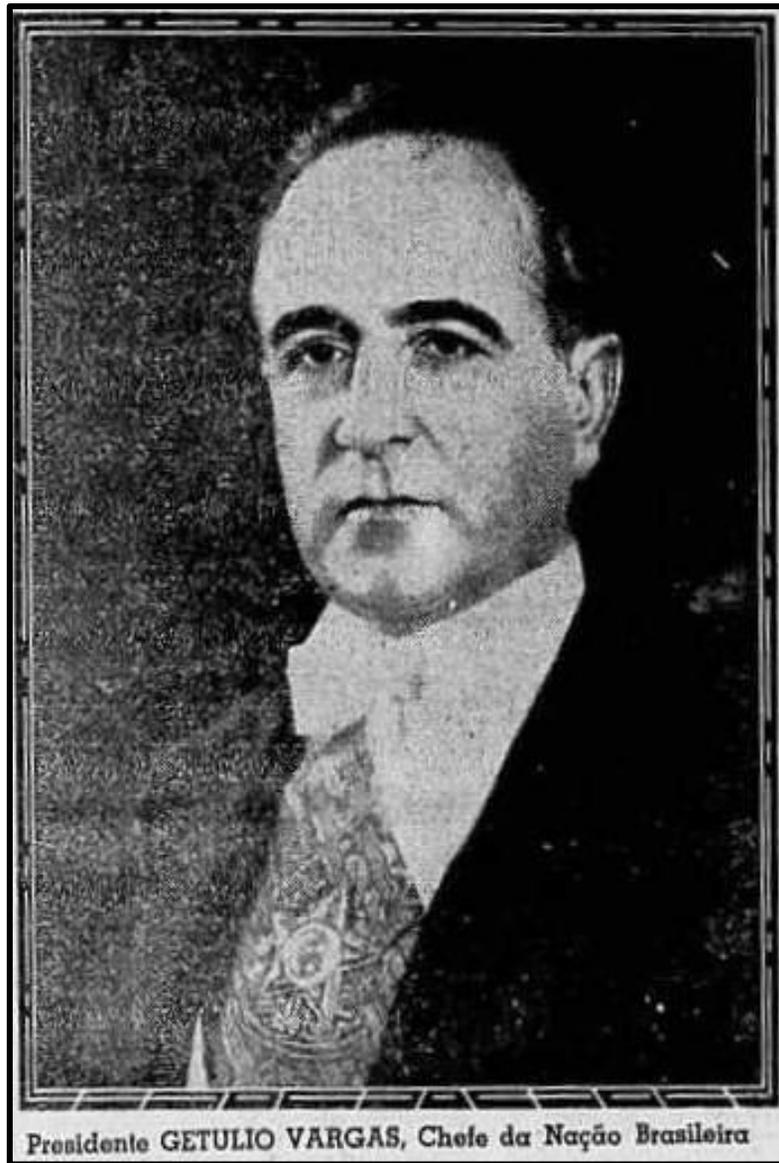
Se divergências e lutas têm havido, terminaram todas, invariavelmente, por coroamentos de ordem, de paz, de intransigente sustentação do magnífico patrimônio territorial e político que os nossos antepassados nos legaram. E a consideração da límpida História do Brasil e da sua contínua e superior evolução é de molde a nos encher de orgulho patriótico, de confiança no presente e de todas as esperanças quanto ao futuro do país que, em extensão territorial contínua, é o maior de todas as Américas.

E não somos nós a dizê-lo, Theodore Roosevelt, o grande Presidente norte-americano, quando visitou a parte sul do continente, penetrou, conduzido pelo intrépido sertanista, general Rondon, no mais denso das nossas selvas. E depois de assim haver profundamente conhecido o Brasil, escreveu com a sua autoridade e a sua visão de estadista: – O presente é da América do Norte, mas o futuro será da América do Sul e nesta o que principalmente existe é o Brasil!

Elevemos, pois, os corações, até ao ideal da eternidade, indivisibilidade e engrandecimento da pátria quando é comemorado o cinquentenário da república.”

<b>EDIÇÃO DE HOJE</b> <b>24 PAGINAS</b>	<b>CORREIO PAULISTANO</b>	<b>NUMERO DO DIA: \$300</b> AOS DOMINGOS: \$100 Telephones de "Correio Paulistano": Superintendencia ..... 2-4842 Redactor-chefe ..... 2-4832 Redacção ..... 2-4841 Escritorio e ajuste ..... 2-4833 Publicidade e offitinas ..... 2-4242		
Redactor-Chefe: ABNER MOURAO	FUNDADO EM 1854	Superintendente: ANTONIO M. DE OLIVEIRA CESAR		
ANNO LXXIVI	Séde, Redacção e Administração RUA LIBERIO BADARO N.º 661	S. PAULO — Quarta-feira, 15 de Novembro de 1939	Caixa Postal "D" End. teleg. "PAULISTANO" — São Paulo	NUMERO 25.874
<b>O CINCOENTENARIO DA REPUBLICA</b>				

**A CONTRIBUIÇÃO DE S. PAULO  
NA PROPAGANDA, IMPLANTAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO REGIME**



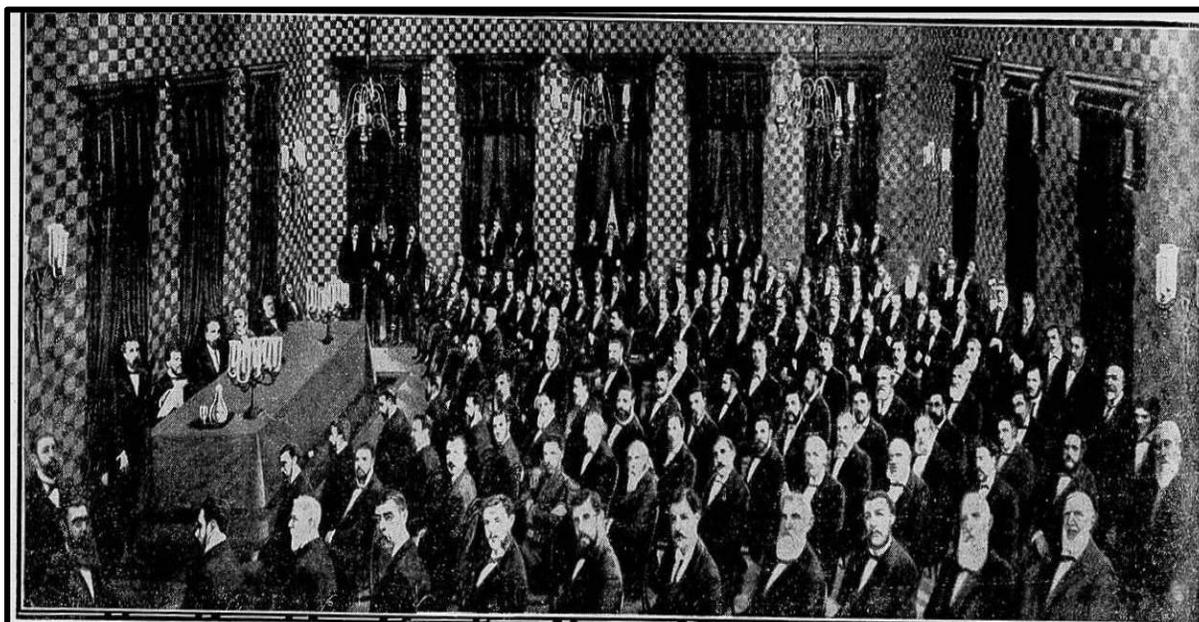
FRANCISCO DAS NEVES ALVES





6 CORREIO PAULISTANO Quarta-feira, 15 de Novembro de 1939

# O CINCOCENTENARIO DA REPUBLICA



CONVENÇÃO DE ITU' — Os republicanos paulistas reunidos, em Itu', na casa do convencional Carlos de Vasconcellos Almeida Prado, casa em que, hoje, está instalado o Museu Republicano "Convenção de Itu'."

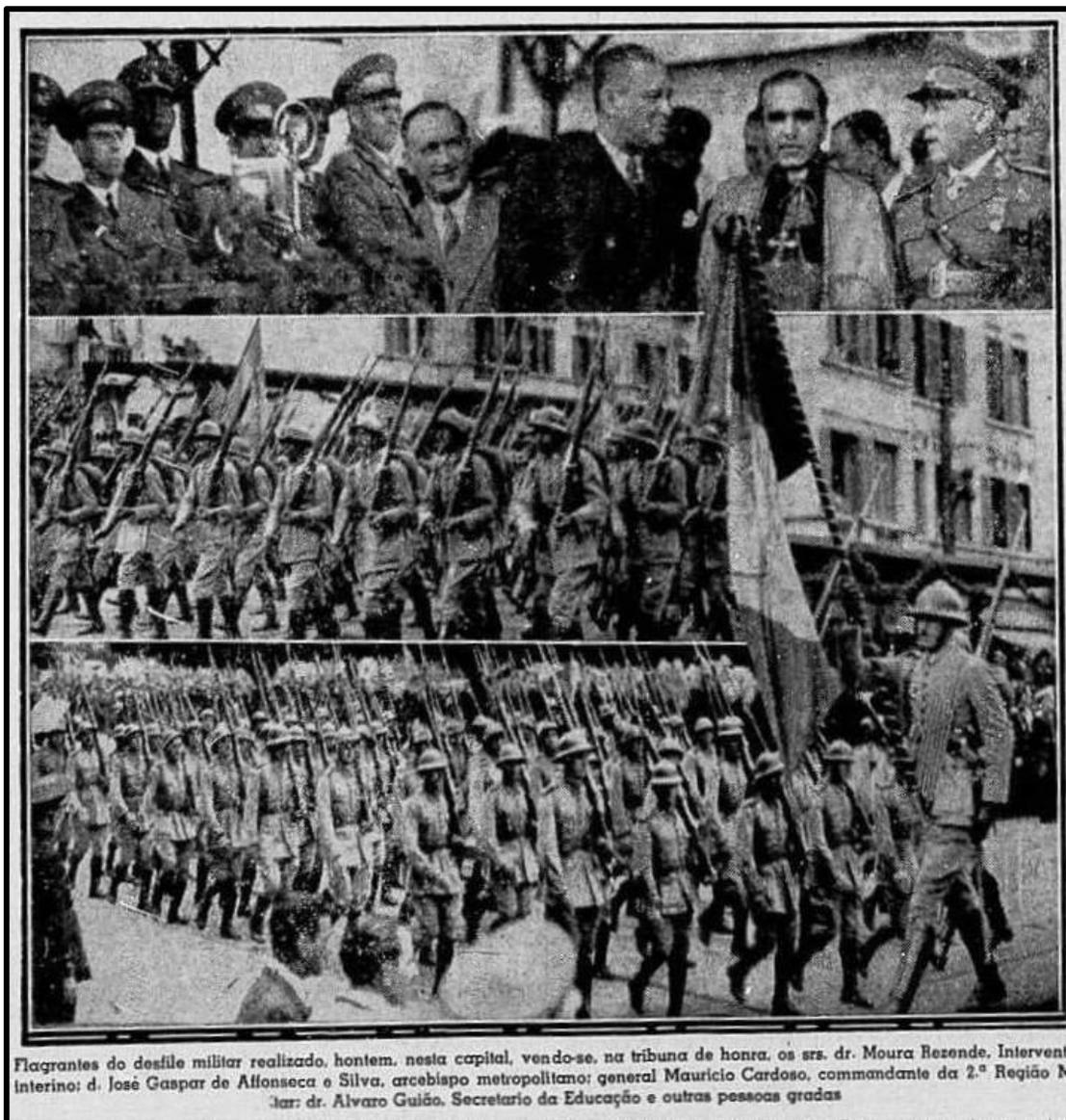








O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



## Homenagem ao unico sobrevivente paulista da Constituinte de 1891



## Commemorações do 15 de Novembro no Rio de Janeiro

Discurso do sr. Presidente Getulio Vargas, por ocasião do desfile das tropas de terra e mar —  
junto ao monumento a Deodoro — Inauguração da XII Feira de Amostras  
pelo Chefe do governo — Outras notas

O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



No "cliché" vemos, ao alto, o sr. Presidente da Republica quando lia seu discurso, cercado do Ministerio, corpo diplomatico e altas autoridades. Em baixo, flagrante do banquete oferecido pelo Exercito brasileiro ás missões chilena e colombiana

Na edição de 1940, o diário paulista concentrou-se em destacar as celebrações pela data cívica, especificando “as solenidades a serem levadas a efeito nesta capital e no interior”. Referia-se assim às “comemorações da proclamação da república”, realizadas “com grande brilho e entusiasmo cívico”, vindo a culminar “com uma série de solenidades patrióticas, dentro do programa previamente estabelecido”<sup>55</sup>. Os atos alusivos voltavam a ser enfatizados no ano seguinte, em matéria ilustrada com o retrato de Deodoro da Fonseca. Desse modo, no número de 1941, o periódico reforçava o viés cívico-patriótico e nacionalista do momento<sup>56</sup>:

“O Brasil comemora na data de hoje, com toda a solenidade, um dos maiores dias da sua História, qual seja o da proclamação da república, ocorrido precisamente há 52 anos, no então Campo de Santana, no Rio de Janeiro.

Fato sobremaneira importante, pois marca no sentido de nossa evolução a mudança para formas políticas governamentais mais adiantadas e consentâneas com o espírito de progresso que avassalava todos os domínios da atividade humana nos derradeiros momentos do século passado – o 15 de Novembro é comemorado em nossa terra com excepcionais solenidades. Em toda parte, de norte a sul do país, a mesma vibração de fé patriótica faz com que

---

<sup>55</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1940.

<sup>56</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1941.

reverenciemos com forte dose de nacionalismo o magno dia da proclamação da República.

São Paulo, desta maneira, não poderia se furtar às comemorações, motivo por que festejará hoje, condignamente, o 15 de Novembro, realizando nas escolas, associações, teatros e recintos culturais, sessões cívicas palpitantes de entusiasmo e patriotismo.”

Commemora-se hoje a data  
da proclamação da República

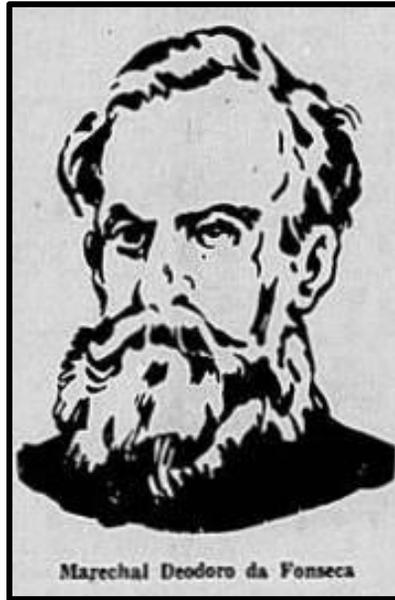
---

As solennidades a serem levadas a efeito nesta capital e no interior

**Comemorações do 15 de Novembro**

---

AS SOLENIDADES DE HOJE NESTA CAPITAL — PROGRAMA SINFÔNICO A SER EXECUTADO PELA BANDA DA FORÇA POLICIAL — PALESTRA NA ESCOLA NORMAL “CAETANO DE CAMPOS” — SESSÕES CÍVICAS EM OUTROS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO E ASSOCIAÇÕES — DESFILE NO IPIRANGA — VARIAS NOTAS



As solenidades pelo aniversário da república eram mais uma vez a tônica da edição de 1942, com a divulgação das solenidades por meio de matéria que enfatizava o papel paulista no devir histórico que levou à modificação na forma de governo, sem deixar de manifestar a submissão ao *status quo* daquela década de 1940<sup>57</sup>:

---

<sup>57</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1942.

“A nação comemora hoje mais um aniversário da proclamação da república. O acontecimento de 15 de novembro de 1889, no Campo de Santana, foi o fruto da semente lançada pelo Manifesto Republicano de 1871 e cultivada pela Convenção de Itu, de 1873. O Império não podia mais resistir à onda republicana que aumentava de dia para dia, devido à política, às vezes intransigente, outras vezes descontrolada, dos maiorais da monarquia. O dia 13 de maio de 1888, que veio a abalar profundamente os meios produtivos e econômicos do país, desarticulou a máquina imperialista, tornando-se, por isso, um dos maiores fatores da queda de D. Pedro II. Os republicanos souberam explorar, com habilidade, o descontentamento causado pela abolição em nossos meios financeiros, aproveitando-se inteligentemente dessa oportunidade para ampliar a propaganda de seus ideais políticos. Seria injustiça negar o patriotismo de Pedro II, que tudo procurou fazer para engrandecer o Brasil. o progresso, porém, é irmão gêmeo da liberdade. As leis e os costumes imperiais tolhiam os movimentos do Brasil, país novo que não podia viver com ideias velhas. O grande desenvolvimento e extraordinário progresso, manifestados em todos os setores da vida nacional, depois da proclamação da República, são uma verdade axiomática que dispensa demonstração. Reverenciando, hoje, a memória dos proclamadores da República Brasileira, ratificamos o nosso integral apoio ao seu atual Presidente, formulando sinceros votos para que ele continue engrandecendo o Brasil.”

# O aniversário da Republica será festivamente comemorado nesta capital

SOLENIIDADES A SEREM PROMOVIDAS

No número referente ao 15 de Novembro no ano de 1943, o periódico restringiu-se a noticiar as “comemorações da data” em Londres, em São Paulo e no Rio de Janeiro<sup>58</sup>. Já no próximo ano, a abordagem foi mais ampla, com a publicação de uma edição especial alusiva ao Dia da República, sendo apresentados diferentes textos sobre o tema e divulgados os atos festivos, como uma “expressiva homenagem cívica do esporte à república”, com o registro fotográfico de torcedores em estádio formando mosaico que resultava na exibição das armas nacionais. O jornal também trazia duas ilustrações que serviam para exibir anunciantes do número especial, mas eram adornadas com princípios alusivos à forma republicana, com o retrato de Deodoro da Fonseca associado à espada e ao barrete frígio e a própria dama republicana, segurando o escudo referente ao 15 de Novembro. A Convenção de Itu, aludindo à relevância paulista no processo histórico, também foi exalta no campo imagético. No artigo

---

<sup>58</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 16 nov. 1943.

“Como veio a república”, houve a intenção de demonstrar que a mudança da forma de governo contara com o apoio popular<sup>59</sup>:

“Costuma admitir-se que a república foi proclamada no Rio de Janeiro, há cinquenta e cinco anos, sem a mínima participação do povo. Mas não será isso uma prova de que estava madura a ideia republicana?”

As ideias partem, imprecisas, das profundezas de suas origens. Às vezes, não se identifica bem o ponto onde elas começaram a ter vida como ideia; é quando se pode afirmar de uma ideia que marcha com segurança, pois, não pertencendo a ninguém, fica sendo a ideia de muitos e em breve de todos.

O sentimento republicano emergiu no Brasil como consequência do espírito liberal individualista criado universalmente pelo século XVIII. Os precursores da Inconfidência Mineira eram discípulos da Enciclopédia. Não era, contudo, ainda o sentimento republicano bastante forte: primeiro porque a instabilidade tumultuária da Revolução Francesa não o esclarecia como base de um regime novo, tanto que a República só muito mais tarde se estabeleceu na própria França, a despeito e sem embargo da Declaração dos Direitos do Homem; segundo, porque, trazido ao Brasil, o sentimento republicano se diluiu no da independência, mais natural e mais extenso. Haveria ele, entretanto, de caminhar, e só não caminhou tão rápido quanto seria natural em razão das

---

<sup>59</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1944.

mesmas incertezas que o detiveram algures, agravadas, em relação a nós, pelo espetáculo dos acontecimentos na América. (...)

Era, na verdade, um espraiamento o que operava a ideia republicana durante os últimos vinte anos que precederam a proclamação da república. No cenário deste acontecimento há lugar para duas figuras: a de Deodoro, vencedor, e a de Pedro II, vencido e proscrito.

Sem abusar do espírito crítico, pode dizer-se que Deodoro proclamou a república depois que a fez Pedro II. Proclamou-se Deodoro, com a estratificação de fatos históricos aos quais poderia haver mudado o curso ou retardado o advento.

Fê-la Pedro II, como imagem, que sempre foi, do liberalismo representativo monárquico em sua evolução para a república e que a esta deu os últimos homens de Estado, cujos serviços a república aceitou. Na passagem do antigo ao novo regime nada mais houve que o estrito necessário: uma sublevação, uma data... O país continuou o mesmo, exatamente o mesmo, espiritualmente.

E assim, temos explicado que a república se fizesse por meios tão brandos. O povo não lhe foi indiferente: aceitou-a apenas com naturalidade, porque a ideia republicana já se instalara na consciência de todos."

## Expressiva homenagem civica do esporte à Republica

Incarnando os sentimentos gerais dos esportistas bandeirantes, ha pouco, a Torcida Uniformizada do Esporte Clube Corinthians Paulista apresentou esse magistral trabalho coreografico, que representa o escudo republicano nacional









Já encerrado o Estado Novo, a edição que fazia referência ao Dia da República, em 1945, o jornal paulistano mais uma vez publicou matéria publicitária acompanhada de alegorias alusivas à data comemorada, reproduzindo a imagem publicada no ano anterior, acompanhada de novos

anunciantes, contendo a imagem da dama do barrete frígio segurando o escudo com a inscrição do 15 de Novembro, além de outra, com a mesma figura feminina alegórica, de espada à mão, à frente de um arco-íris e acompanhada de duas piras, representando a flama da fé patriótica, enquanto, abaixo, surgia o pavilhão nacional, cercado pelos louros da vitória, além de armas que simbolizavam as forças armadas brasileiras, demarcando a presença das mesmas, o encerramento e a vitória sobre o Eixo na Segunda Guerra Mundial, e tal conjunto iconográfico era margeado com ilustrações inspiradas nas riquezas nacionais. Além disso apareceram artigos sobre a temática, como o intitulado “A proclamação da república”, que buscava estabelecer um relato histórico acerca do processo que levou à mudança da forma de governo, concluindo que tal modificação não fora fruto apenas da ação militar, apontando para uma propalada participação popular nos acontecimentos<sup>60</sup>:

“A evolução e concretização do ideal republicano no Brasil é um tema que está longe de ser esgotado. Não se fez ainda um estudo desenvolvido em torno do palpitante tema nem tampouco os principais vultos ligados direta ou indiretamente à transformação do regime não mereceram biografias devidamente documentadas que, por certo, muito auxiliariam a compreensão do grande fato histórico. (...)”

---

<sup>60</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1945.

Não é fundamentada a crítica de que a proclamação da república foi resultado de simples quartelada, desabafo característico dos que não satisfazem objetivos secundários ou sentem desânimo antecipado por mergulharem no domínio de concepções ditadas pela imaginação fantasiosa e muito além dos limites da realidade. Quartelada? Não! porque os militares não realizaram o movimento divorciados dos civis. Realmente ele fora possível graças aos militares e graças a eles ainda se consolidara a república. Mas os civis colaboraram decisivamente, cerraram fileiras na propaganda e estruturaram o regime (...). Quem ignora a importância do governo do republicano histórico Prudente José de Moraes Barros?

Quartelada? Não! Porque o Exército é a própria nação e no movimento de 89 ele foi a singular expressão da vontade do povo. Dificilmente se consegue separar o Exército dos movimentos que traduzem anseio geral. (...)

Sensata e compreensiva foi a confissão do Conde D'Eu a um jornalista em face do vulto da ideia republicana e de sua vigorosa marcha:

'A monarquia não pretende resistir à opinião pública, ao contrário, compromete-se a obedecer ao pronunciamento dela pelos meios legais.'

Oliveira Viana observou com muita justeza que se trata de uma 'confissão desolada'. E serve também para afirmar que a proclamação da república não seria, como não foi, simples produto de uma quartelada.

A significação do 15 de Novembro é mais profunda. A proclamação correspondeu a um anseio da população descrente do regime monárquico. O

Brasil com o 15 de Novembro realizou sua verdadeira vocação – a vocação republicana. Fatores diversos e de fácil explicação retardaram-na. Entretanto, ela sempre esteve presente na alma do povo e no espírito dos idealistas.”



# O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

Quinta-feira, 15 de Novembro de 1945

CORREIO PAULISTANO



**Estude este problema:**

**CIMENTO**

São Paulo e o Estado que mais cimento consome no país.  
São Paulo só tem 2 fábricas em funcionamento.  
São Paulo, tanto todo o Brasil, continua importando considerável quantidade de cimento.  
Em sendo cada vez mais necessário, oferece o cimento inverso segura de capital. Este capital produz sempre resultados altamente satisfatórios.

**A Cia. de Cimento de São Paulo**  
em organização, oferece oportunidade a V. S. neste setor. Substancia mais de 200 recursos, pagando-se em 3 chamadas, diretamente aos Bancos Nacionais.

RUA FORMOSA, 59 — FONE 7-6007 — S. PAULO

**SORTES GRANDES?  
SÓ... NA RODA DA SORTE**

**Arthur Lundgren & Cia. Ltda.**  
*Casas Pernambucanas*

Galinhas, pintos e passaros vivos — Produtos Veterinários —  
Cães de raça  
CONSULTAS VETERINÁRIAS GRATIS

**AO PARAÍSO DAS AVES**  
MATERIAL AVICOLA  
Rua Quilombo Rosaura, 129 — S. PAULO

**INDUSTRIAS REUNIDAS**  
*INDIANEPEL*  
LTDA.

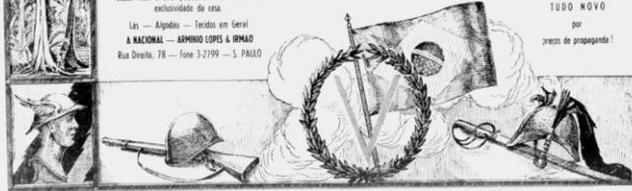
**FERCOBRE Ltda.**  
MAQUINAS E MATERIAIS PARA INDUSTRIA  
Rua José Bonifácio, 233 — 5.º andar — Sala 510 — Fone 3-5925  
SAO PAULO

**BAM**  
BARES METROPOLITANOS LTDA.  
Rua Barão de Itapetininga, 111 — Fone 4-4936  
SAO PAULO

**A NACIONAL**  
Constituiu um importante acontecimento a inauguração de A NACIONAL, o maior caso de SEDAS e rayons de S. Paulo.

**TUDO NOVO**  
por  
preços de propaganda!

Sedes lindas e estopadas, últimas novidades, exclusividade de raça.  
Lãs — Algodões — Fios em Geral  
**A NACIONAL — ADMIRAL LOPES & IRMÃO**  
Rua Direita, 78 — Fone 3-7199 — S. PAULO



Em pleno processo de redemocratização, o *Correio Paulistano*, em 1946, acabou por dar pouca atenção ao 15 de Novembro, restringindo-se a noticiar que tramitava no parlamento brasileiro projeto que visava a transformar tal data cívica nacional no “Dia de Deodoro”<sup>61</sup>. No ano seguinte, o periódico trazia textos referentes à efeméride e naquele que recebia por título a própria data em questão, além de apelar para uma descrição histórica, não deixava de fazer alusão aos tempos vivenciados naquela época imediatamente posterior à ditadura estado-novista<sup>62</sup>:

“Na data de hoje, há cinquenta e oito anos, era a república proclamada pelo general Deodoro da Fonseca, deixava de existir o trono, o monarca, Dom Pedro II, seguia o caminho do exílio.

O Brasil, cujo progresso vinha sendo contido por um sistema anacrônico, absolutamente em desacordo com as aspirações, ia enveredar, como enveredou, pela trilha já palmilhada pelos países sul-americanos, desde quando se libertaram da tutela espanhola e entraram para o rol das nações independentes.

Circunstâncias históricas, que não cabe analisar, não permitiram que o Brasil, em 1822, seguisse igual destino. Outorgada a independência aos brasileiros, por um príncipe português que se colocou ao lado dos mesmos no instante em que as influências reacionárias de Portugal procuravam entravar a

---

<sup>61</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1946.

<sup>62</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1947.

marcha inelutável para o futuro, nosso país se converteu num imenso Império. Que a centralização mantida pela coroa só podia perturbar o desenvolvimento das províncias, enfeudadas ao Rio de Janeiro mercê de uma burocracia rotineira e tardonha, atesta-o o atraso em que essas províncias foram conservadas por muitos anos, agravado pela infame instituição do cativoiro.

A ideia da abolição tornou-se por isso inseparável da ideia de república. Nem é de estranhar, portanto, que o 13 de Maio, em 1888, fosse o prenúncio do 15 de Novembro de 1889. Os mesmos homens que, depois de uma longa e penosa jornada, viam satisfeitas as aspirações humanitárias do século XIX, todo ele voltado para os ideais de fraternidade e liberdade, haviam de vibrar o golpe de morte no regime monárquico.

Durante quarenta anos a república foi, não o podem negar os seus mais ferrenhos adversários, a expansão franca das forças econômicas que no antigo regime não encontraram o clima adequado ao seu desenvolvimento. Não por acaso os ideais republicanos encontraram em São Paulo o foco mais intensamente entusiástico. Os paulistas, que haviam solucionado o problema do braço escravo, substituindo-o pelo trabalho assalariado e promovendo, para isso, a vinda de imigrantes europeus a fim de empregá-los na lavoura cafeeira, viam no regime republicano o complemento político da capacidade econômica já de longa data denunciada pelos habitantes do planalto de Piratininga. O progresso da lavoura e da indústria não podia ater-se a um sistema de governo que encontrara sua maior justificativa na perpetuação do escravagismo em todo o decurso do luminoso século XIX.

Quando o golpe de 29 de outubro abre à nação novas possibilidades, e São Paulo chega ao termo de uma reestruturação político-administrativa por obra das eleições de 9 de novembro, a data de hoje adquire nova e promissora significação para todos os paulistas que, em 1932, lutaram heroicamente pela volta ao regime da lei.”

Em 1948, sob o título de “A data da república”, o diário paulista buscou historiar o processo de mudança na forma de governo, sem deixar de enfatizar o papel paulista na execução do mesmo<sup>63</sup>:

“A 15 de novembro de 1889, a monarquia deixava de existir em nosso país. Extinguiu-se coo se extinguem as instituições caducas, cuja sobrevivência devem mais a uma série de circunstâncias aleatórias do que à sua comprovada utilidade. Apoiara-se na escravidão, e isto por si só a tornava periclitante, pois à consciência liberal do século XIX repugnava semelhante regime econômico.

Tenha-se ideia do que isso representava para o bom nome do nosso país, ao imaginar a impressão produzida em homens ilustres vindos da Europa a fim de estudar nossos costumes políticos e sociais, ou mesmo a nossa flora e fauna. O testemunho de alguns deles ainda hoje corre impresso.

---

<sup>63</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 17 nov. 1948.

Com efeito, da civilizada Europa desembarcavam no Brasil, com muita frequência, sábios e estudiosos de nomeada. E o quadro que a esses homens de deparava não era de molde a torná-los bons propagandistas da nossa pátria quanto retornavam ao Velho Mundo. O naturalista Darwin, hospedando-se no Rio de Janeiro, em casa de uma família brasileira, ficou horrorizado com os maus tratos que a mesma dispensava aos escravos.

Não se iludam, pois, os saudosistas do Império. A monarquia, em que pese às excelentes qualidades pessoais de Dom Pedro II, tinha o seu ponto de apoio no cativeiro; não doía a consciência da grande classe, que ostentava fumos de aristocracia, a exploração dos africanos, por último importados como contrabando, pois os republicanos, de concerto com os liberais britânicos, tinham conseguido pôr o tráfico fora das leis internacionais.

Assim, o golpe de 13 de maio de 1888, como ninguém deixou jamais de reconhecer, abalou o trono em seus fundamentos. Não o ignorava o próprio Imperador, como atesta o fato de se haver afastado do poder, passando-se às mãos da Princesa Isabel, a fim de amortecer a cólera dos escravocratas todo poderosos, na hora cada vez mais próxima em que deviam ser quebrados os grilhões da nefanda instituição.

Em consequência, a república assinala para o Brasil uma nova era. Tudo quanto ficou para trás representou apenas a ignominia de uma nação, na livre América, retardando por culpa do trono o resgate que há muito devia ter sido praticado.

Quaisquer que tenham sido as nossas vicissitudes históricas ao longo dos cinquenta e nove anos de vida republicana, o Brasil, em suas manifestações bem marcadas de cultura e progresso, é uma dádiva do 15 de Novembro de 1889.

Rompidos os laços que nos prendiam à monarquia, despedido o último Bragança, as forças longamente sopitadas pelos conservantismo que atrasara a abolição do cativo, irromperam com uma pujança assombrosa. Era preciso recuperar o tempo perdido. Intensificava-se em nosso portos o comércio, com um vigor que a monarquia desconhecia; iniciativas grandiosas congregam os homens de ação para dar ao país uma lavoura trabalhada pelo braço livre, e parte de São Paulo o exemplo magnífico, atraindo os colonos estrangeiros aos seus cafezais. Quanto a este ponto, a data da república, nacional em todos os sentidos, ficou sendo particularmente um feito da energia empreendedora dos filhos de Piratininga. Não foi por acaso que os paulistas se distinguiram na luta pela queda do trono. A São Paulo, mais do que as outras províncias, a monarquia tornara-se um sério entrave; era um regime político em contradição com as aspirações civilizadoras dos paulistas.

A prova dessa afirmativa tem-na os leitores nos quarenta anos em que São Paulo exerceu um papel preeminente na vida administrativa e política do país. daqui saíram os estadistas de maior destaque; graças às múltiplas experiências econômicas e financeiras adquiridas num ambiente de variadíssimas atividades, tanto na lavoura como na indústria e no comércio, esses homens públicos levaram para a Presidência da República o claro

descortino das necessidades gerais, no fundo os mesmos problemas já resolvidos em nosso Estado.

A esses bons paulistas deve, pois, o Brasil inteiro, inestimáveis serviços; desfaz-se, assim, ao mais superficial exame, a pecha de bairristas irrogadas pela má fé e pela ignorância aos concidadãos de Piratininga. A ação prática de um Prudente de Moraes, um Campos Sales, um Rodrigues Alves, na Presidência da República, destrói inteiramente semelhante balela.

Não cabe aqui esmerilhar os acontecimentos posteriores a 1930, pois já o fizemos reiteradas vezes. Naquele ano fatídico, encerra-se a Idade de Ouro da República. Tudo quanto haviam feito os idealistas de 89, tudo quanto o Partido Republicano construíra, sofreu a ação criminosa dos pretensos reformadores. A intolerância tomou o lugar da longanimidade, a corrupção substituiu a probidade, a demagogia instalou-se onde prevalecera até então a palavra sombria e sincera dos que só prometem aquilo que, de antemão, sabem poder cumprir.

Mas, um tal estado de coisas torna mais bela, mais expressiva a data anteontem transcorrida. Que as gerações novas se voltem para o passado anterior a 1930 e se inspirem no exemplo do Partido Republicano e dos varões que nos deram as instituições livres. Nada mais será preciso para que o Brasil retorne à estrada larga e batida de sol da qual o desviaram.”

No sexagésimo aniversário da República, a publicação diária paulista divulgava as comemorações da efeméride em São Paulo, trazendo também o texto “Considerações sobre a proclamação da república”<sup>64</sup>:

“O maior acontecimento político na nossa vida nacional, teve por cenário o dia 15 de Novembro de 1889, quando o marechal Manoel Deodoro da Fonseca, expressando os anseios do povo brasileiro, proclamou a república, substituindo dessa forma o enfraquecido regime monárquico pelo republicano federativo. Essa transformação integrou nossa pátria na vida política do continente americano, pois éramos o último país na América, vivendo sob o governo de uma monarquia, como fomos também o último da comunidade americana a nos tornar independente.

Não foge à apreciação dos observadores sociais, que esse gesto do velho marechal, foi imposto pela tendência atávica do povo brasileiro, que em toda a sua história, desde a época colonial, manifestou acentuada inclinação pelo regime democrático encarnado nos princípios fundamentais da república. Compreendemos esse atavismo se nos reportarmos aos primeiros não da colonização de nossa terra. Após a sua descoberta, tomou o governo português a acauteladora medida de para aqui enviar grande quantidade de seus vassalos.

Nessas levas, aportavam homens das mais variadas posições sociais, desde os condenados à morte pela justiça do rei, que viam a pena perdoada, se

---

<sup>64</sup> CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 15 nov. 1949.

concordassem em viver nas novas terras descobertas, até os fidalgos da mais limpa linhagem e alta prosápia.

Iniciada a vida nesta parte do continente, a necessidade de lutar pela própria subsistência contra o estado selvagem da terra e os constantes ataques dos índios, estabeleceu entre todos, uma certa situação de igualdade social, uma vez que o problema de cada um, era naturalmente o problema da própria coletividade. Vivia-se sem se pressentir, num clima de primitiva democracia, irmanados na realização dos mesmos projetos, que dados a sua extensão, não permitiam a existência de campo propício a distinções ou privilégios de castas. Essa rudimentar democracia aceitava a existência de um rei, como era tido na época a concepção da figura real; um ser quase divino colocado por Deus sobre um trono.

Com o correr dos anos, ou seja, em 1808, a invasão de Portugal pelos exércitos de Napoleão, obrigou D. João VI a procurar nesta parte do mundo, a segurança que lhe estava faltando com a chegada dos veteranos soldados do general Junot, que já picavam chão português.

Nada poderia desfazer de forma tão pronta o mito que aureolava a figura do rei, do que o seu aparecimento em carne e ossos nesta parte da América, D. João VI, gordalhão, apalermado, mal cheiroso, suando por todos os poros, não tinha a menor semelhança com qualquer ser divino. Em sua companhia chegaram além dos milhares de fidalgos, a rainha mãe, já então completamente louca e a própria esposa que era tida como a mulher mais mal educada das

cortes europeias. Calou fundo na alma nacional a impressão grotesca da família real. Mais do que nunca surgiu no seio da população a ideia de combater os privilégios dinásticos. Em 1821, regressa D. João à Europa. Um ano após, a opinião pública impunha ao Príncipe Regente o gesto da independência. Menos de dez anos depois, ou seja, a 7 de abril de 1831, era o Príncipe, já então nosso primeiro Imperador, que se via obrigado a deixar o Brasil, sob a pressão de uma revolução vitoriosa. Cinquenta e oito anos depois, chegou a vez do segundo Imperador. Estava bem provado que a nossa formação americana não se casava com a ideia monárquica.

A república foi implantada no país, sob as maiores vibrações de alegria. Não houve o menor sinal de reação. A monarquia jamais conseguiu estender males capazes de se firmar na alma nacional. Rompeu-se com a naturalidade de um fato há muito previsto e aceito, o último liame que nos prendia à família dinástica. Tínhamos que acompanhar a evolução do século. Não fora a presença de D. João VI no Brasil e já estaríamos em república nessa época, a semelhança de todos os países americanos que no período compreendido entre 1808 e 1821 se tornaram independentes, ou pelo menos iniciaram os movimentos armados que terminaram com esse resultado, adotando todos o regime republicano, a exemplo do que já fizera, em 1776, os Estados Unidos da América do Norte.

Não podia o Brasil continuar isolado da família americana, praticando uma política europeia, quando tudo nos forçava a uma perfeita confraternização com os nossos irmãos de raça. Ansiávamos pela representação popular sem os privilégios de uma casta beneficiada. Iniciou-se o movimento republicano pela

fundação de clubes onde se discutia a ideia e procurava-se difundi-la por todo o país. em 3 de dezembro de 1870, o jornal *República* publicou o célebre manifesto contra o trono e traçou em linhas gerais o programa da sonhada república. Assinaram esse documentos histórico Saldanha Marinho, Quintino Bocaiuva, Lopes Trovão, Francisco Rangel Pestana, Silveira Lobo, José Jorge Paranhos da Silva e muitos outros. A sua repercussão foi das maiores, merecendo aplausos e ativando ainda mais a campanha republicana.

Em 18 de abril de 1873, os republicanos reuniram-se na cidade de Itu, neste Estado, com a finalidade de conjugar as atividades dos diversos clubes espalhados por toda a extensão do território nacional. Essa assembleia histórica ficou conhecida como Convenção de Itu. Fundou-se dessa forma o Partido Republicano Paulista com a união de todos os clubes. Estavam desde então os republicanos aparelhados para as lutas contra os dois partidos monarquistas. Mais do que em outras classes, encontraram eles no Exército e na Marinha o maior número de adesões. A mentalidade dos militares evoluíra durante a Guerra do Paraguai e na volta à pátria, havia a natural concepção que fora graças ao seu maior esforço que a nação saíra vitoriosa nos campos de batalha. Cobia-lhes, portanto, o direito de serem ouvidos no governo do país e a República era o regime ideal para isso. Nessa época, a Monarquia já vinha sendo sustentada por uma minoria cujos interesses eram os mesmos da casa reinante. A propaganda abolicionista sustentada pelos republicanos era também um agente na propagação das novas ideias. Com a assinatura da Lei Áurea diminuiu ainda mais o apoio à coroa por parte dos últimos monarquistas. Como

consequência da grande peleja sustentada sem desfalecimentos pelos batalhadores do sonho de igualdade de direitos entre os homens, no dia 15 de novembro de 1889, o Exército e a Marinha, irmanados com o povo, decretaram o fim da última monarquia na América. Estava proclamada a república. Uma nova era surgiu para a nação como um imperativo histórico, colocando-a em situação de igualdade com os países mais adiantados do universo.”

Assim, por meio de construções textuais e imagéticas, o *Correio Paulistano* acompanhou a passagem de sessenta aniversários da república. Adepto do novo regime e, mais do que isso, como órgão partidário, vinculado durante boa parte de sua existência, ao Partido Republicano Paulista, o periódico defendeu ardorosamente a relevância da mudança da nova forma de governo para os destinos do país, defendendo a perspectiva de que os progressos pelos quais o país passara teriam sido advindos essencialmente das atitudes republicanas, em oposição ao que considerava como anacronismo e falta de iniciativa monárquica. Como representante da oligarquia paulista, o jornal propagandeou a relevância de seu Estado na implantação do regime republicano, bem como sustentou a causa de São Paulo como berço de algumas das principais lideranças que dominaram o Brasil à época da República Velha. A partir da Revolução de 1930, enfrentou vários obstáculos, inclusive com a suspensão de sua circulação, mas, por certo tempo, ainda conseguiu manter uma postura de oposição e resistência aos novos detentores do poder, atitude eliminada a partir das práticas repressivas e censórias do Estado Novo, e mais

uma vez retomada com a redemocratização. Nesse sentido, cada 15 de Novembro servia como oportunidade para o *Correio Paulistano* manter a tradicional postura de enaltecimento da data nacional, em ação calcada no civismo e no patriotismo, mas também reforçar a visão política da elite paulista, em um constante processo de articulação entre um olhar sobre os tempos pretéritos para legitimar os atos e pensamentos do presente.



INCURSÕES AO 15 DE NOVEMBRO EM  
LONGEVAS REVISTAS ILUSTRADAS  
CARIOCAS

As revistas ilustradas tiveram um papel relevante na formação histórica brasileira, mormente na primeira metade do século XX, quando surgiram diversos títulos que marcaram época. O Rio de Janeiro, como cerne cultural do país, serviu de modelo para o desenvolvimento do jornalismo brasileiro e, no que tange às revistas, várias das publicações editadas na capital, com os progressos tecnológicos de impressão e dos meios de transporte, chegaram a ser distribuídas por significativa parte do território, chegando até mesmo a conquistar um caráter nacional quanto à circulação. O plano editorial fundamental de tal gênero jornalístico era a passagem “em revista” de um período específico, de acordo com a sua periodicidade, normalmente semanal, mas também podendo tratar-se de quinzenal ou mensal.

Normalmente com excelente acabamento gráfico e padrões editoriais diferenciados, notadamente com a larga utilização de imagens, em geral articuladas com a fotorreportagem, o desenho ilustrativo e/ou a caricatura, as revistas caíram no gosto do público leitor. Muitas delas chegaram a ter notável longevidade, circulando por quatro décadas ou mais, demarcando uma presença indelével no conjunto da imprensa brasileira<sup>65</sup>. Ao trazerem a revisão semanal,

---

<sup>65</sup> Sobre a relevância das revistas no conjunto do jornalismo brasileiro, ver: COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. Imprensa a serviço do progresso. In: MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.; LUCA, Tania Regina de. *Leituras, projetos e (re)vista(s) do Brasil (1916-1944)*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.; LUCA, Tania Regina de. Tipologia de revistas no Brasil das primeiras décadas do século XX. In: MELO, Ana Amélia M. C.

quinzenal ou mensal, as revistas buscavam colocar em evidência os diversos episódios de cada um desses períodos que mais poderiam chamar a atenção do público e, nesse quadro, as denominadas datas nacionais ganharam relevo nas respectivas coberturas. Foi o caso do 15 de Novembro, dia consagrado à celebração da forma de governo republicana, o qual ganhou destaque nas revistas, chegando por vezes a constituir o mote da chamada de capa, a qual constituía a verdadeira síntese irresistível da edição, servindo para conquista direta dos leitores, que, a partir dela, poderiam decidir por adquirir a publicação<sup>66</sup>. A partir de tal presença, este trabalho realiza um breve levantamento das referências ao Dia da República em algumas das longevas revistas publicadas no Rio de Janeiro.

Editada desde os primórdios dos Novecentos até o final da década de 1950, a *Revista da Semana* foi uma das mais importantes no contexto brasileiro, com grande destaque para a abordagem imagética, abundante em suas páginas, promovendo a divulgação das atualidades sociais, políticas e policiais, de um

---

de. & OLIVEIRA, Irenísia Torres de. *Aproximações cultura e política*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2013.; MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República, São Paulo (1890-1922)*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Fapesp, 2008.; MAUAD, Ana Maria. O olho da História: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; e MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (orgs.). *História e imprensa: representações culturais e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A; Faperj, 2006.

<sup>66</sup> SCALZO, Marília. *Jornalismo em revista*. 4.ed. São Paulo: Contexto, 2016. p. 62.

modo leve, alegre e elegante<sup>67</sup>. Pretendia “ser um órgão de informação, ilustrado e popular”, não cogitando “de política, sob qualquer forma que se possa entender essa designação”, bem como não destinaria “empenho algum em ver triunfar tal ou qual escola literária”. Considerava ser “feita para o povo – desde as mais ínfimas às mais altas camadas sociais”, visando a “somente fornecer a todos ilustrações e artigos interessantes”. Intentava divulgar “tudo quanto se passar durante a semana e que mereça atenção”, fornecendo, “em excelentes gravuras, o que deva excitar a curiosidade pública” e, “quando o caso assim exigir”, juntaria “a isso o texto necessário para a boa compreensão dos fatos”, embora sua preferência fosse empenhar-se “em multiplicar de tal modo as estampas, escolhendo-as tão bem que dispensem comentários”. Objetivava em suas edições cobrir os “sucessos nacionais” e os “fatos estrangeiros de mais vulto”, além de apresentar caricaturas, modas, cenas das grandes obras dramáticas, peças de música, romances, buscando, enfim, “de tudo dar o melhor”<sup>68</sup>.

Dentre as suas capas mais recorrentes voltadas a paisagens, moda e estrelas do cinema, no Dia da República, a *Revista da Semana* recorreu à estampa do personagem considerado como um dos principais fundadores da república, ou seja, o marechal Deodoro da Fonseca, reproduzido na pose que ficara consagrada na criação artística de Henrique Bernardelli<sup>69</sup>. A imagem da

---

<sup>67</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *A história da imprensa no Brasil*. 4.ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2007. p. 301.

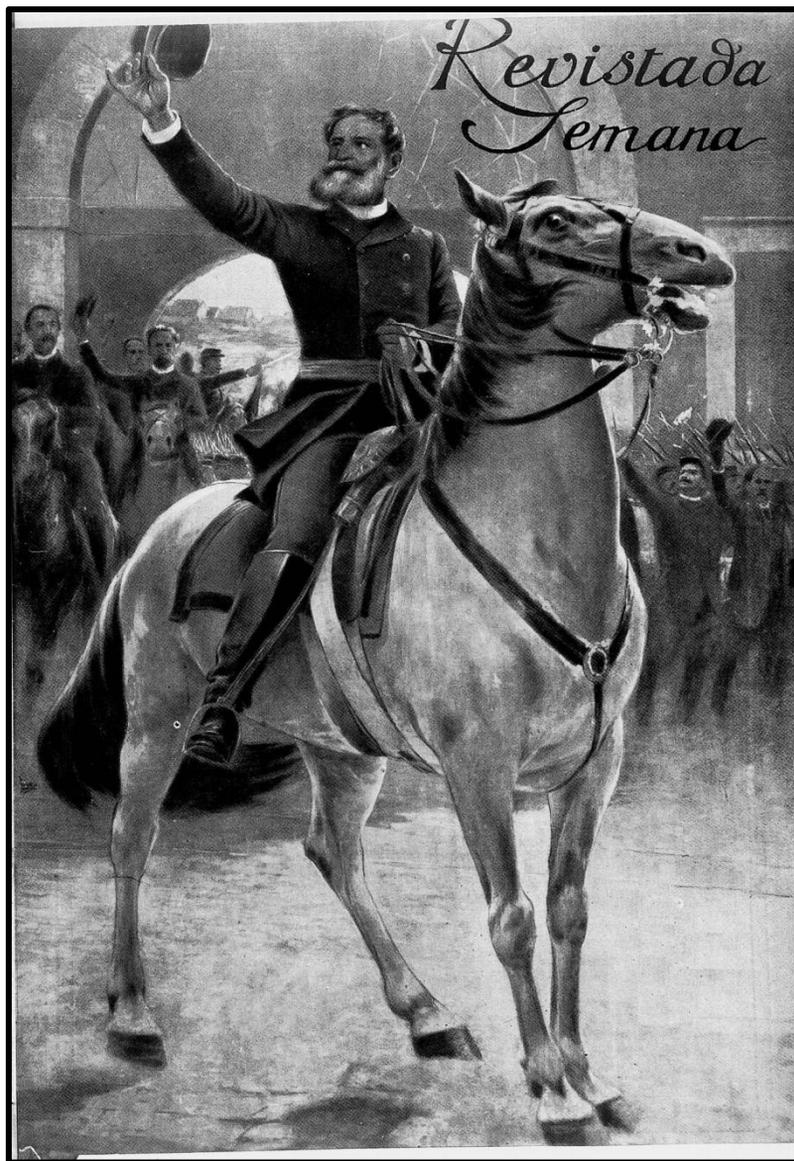
<sup>68</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 20 maio 1900.

<sup>69</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 14 nov. 1914; e 16 nov. 1935.

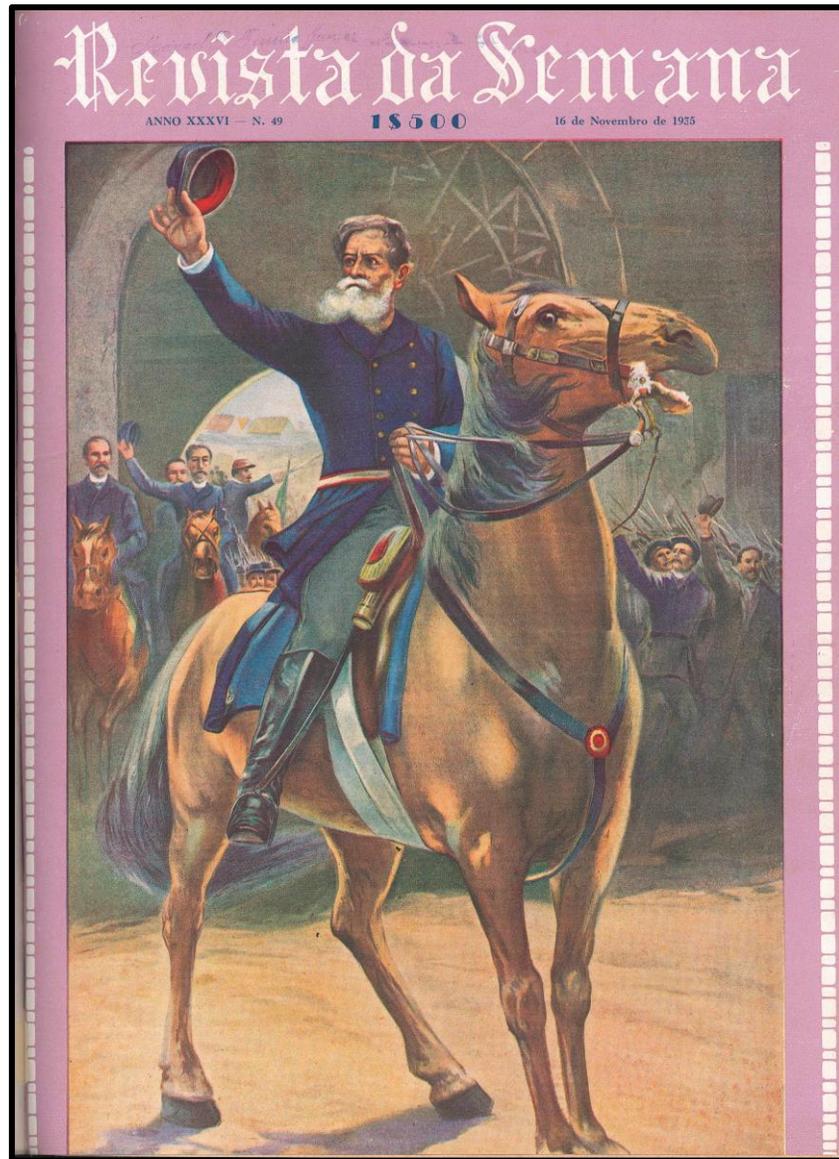
dama republicana também foi utilizada pela magazine ilustrada, como foi o caso da edição em que a alegoria feminina, junto das armas nacionais, de espada à mão, observava o texto constitucional, em uma associação entre a perspectiva da força coercitiva estatal e a aplicação da lei, em referência ao contexto histórico de então, no qual as forças governativas estabeleciam leis restritivas no sentido de reprimir os avanços revoltosos, mormente os emanados do tenentismo<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> REVISTA DA SEMANA. Rio de Janeiro, 14 nov. 1925. Na edição alusiva ao Dia da República em 1937, o periódico também utilizou-se da dama do barrete frígio para ilustrar sua capa (ver o número 72 desta Coleção).



O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA





Editado entre 1902 e 1953, *O Malho* foi uma das mais importantes revistas ilustradas e humorísticas publicadas no Brasil, sendo suas edições distribuídas em várias partes do país, vislumbrando o conjunto do território nacional, a partir do Rio de Janeiro<sup>71</sup>. Buscou constituir uma publicação essencialmente popular<sup>72</sup>, desenvolvendo uma abordagem profundamente crítica<sup>73</sup>, com ênfase nos debates em torno da politicagem<sup>74</sup>. De acordo com o próprio título, pretendia utilizar o instrumento que lhe dava nome, para “malhar” a sociedade, notadamente em relação às mazelas que lhe afligiam. Intentava também contribuir para “todos os elementos” de “desenvolvimento do riso”, salientando que, em meio a tantas “tristezas e lamentações”, faria soar “cantante o bimbalar” de “sons alegres” nas bigornas<sup>75</sup>. Anunciava a si mesma como o “pão espiritual das massas populares”, uma vez que teria sido o próprio “povo” que transformara a magazine em “uma das suas instituições” que “tem o direito para reclamar para si muitas das glórias” que cabiam ao periódico, ajudando-o a conquistar “o melhor” dos seus “triunfos”<sup>76</sup>.

O tom humorado e crítico predominou também em meio às capas de *O Malho*, inclusive naquelas com referências ao 15 de Novembro, nas quais a

---

<sup>71</sup> SILVA, Marcos A. da. *Caricata República: Zé Povo e o Brasil*. São Paulo: Marco Zero, 1990. p. 12-13.

<sup>72</sup> MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 20-21.

<sup>73</sup> SODRÉ, 2007. p. 301.

<sup>74</sup> LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963. v. 1, p. 146.

<sup>75</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 20 set. 1902.

<sup>76</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 21 set. 1929.

dama do barrete encarnado, alegoria feminina alusiva à república, foi uma das mais predominantes<sup>77</sup>. O barrete frígido também esteve presente em edição na qual várias autoridades públicas do executivo federal e municipal, marchavam em direção à execução de diversas reformas, todas iluminadas e orientadas pela luz solar, alusiva ao Dia da República<sup>78</sup>. A data cívica nacional referente à república era lembrada ainda pelo barrete vermelho, associado ao lema da bandeira brasileira, mostrando o Zé Povo – representação dos brasileiros – em duas situação distintas, primeiramente vistoso e bem vestido, para, depois, ser transmutado em uma figura magérrima, com as roupas em frangalhos, aludindo ao empobrecimento da população, ao passo que o sol, mais uma vez identificado com o 15 de Novembro, aparecia estupefato perante aquela transformação<sup>79</sup>. A passagem do poder presidencial, traduzida como “a entrega do bastão”, com a presença de vários ministros de Estado e um sensato conselho de parte do Zé Povo marcaram igualmente as referências alusivas ao 15 de Novembro<sup>80</sup>.

---

<sup>77</sup> Essa recorrência à dama republicana, ocorreu nas capas referentes ao 15 de Novembro, nos anos de 1902, 1904, 1905, 1909, 1913, 1915, 1916, 1917, 1918, 1919, 1922, 1928 (ver o número 70 desta Coleção), 1931, 1932 e 1935 (ver o número 71 desta Coleção).

<sup>78</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 16 nov. 1907.

<sup>79</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 nov. 1908.

<sup>80</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 19 nov. 1910.

O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

ANNO VI RIO DE JANEIRO, 16 DE NOVEMBRO DE 1907 N. 270

**O MALHO** Escripção e Redacção RUA DO OUVIDOR, 132 Num. avulso 300 rs.

CARAVANA "FLOR DO SOL"

**Hermes, Alexandrino, Lyra, Campista, Barão e Calmon** :—Pela reforma do exercito, da marinha e do ensino; pelo augmento das rendas, pela diplomacia *art nouveau* e pelo povoamento do sólo—cá vamos nas vossas aguas, grande e poderoso chefe ! Vêde lá por onde e para onde nos levaeis durante o segundo anno !...

**Penna** :—Por montes e valles, até dar com os costados no caminho da Gloria... Siga o bond !

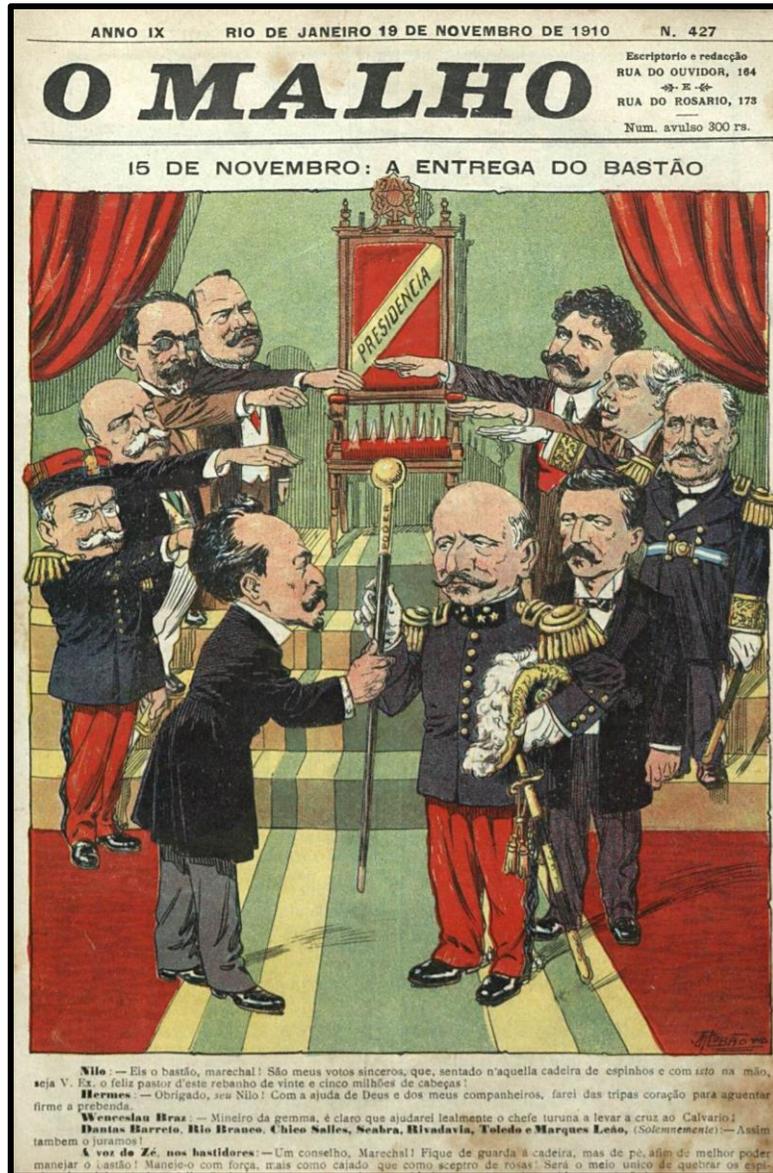
**Prefeito** :—Comtanto que vá devagar... Quem corre cansa e periga...

**Chefe de Policia** :—Avante ! Podem contar com o facão, si algum cipó embarçar a marcha...

**O sol** :—Boa viagem ! E sempre com o olho em mim, hein? Do contrario, ficam ás escuras no meio do caminho...



# O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



O mesmo personagem voltou à capa de *O Malho*, com o Zé Povo indicando ao novo ocupante da Presidência para que subisse as escadas do Palácio do Catete – símbolo do poder presidencial – com o pé direito, de modo a evitar os “azares”<sup>81</sup>. Já nos anos 1930, após os reveses sofridos pelo periódico, com as perseguições advindas do processo revolucionário, o espírito crítico foi amenizado, com a opção das referências ao 15 de Novembro calcada em princípios cívico-patrióticos, como foi o caso da presença do proclamador, Deodoro da Fonseca, seja com sua efígie, ou ainda na cena retratada por Henrique Bernardelli<sup>82</sup>. A partir de 1940, as edições de *O Malho* passaram a ser mensais, com a coincidência no mesmo mês, do aniversário do Estado Novo, da data alusiva à república e do Dia da Bandeira, além do que a adesão à ditadura estado-novista tornou-se ainda mais evidente, com capas do 15 de Novembro trazendo o retrato do próprio Getúlio Vargas<sup>83</sup>. Ao final do Estado Novo, a magazine trazia uma figura feminina que ostentava a bandeira nacional, a qual já fora utilizada pela *Revista Ilustrada*, da mesma empresa jornalística, por ocasião de edição especial ao cinquentenário da república<sup>84</sup>. Já na época da redemocratização, ocorreria a volta da dama republicana, adoentada, enquanto era imaginada uma conversa entre Deodoro da Fonseca e Eurico Gaspar Dutra, a respeito da forma de governo, encarada como sonho ou pesadelo<sup>85</sup>.

---

<sup>81</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 14 nov. 1908.

<sup>82</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, 16 nov. 1933; e 15 nov. 1934; e ainda 16 nov. 1939 (ver o número 74 desta Coleção).

<sup>83</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, nov. 1942; e nov. 1943.

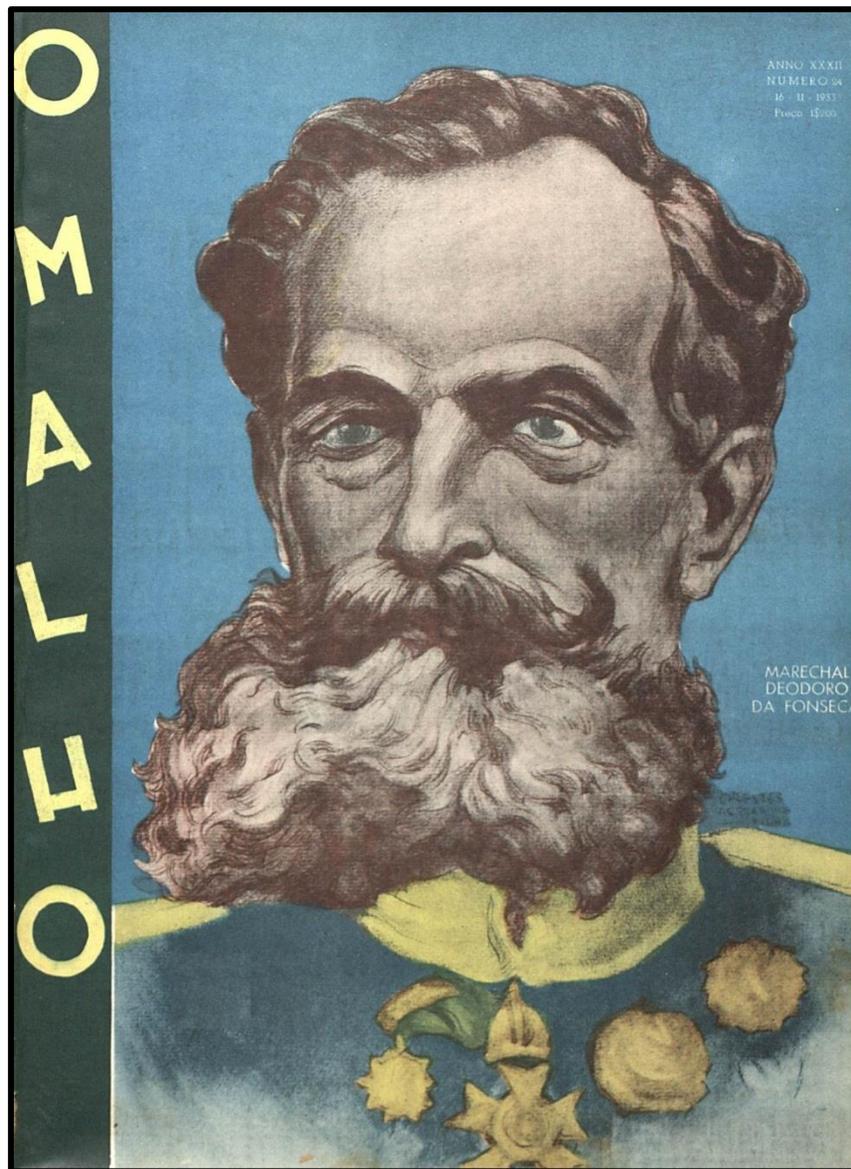
<sup>84</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, nov. 1944.

<sup>85</sup> O MALHO. Rio de Janeiro, nov. 1947.

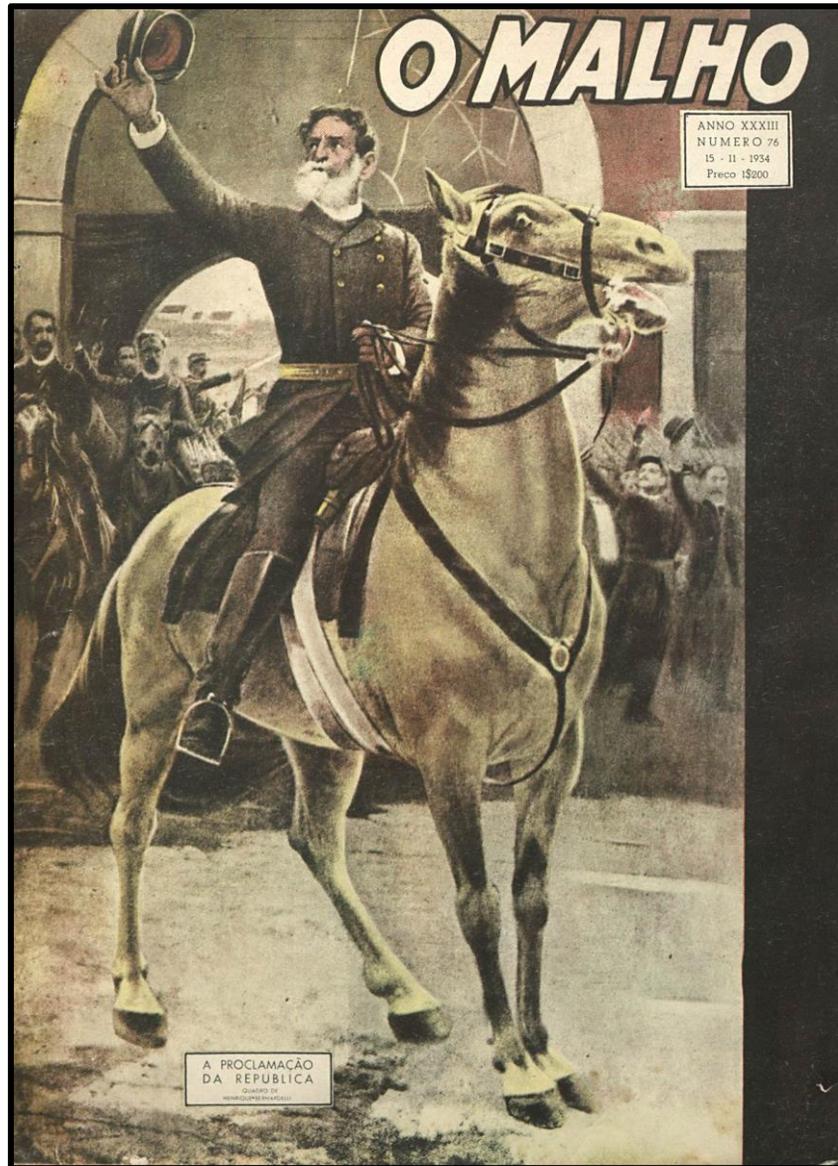
O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



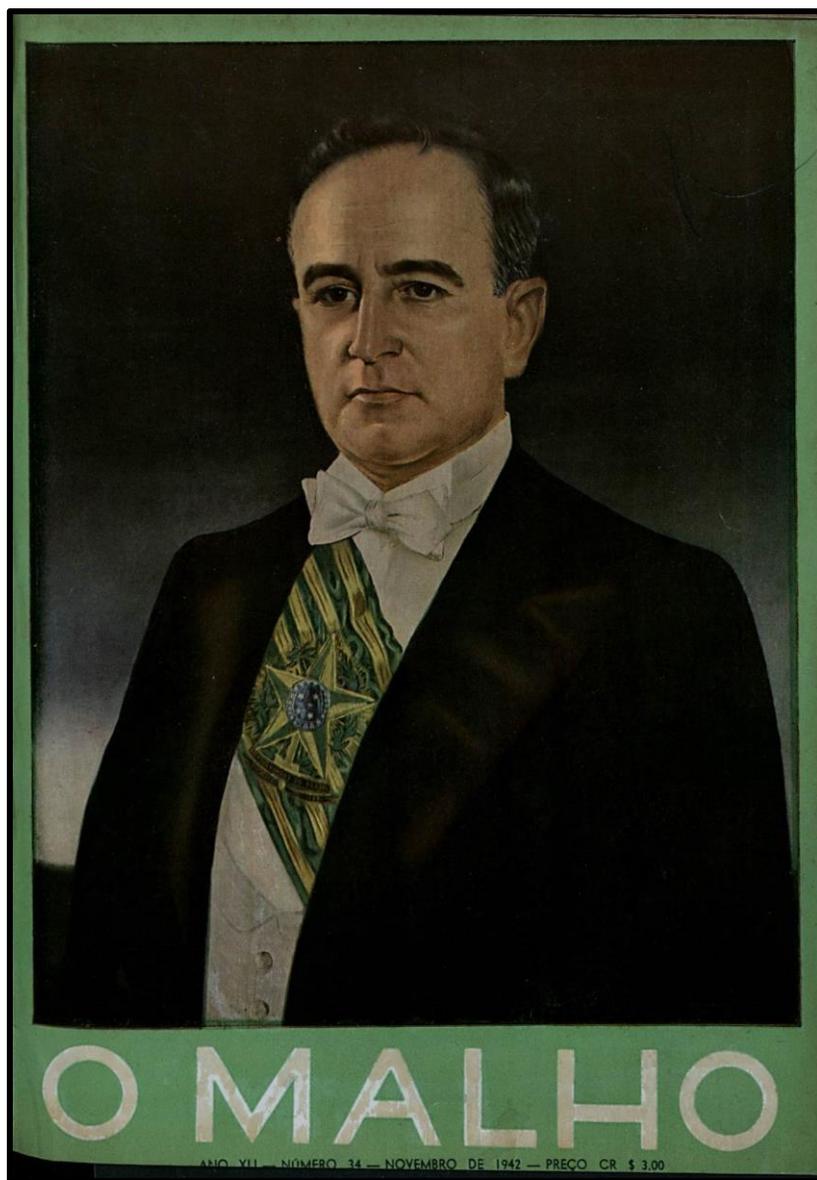
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



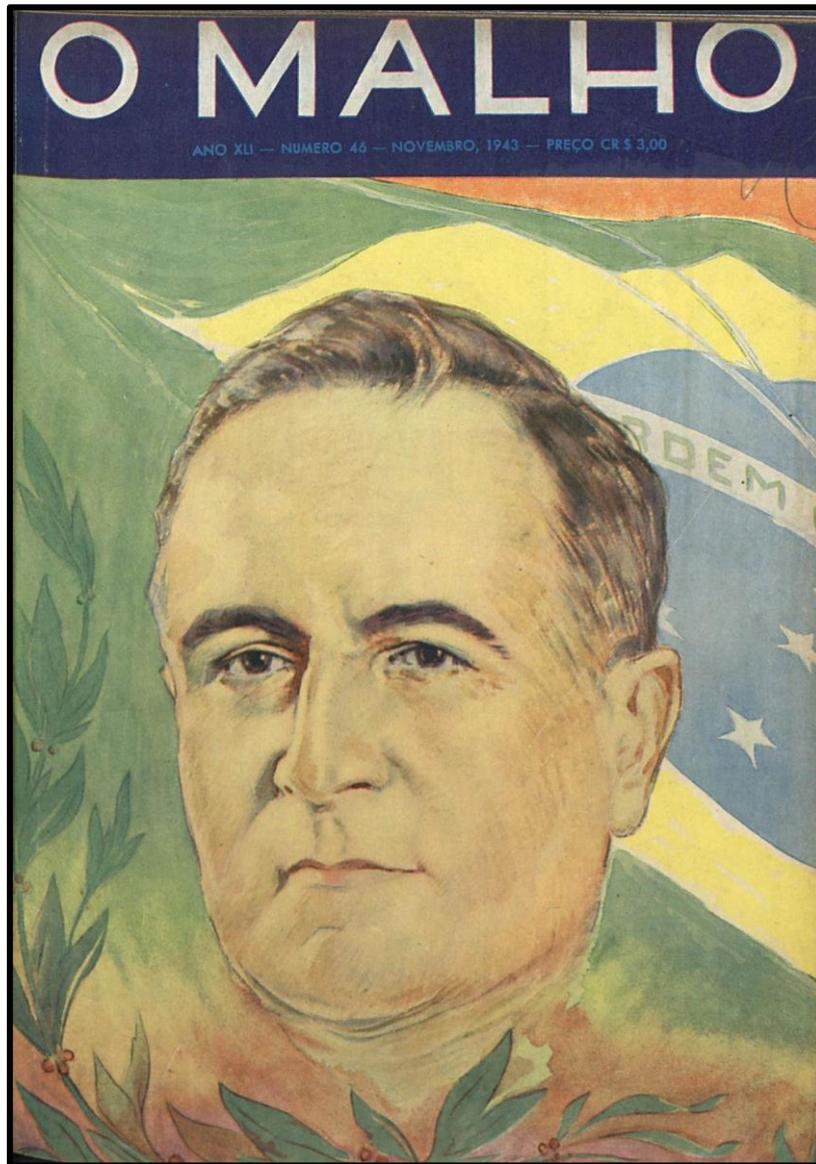
O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

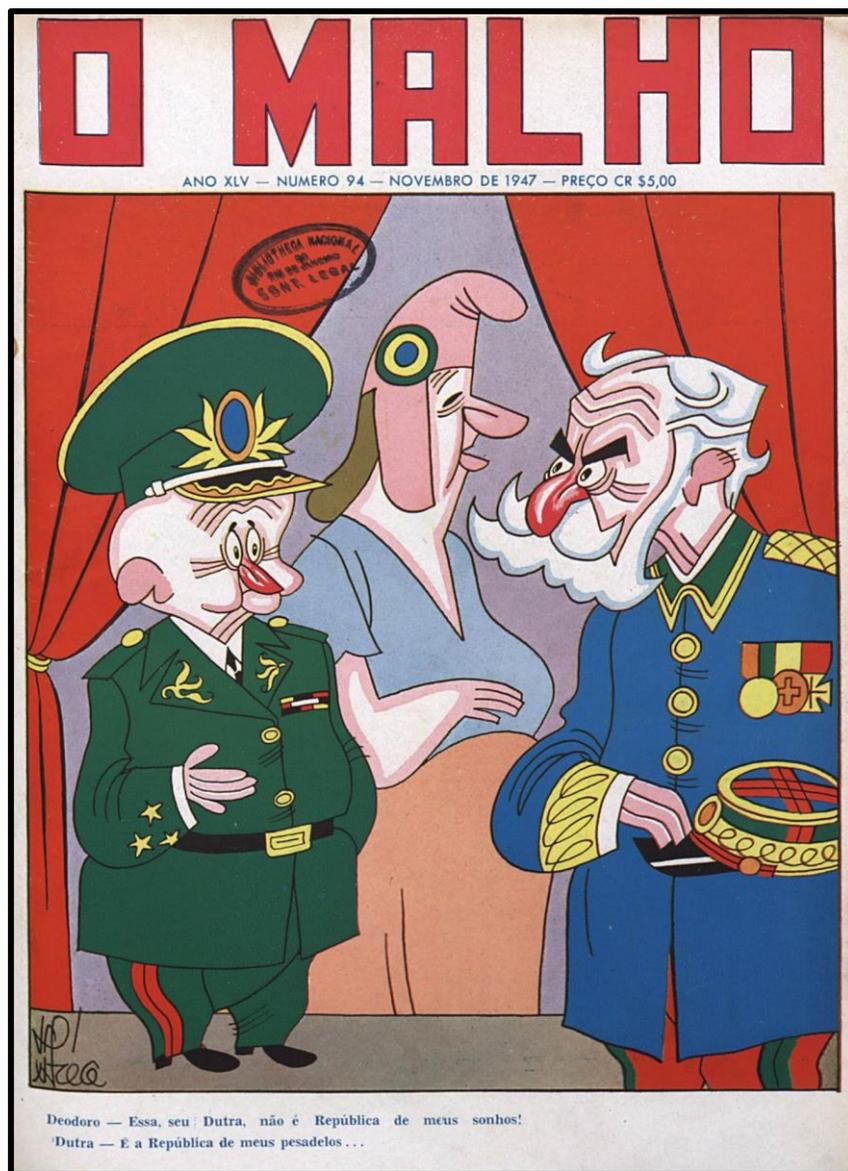


O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES





Publicada a partir de 1907 até o final da década de 1950, a revista *Fon-Fon*, que denominava a si mesma como “semanário alegre, político, crítico e esfuziante”, teve um papel marcante em meio às publicações de seu gênero<sup>86</sup>. Buscava constituir uma magazine “ágil e leve”, com o intento de “fazer rir, alegrar a boa alma carinhosa” do “amado povo brasileiro, com a pilhéria fina e a troça educada, com a glosa inofensiva e gaiata dos velhos hábitos e dos velhos costumes, com o comentário leve às coisas da atualidade”<sup>87</sup>. Visava a informar seus leitores sobre “tudo, através da fotografia e do comentário breve e desapaixonado”<sup>88</sup>. Apontava que era lida por aqueles “que cultivam o espírito, amam a arte, apreciam o bom tom e rendem homenagem às mulheres”. Especificava que chegara a caricaturar “os políticos e criticou os administradores, fez graçolas e traquinadas”, mas, com o passar do tempo, almejava transformar-se em algo “maior”, sem deixar de lado o “seu chiste” e a “sua alegria”, ou seja, tornando-se “mais linda” e com “melhor juízo”<sup>89</sup>.

Nas capas das edições referentes ao 15 de Novembro, a *Fon-Fon* utilizou-se por diversas vezes da imagem da mulher-república<sup>90</sup>. Quando o humor ainda era um dos primordiais motes de sua pauta editorial, a revista trouxe na forma de caricatura uma verdadeira parada alusiva ao Dia da República, na qual os

---

<sup>86</sup> SODRÉ, 2007. p. 301.

<sup>87</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, 13 abr. 1907.

<sup>88</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, 12 abr. 1919.

<sup>89</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, 14 abr. 1928.

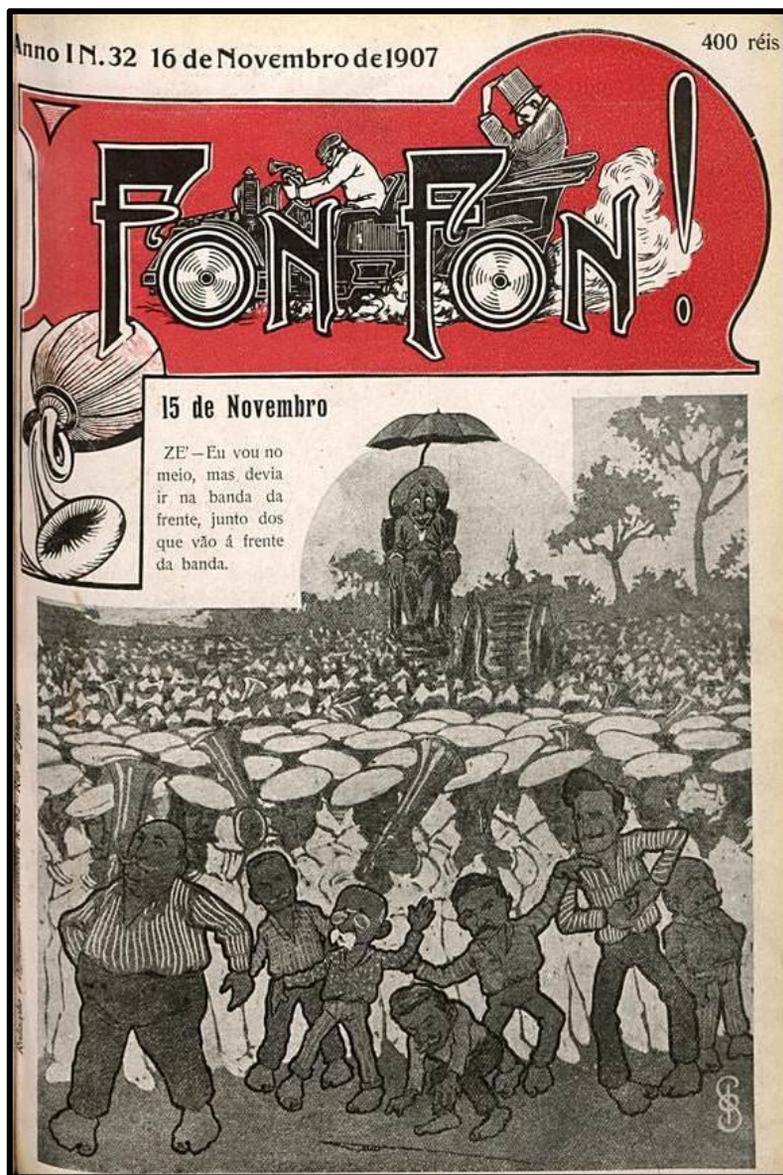
<sup>90</sup> Assim o fez em edições dos anos de 1908, 1909, 1910, 1917, 1918, 1919, 1920 (ver o número 71 desta Coleção), 1931 e 1935 (ver o número 72 desta Coleção).

políticos ocupavam a linha de frente do desfile, ao passo que o Zé Povo surgia no meio da manifestação cívica, sentado, em posição passiva, ainda que chegasse a imaginar que deveria estar à frente do préstito, mas sem se esforçar para atingir tal intento<sup>91</sup>. Progressivamente, a magazine voltou-se cada vez mais a trazer modelos femininas, atrizes de cinemas e cenas paisagísticas em suas capas, havendo pelo menos duas oportunidades, nos anos finais do Estado Novo, em que tais figuras feminis predominaram, mas sem que deixasse de ocorrer uma incursão ao 15 de Novembro, em uma delas aparecia o Monumento a Deodoro da Fonseca no detalhe que trazia o sumário da edição e, em outra, era a própria modelo que posava diante da obra estatutuária em homenagem ao proclamador<sup>92</sup>.

---

<sup>91</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, 16 nov. 1907.

<sup>92</sup> FON-FON. Rio de Janeiro, 16 nov. 1944; e 17 nov. 1945.



O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

**FON  
FON**

*Apresenta neste número:*

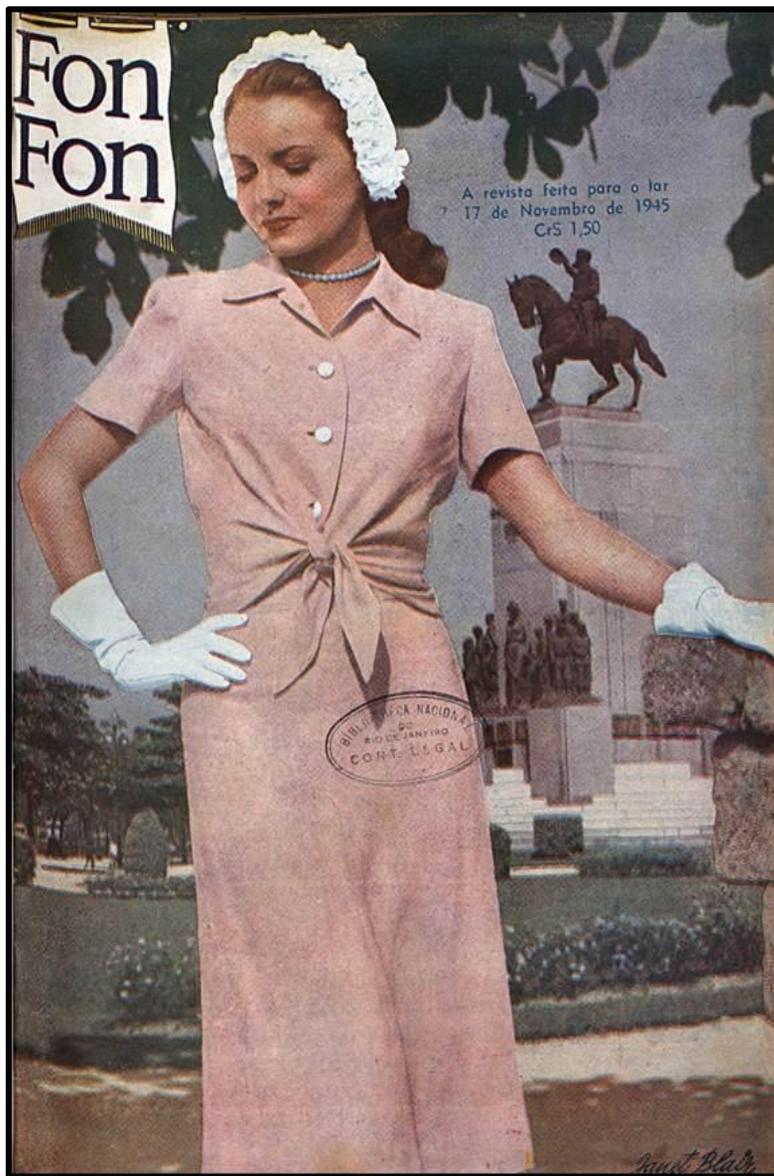
- CONTOS
- NOVELAS
- ROMANCE HISTÓRICO
- MODAS
- RISCOS E BORDADOS
- CINEMA
- RADIO
- TEATRO
- CRÍTICA DE ARTE
- CRÍTICA DE LIVROS
- NOTAS SOCIAIS
- VARIEDADES

UM SUPLEMENTO  
COM OS MOLDES DO  
FIGURINO AO LADO  
APRESENTADO POR  
MARIA LUND

CR\$ 1,50  
EM TODO O BRASIL

REVISTA  
FUNDADA EM 1907  
UM PADRÃO DE ÉTICA

The cover features a woman in a beige, belted, sleeveless dress over a dark long-sleeved top, standing next to a metal chair. The background is a solid reddish-brown color. The magazine title 'FON FON' is at the top in a decorative, green, patterned font. Below the title is a small illustration of a monument with a statue on top. The list of contents is in a simple, black, sans-serif font, with decorative dots between items. At the bottom, there is a small logo and the magazine's founding information.



Circulando entre 1908 e a década de 1960, a *Careta* inovou em suas abordagens, a partir da execução das críticas de natureza política, social e de costumes<sup>93</sup>, obtendo amplo prestígio e popularidade em meio do público leitor<sup>94</sup>, não só do Rio de Janeiro, quanto do Brasil como um todo<sup>95</sup>. Como uma revista de variedades<sup>96</sup>, vindo a articular a perspectiva humorística com a prática do jornalismo informativo<sup>97</sup>. Em suas páginas, a caricatura encontrou espaço permanente, além das matérias noticiosas divulgadas por meio do fotojornalismo, com amplo destaque para as vivências em sociedades nos balneários, nos bailes, nas festas, nas solenidades e nas atividades esportivas, mormente o futebol. Em referência ao seu título, garantia que trazia aos seus leitores uma “série de *caretas*” que teriam formado “um alentado álbum”, com todas elas “consagradas à sadia tarefa de provocar o riso”, apresentando “tantas *caretas* graciosas”<sup>98</sup>.

Em meio às capas de suas edições próximas ao 15 de Novembro, a *Careta* permaneceu abordando temáticas do cotidiano político e social, no âmbito nacional e internacional, mas em alguns de seus números houve referências específicas ao Dia da República, dentre os quais foi frequente a presença da

---

<sup>93</sup> SODRÉ, 2007. p. 302.

<sup>94</sup> LIMA, p. 149-150.

<sup>95</sup> CORRÊA, Felipe Botelho. The readership of caricatures in the Brazilian Belle Époque: the case of the illustrated magazine *Careta* (1908-1922). In: *Patrimônio e memória*. São Paulo, Unesp, v. 8, n.1, p. 81, janeiro-junho, 2012.

<sup>96</sup> COHEN. p. 116.

<sup>97</sup> MAUAD. p. 374.

<sup>98</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 5 jun. 1909.

dama do barrete frígido<sup>99</sup>. Em relação aos poderes concentrados nas mãos presidenciais, a caricatura da revista transformava figurativamente a forma republicana em monárquica<sup>100</sup>. Por ocasião da campanha da Reação Republicana, que marcou uma dissidência em meio às oligarquias centrais e periféricas brasileiras, dois cidadãos conversavam sobre o assunto da sucessão, com um deles mostrando-se completamente desinteressado pelo tema<sup>101</sup>. Tendo de carregar o peso da política, o Jeca – outra representação do povo brasileiro – dizia preferir as festas carnavalescas às republicanas<sup>102</sup>. Ironicamente fazendo referência ao hino republicano, o periódico construía cena na qual o povo sofria com a ação da fome e da carestia<sup>103</sup>.

---

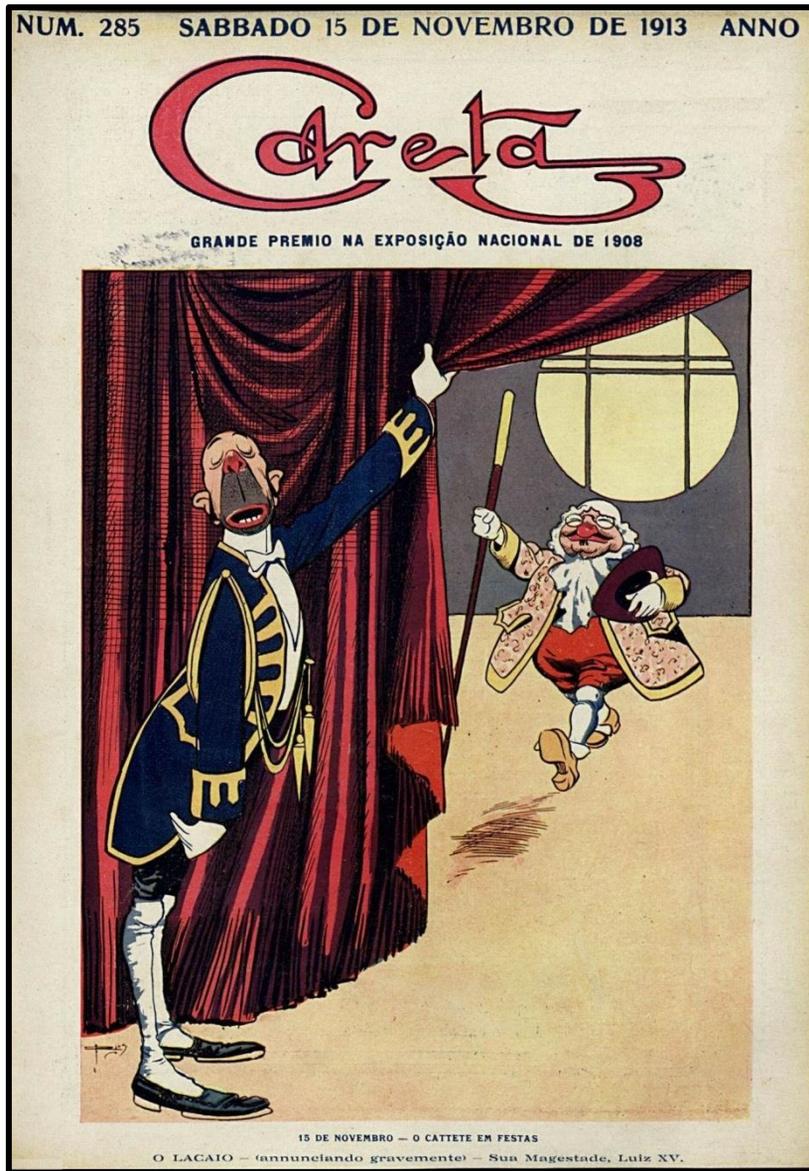
<sup>99</sup> Tal presença foi marcante nas referências ao 15 de Novembro dos anos de 1919, 1922, 1923, 1924, 1925 e 1928 (ver o número 71 desta Coleção).

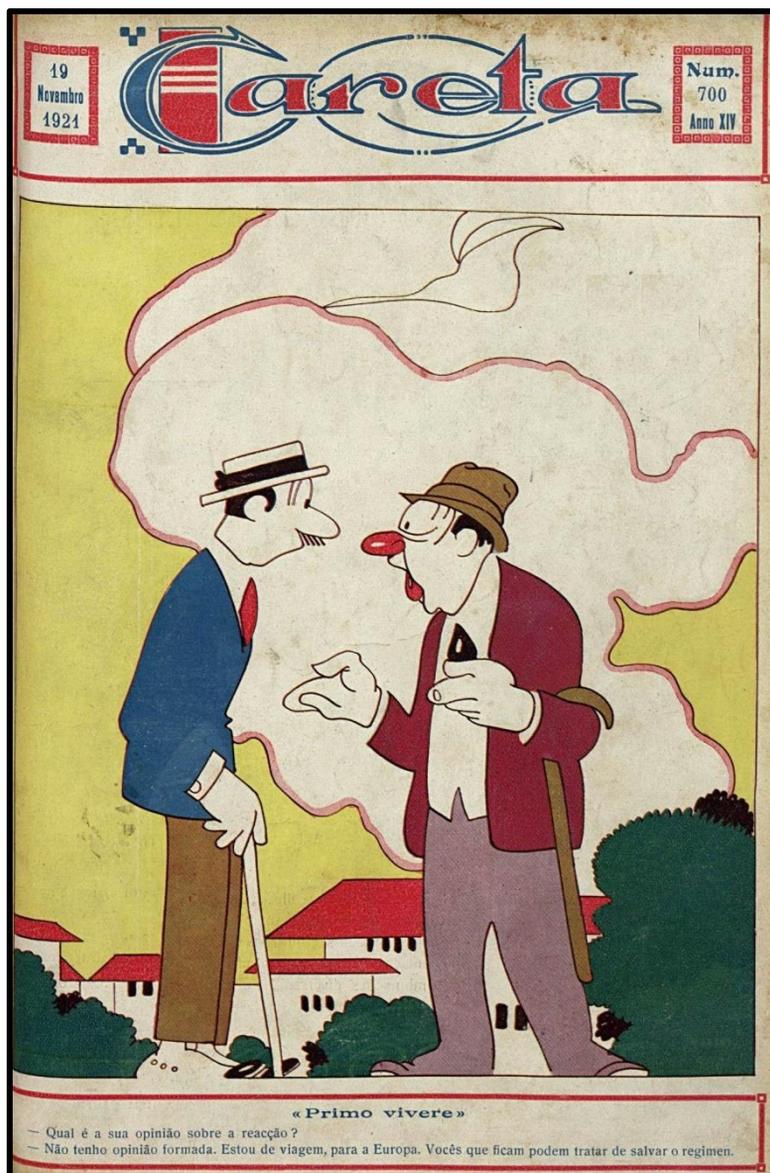
<sup>100</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1919.

<sup>101</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 19 nov. 1921.

<sup>102</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 26 nov. 1921.

<sup>103</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 8 nov. 1924.









Passada a Revolução de 1930, a publicação humorística se mostrava satisfeita com a nova situação, mostrando o 15 de Novembro de 1930, com o Jeca, travestido de revolucionário, feliz e sorridente, ao ver os políticos desempregados, imaginando que aquela sim seria a república dos seus sonhos<sup>104</sup>. No momento da desagregação da ditadura estado-novista, o povo brasileiro aparecia adoentado em um hospital, lamentando por ter passado quinze anos tomando o medicamento errado, em alusão ao período de governo de Getúlio Vargas, entre 1930 e 1945<sup>105</sup>. Em referência à preponderância do militarismo na vida brasileira, a *Careta* promoveu o imaginário reencontro entre Deodoro da Fonseca e uma já madura dama republicana, na qual o primeiro dizia que utilizara a espada para promover o derruir monárquico, ao passo que ela retorquia, dizendo que, desde então, a tal arma nunca mais teria sido recolhida<sup>106</sup>. Um outro encontro imaginativo foi realizado entre o proclamador da república e o Presidente Getúlio Vargas, o qual aparecia de barrete frígio, em alusão à data cívica comemorada, com ambos travando um lacônico diálogo, em que este perguntava como estaria a república, ao que o outro respondia que estava “irreconhecível”, mantendo-se a perspectiva da tão idealizada “república dos sonhos”<sup>107</sup>.

---

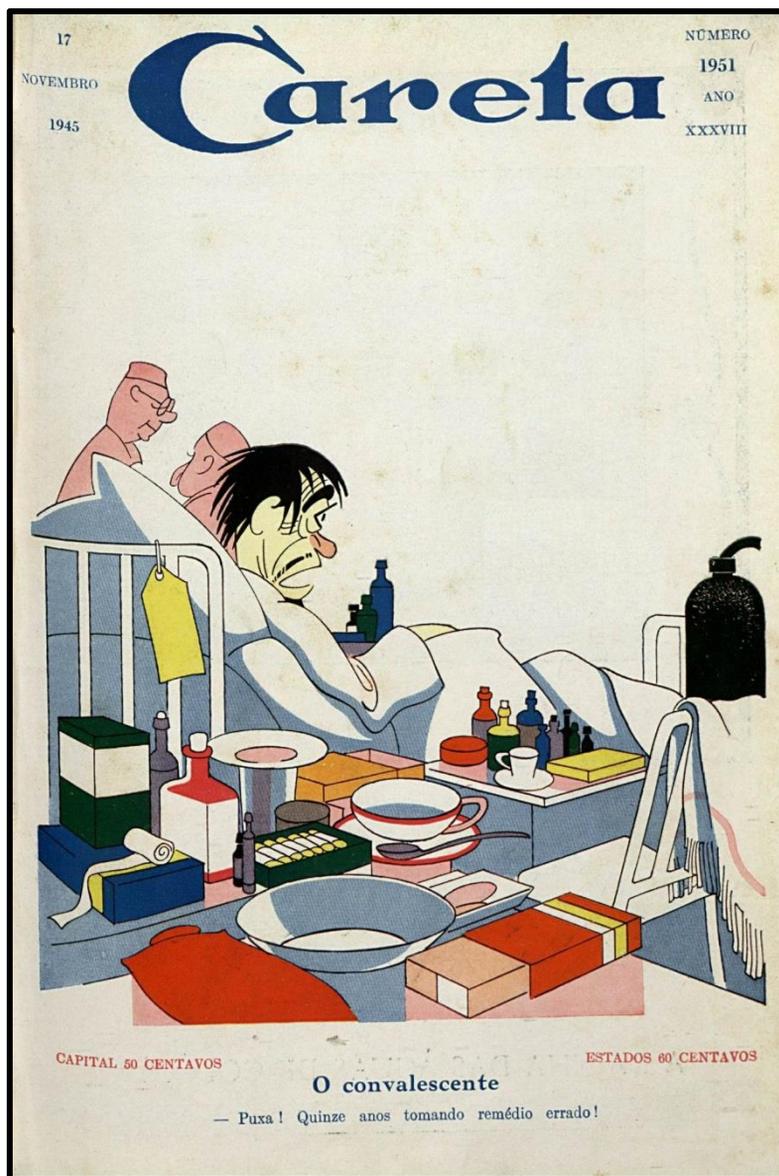
<sup>104</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1930.

<sup>105</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 nov. 1945.

<sup>106</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 17 nov. 1951.

<sup>107</sup> CARETA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1952.







O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



Outra revista ilustrada editada no Rio de Janeiro, caracterizando-se pela perene duração, foi a *A Ilustração Brasileira*, que circulou entre 1909 e o final do decênio de 1950. Durante sua trajetória, passou por diferentes etapas, como da gênese até os anos 1910, entre as décadas de 1920 e 1930 e a partir de 1935, nas quais enfrentou crises, suspensões de edição e remodelações nos planos editoriais e na feitura gráfica. O primor técnico foi uma de suas principais características, mantendo o seu caráter amplamente ilustrado por meio da inserção de fotografias, ilustrações e reproduções de obras de arte. Também estabeleceu em suas feições uma significativa preocupação estética, apresentando impressão em grande formato e em papel especial. Sua pauta editorial era bastante diversificada, publicando crônicas, poesias, contos, ilustrações, fotorreportagens, artes, letras, doutrinação política e religiosa, além de exaltação de personagens históricos e matérias envolvendo economia, crítica literária e de artes, comportamento, moda, decoração de residências e interiores, festas, recepções sociais, aspectos da sociedade, monumentos e espaço urbano, fosse no âmbito nacional ou mesmo no internacional<sup>108</sup>.

*A Ilustração Brasileira* participou diretamente das comemorações de datas cívicas referentes à formação histórica brasileira, como foi o caso do centenário da independência e do cinquentenário da república. Nesse sentido,

---

<sup>108</sup> LEHMKUHL, Luciene. Arte em revista: obras de arte publicadas na revista *Ilustração Brasileira*. In: VALLE, Arthur & DAZZI, Camila (orgs.). *Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República*. Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010. p. 330.; e LOPES, Lara. O cigarro em propaganda na revista *Ilustração Brasileira*: uma experiência estética. In: *Visualidades*, Goiânia v.13 n.1, jan-jun 2015, p. 282-283.

em suas capas também trouxe inserções acerca da data nacional alusiva à forma de governo. Foi assim que estampou o quadro de Henrique Bernadelli, com a cena de Deodoro da Fonseca proclamando a república<sup>109</sup>. A silhueta da dama republicana, amparada no escudo com as armas nacionais e com a espada em uma das mãos, foi a forma da revista homenagear outra passagem do Dia da Proclamação da República<sup>110</sup>. Durante o Estado Novo, a abordagem em termos cívico-patrióticos ganhou ainda mais espaço, como foi o caso da silhueta da efígie do proclamador que adornava outra das capas da magazine<sup>111</sup>. A dama republicana voltava a ter sua presença em outra edição, dessa vez sem o barrete e trajando uma armadura medieval, com amplo destaque para a enorme bandeira que empunhava<sup>112</sup>. Outra ilustração foi composta por dois pavilhões nacionais alinhados com o alvorecer do sol, em sinal de propaladas previsões positivas para com o futuro do país<sup>113</sup>. A efígie da dama do barrete frígio foi lembrada em outra capa alusiva ao Dia da República<sup>114</sup>. Já durante a redemocratização, uma figura alada mantinha a noção da nacionalidade, ao sustentar uma enorme bandeira<sup>115</sup>. Um soldado de fuzil em punho punha-se à frente e protegia a “mãe-pátria”, que sustentava em um braço o seu filho e, no

---

<sup>109</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1909.

<sup>110</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, 15 nov. 1910.

<sup>111</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1941.

<sup>112</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1942.

<sup>113</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1943.

<sup>114</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1944.

<sup>115</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1946.

outro, a bandeira nacional<sup>116</sup>. A figura de Rui Barbosa era rememorada, com a publicação de seu retrato, em referência a uma idealizada “verdadeira república”, que tal personagem poderia ter vindo a representar<sup>117</sup>.

---

<sup>116</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1947.

<sup>117</sup> A ILUSTRAÇÃO BRASILEIRA. Rio de Janeiro, nov. 1949.

Este número contém, além do texto de 24 páginas: *Supplemento Folhetim*, A peça em 2 actos de Dr. Medeiros e Albuquerque—*O Escandalo* (texto completo) 16 páginas — o *supplemento artístico*— *Página dupla* — *O Assauro do bulbo Republicano*.

# A ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

PREÇO DO NÚMERO : 18000      SEGUNDA-FEIRA, 15 DE NOVEMBRO DE 1909      1.º ANNO — N. 12



15 DE NOVEMBRO

Quadro do pintor brasileiro Henrique Bernardelli — que se acha no salão de honra do ministerio da Guerra

ESTADO DA PARANÁ DOS DEPUTADOS  
BIBLIOTHECA

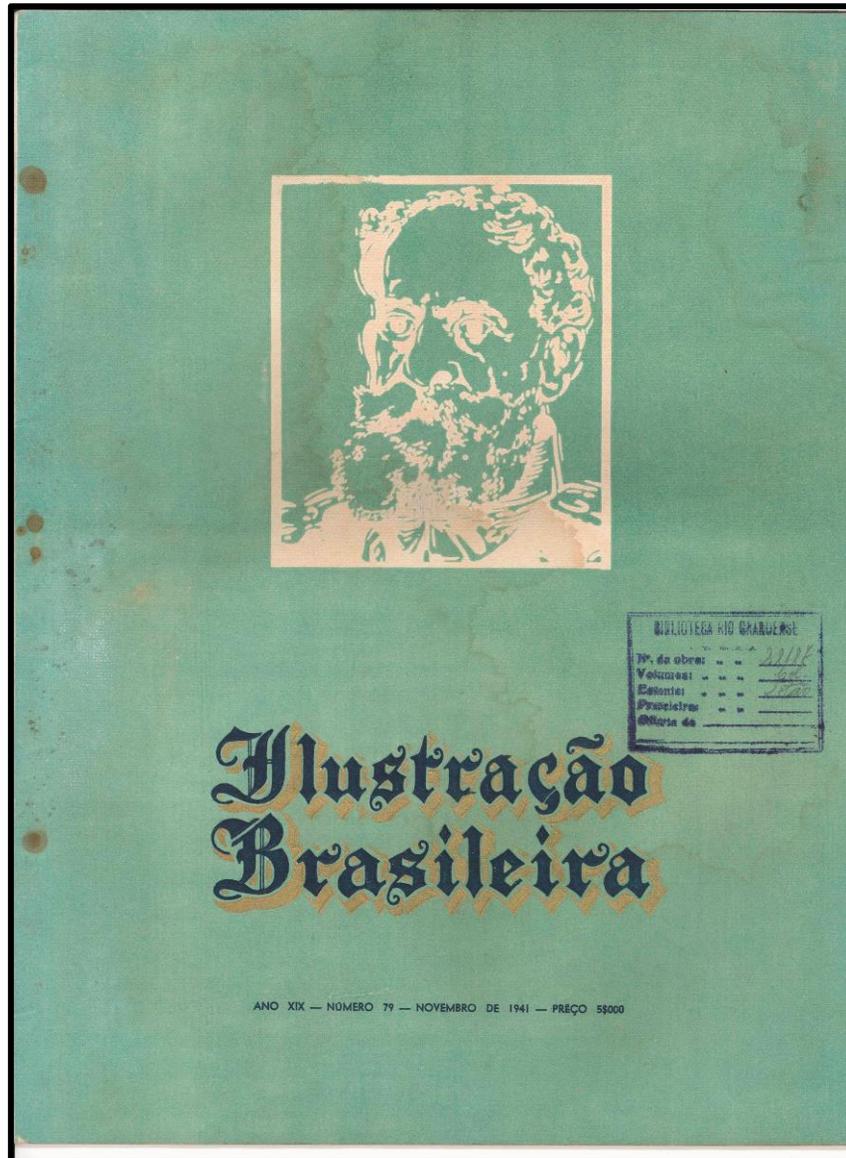
Este numero contém, além do texto de 20 paginas: — *Dois supplementos-folhetim* — O romance  
823 (novas aventuras de Argenio Lopez) romance de Maurício Leblanc (6 paginas).  
A peça de Paul Gavarni — *A Chocadeira* (16 paginas) — Supplemento artistico (pagina  
dupla) — *A arte no Brazil*.

# A 1LLUSTRACÃO BRAZILEIRA

PREÇO DO NÚMERO: 18000 QUARTA-FEIRA, 16 DE NOVEMBRO DE 1910 2º ANNO — N. 36



A Proclamação da Republica -- 15 de Novembro de 1889 -- 1910



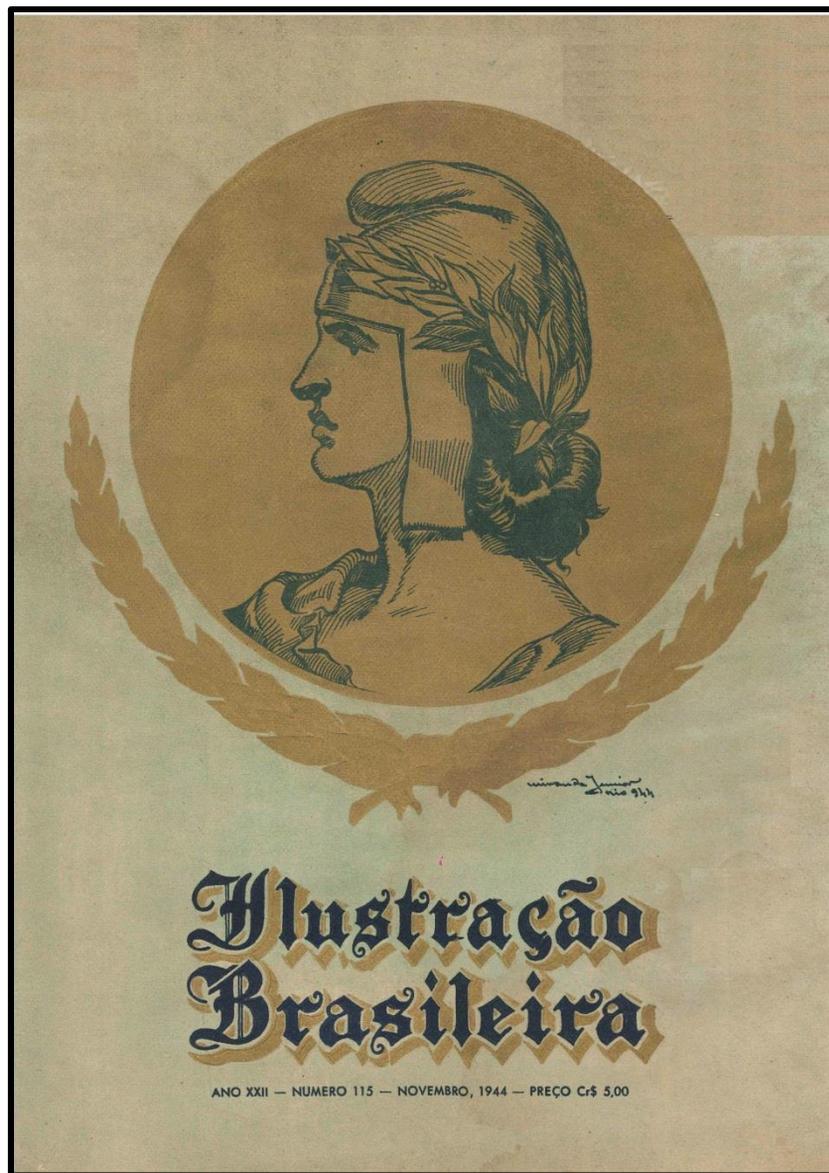
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



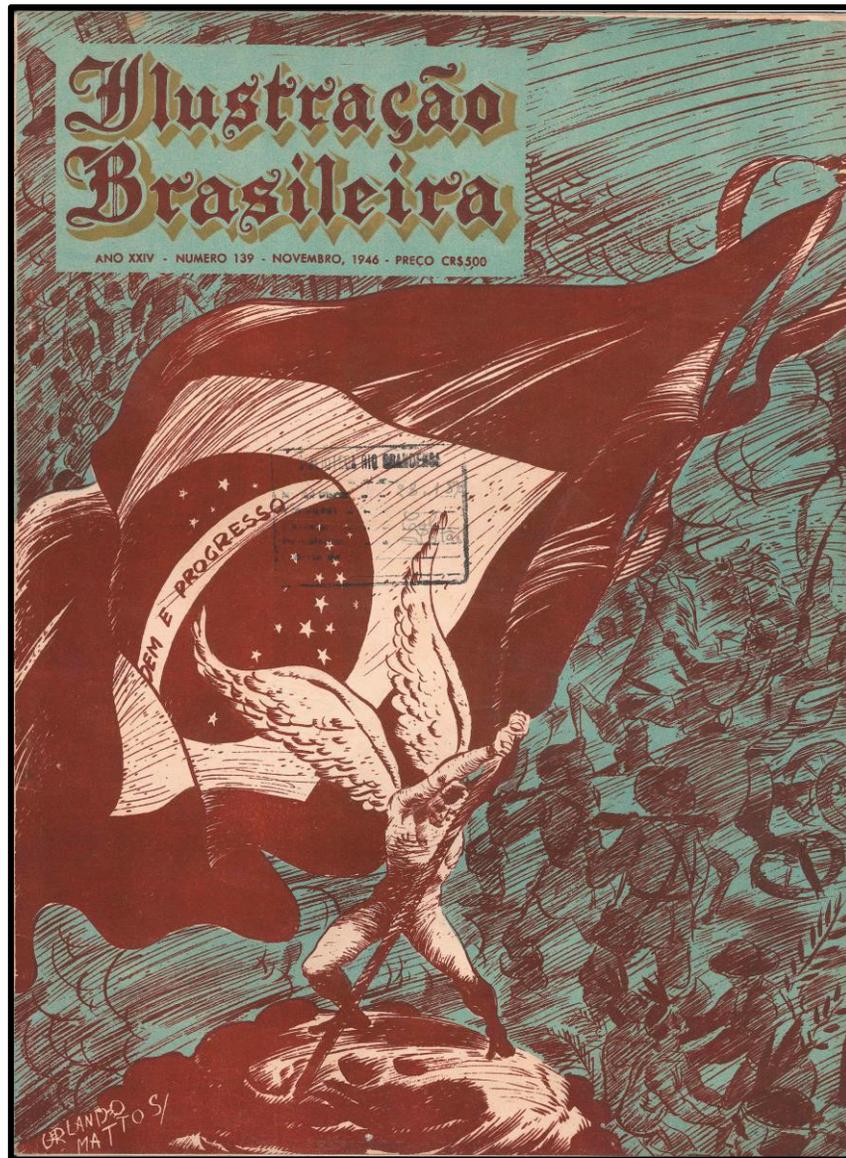
O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA

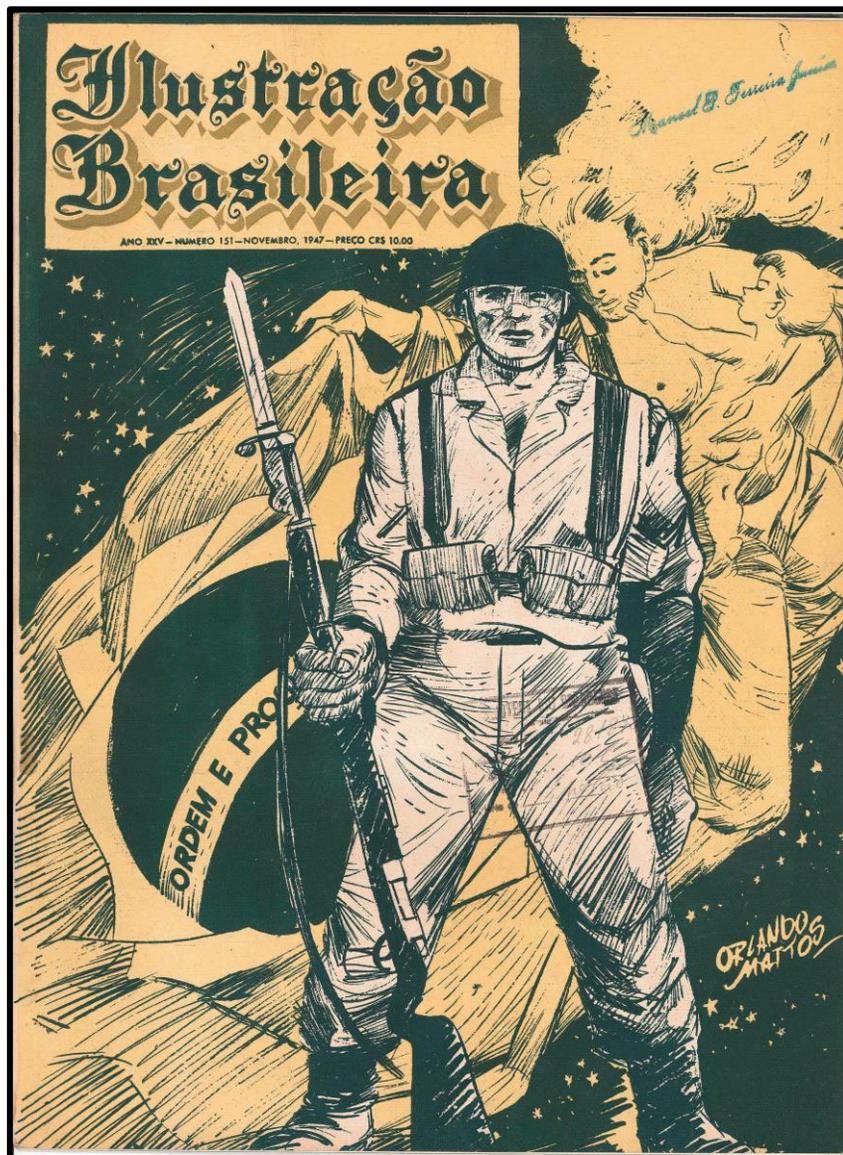


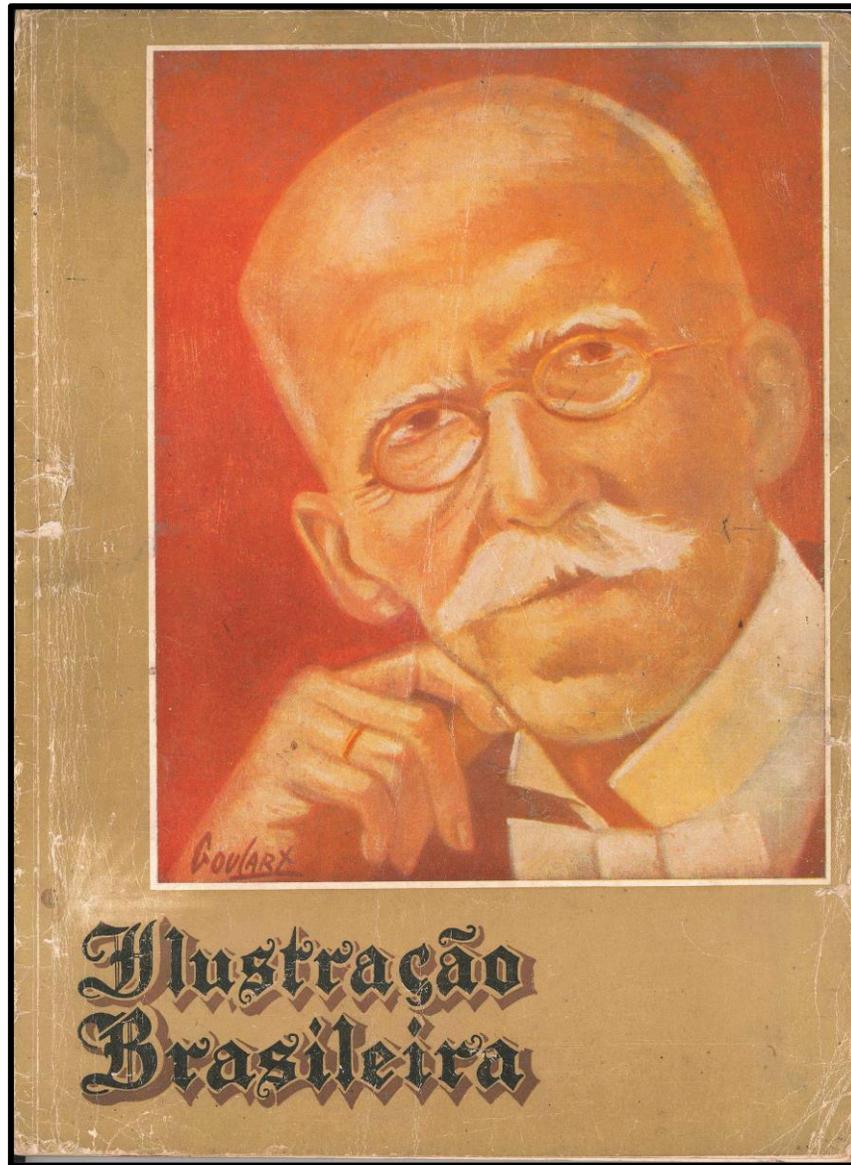
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA







Por quatro décadas, entre 1917 e 1957, foi editada no Rio de Janeiro a revista *Eu sei tudo*, que intitulava a si própria como magazine mensal ilustrado. Seu escopo era divulgar variedades, temas literários e assuntos culturais, como contos, crônicas, poesias, comédias, romances, artes, curiosidades, primores do engenho humano, conhecimentos úteis, ciências e viagens<sup>118</sup>. Passado algum tempo, trocava o seu dístico para magazine mensal ilustrado – científico, artístico, histórico e literário, revelando a continuidade da proposta de uma ampla abrangência em sua abordagem. Como publicação generalista, buscava difundir junto ao público leitor uma variada gama de elementos constitutivos do saber humano, intentando articular, por meio da leitura, as ações de divertimento e de conhecimento, estimuladas a partir das composições textuais e imagéticas.

Em algumas das capas apresentadas em datas próximas ao 15 de Novembro, *Eu sei tudo* trouxe também referências ao Dia da República. Em uma delas, uma figura feminina, em alusão à pátria republicana, ou mesmo à sabedoria e à imprensa, distribuía a leitura em meio a um público em geral, formado por homens, mulheres e crianças<sup>119</sup>. Em outra, uma jovem dama republicana, empunhava espada e escudo, em defesa da nação, perante o contexto bélico que então dominava o mundo<sup>120</sup>. A liberdade e o conhecimento jornalístico, representada por alegoria alada feminil, que erguia um exemplar da

---

<sup>118</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, jul. 1917; e ago. 1917.

<sup>119</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1917.

<sup>120</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1918.

própria magazine, era representada em outro mês de novembro<sup>121</sup>. A nacionalidade, simbolizada por uma mulher coberta com o pavilhão nacional, foi o mote de outra edição<sup>122</sup>. Em meio a outras alegorias, a dama do barrete frígido carregando uma grande bandeira brasileira era o destaque de outra capa<sup>123</sup>. O “15 de Novembro de 1889” era saudado com outra imagem feminina carregando um ramalhete de flores e posando diante do pavilhão do país<sup>124</sup>. Outra representação alegórica feminil, no caso em referência à entidade que espalhava a luz do conhecimento pelo mundo, servia para ilustrar outra edição aos meses de novembro<sup>125</sup>. O espírito cívico e patriótico era reforçado no período posterior à Revolução de 1930, com a presença de um menino que, em meio a uma chuva de flores, fazia tremular a bandeira brasileira<sup>126</sup>.

---

<sup>121</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1919.

<sup>122</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1920.

<sup>123</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1922.

<sup>124</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1923.

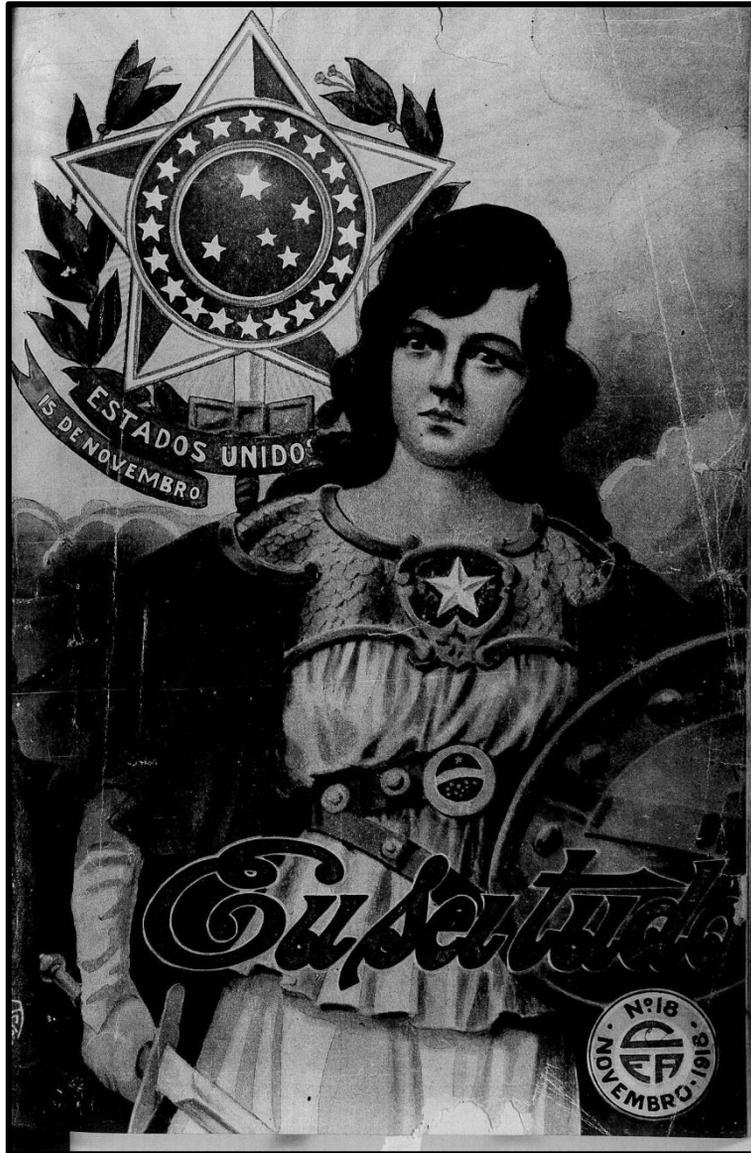
<sup>125</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1928.

<sup>126</sup> EU SEI TUDO. Rio de Janeiro, nov. 1931.

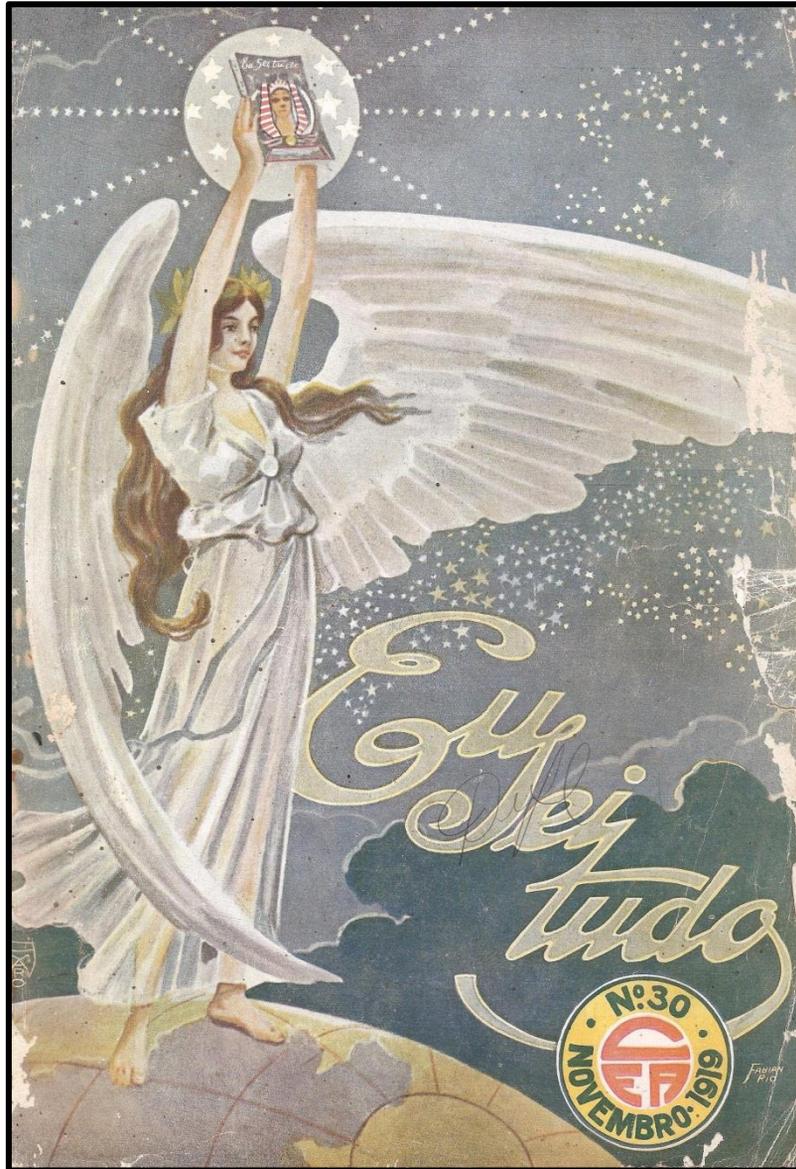
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA



FRANCISCO DAS NEVES ALVES







O DIA DA REPÚBLICA E A IMPRENSA PERIÓDICA







Desse modo, as revistas publicadas no Rio de Janeiro levaram ao público leitor variadas informações/opiniões a respeito da propalada relevância cívica do 15 de Novembro, fosse comentando a efeméride em si, fosse divulgando os atos solenes e festivos realizados a cada comemoração. Em geral, prevaleceu o enfoque embasado em pressupostos cívico-patrióticos, de exaltação do passado, para que as ações dos personagens pretéritos servissem de exemplo para a sociedade contemporânea, com a inserção constante de personalidades consideradas históricas, com ênfase para Deodoro da Fonseca, assim como a dama do barrete frígio – tradicional alegoria republicana – também teve seu espaço, além de outras representações que trouxessem consigo alguma inspiração em torno de sentimentos para com a pátria. De acordo com o próprio padrão editorial e bastante articuladas com a conjuntura histórica de cada época, como foi o caso dos períodos de maior liberdade de expressão ou os de intensa repressão e censura, as longevas revistas cariocas revisitaram o Dia da República, criando em suas capas representações iconográficas que designassem a efeméride em pauta.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



# Coleção Documentos

A **Coleção Documentos** tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.

CENTRO DE  
LITERATURAS  
E CULTURAS  
LUSÓFONAS  
E EUROPEIAS  
**CLEPUL**  
Faculdade de Letras da  
Universidade de Lisboa



**FCT**  
Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

